

Mestrado em Ciências do Desporto
Treino Desportivo

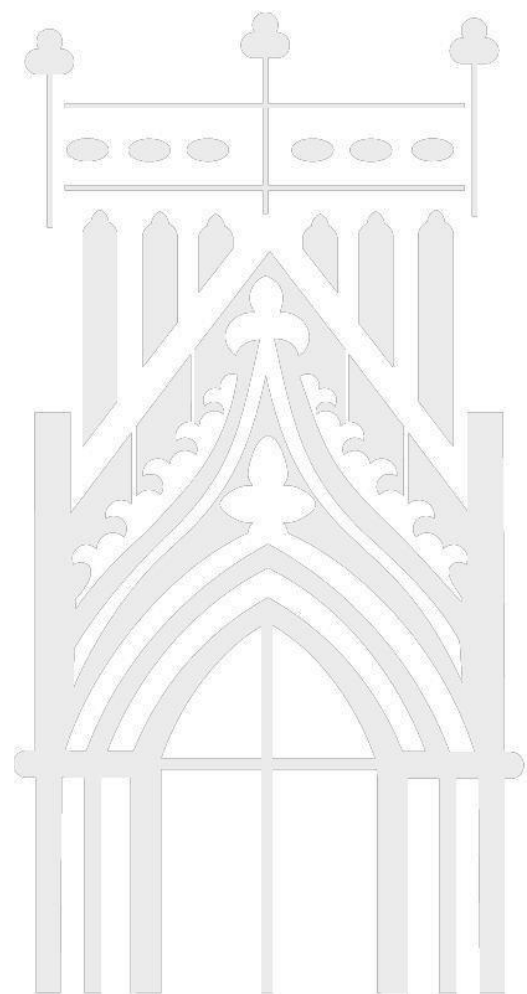
Perceção sobre as competências do
treinador de Desportos de Combate

Fernando Casimiro Loio Pinto

dezembro | 2015



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto





Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Perceção sobre as competências do treinador de Desportos de Combate

Análise comparativa da autoperceção entre treinadores *experts*, em função da formação académica na área do desporto, e a perceção por parte dos atletas

Dissertação de Mestrado em Ciências do Desporto,
na especialidade de Treino Desportivo

Fernando Loio
dezembro 2015



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Projeto de Investigação na área da pedagogia do desporto com o tema *competências dos treinadores de desportos de combate*, realizado pelo mestrando Fernando Loio no âmbito do Mestrado em Ciências do Desporto, na especialidade de Treino Desportivo, sob a orientação do Prof. Doutor Carlos Francisco e coorientação do Mestre Jorge Casanova.

Agradecimentos

É com satisfação que manifesto os reconhecidos agradecimentos:

À minha estimada família pelo apoio, incentivo e motivação para a realização deste projeto de mestrado e de todo o percurso académico;

Aos professores do curso de Mestrado em Ciências do Desporto e em geral da área do Desporto da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto - Instituto Politécnico da Guarda pelas competências e conhecimentos que adquiri;

Aos colegas que me acompanharam e colaboraram nos trabalhos durante todo o percurso académico;

Aos treinadores, aos meus atletas e atletas em geral pela predisposição na colaboração deste projeto científico.

Dedicatória

Esta dissertação de Mestrado é dedicada com estima à memória da minha querida Mãe, *Maria Rosa Ramos Casimiro Loio Pinto*.

Resumo

Este estudo teve como objetivo: saber e comparar a percepção sobre as competências do treinador de Desportos de Combate, autopercecionadas por treinadores *experts* em função da formação acadêmica na área do desporto e percecionadas por atletas; refletir sobre o atual modelo de reconhecimento e formação de treinadores de Desportos de Combate. A amostra foi constituída por 30 treinadores com 10 ou mais anos de experiência profissional nas diferentes modalidades (*Full Contact, Taekwondo, Karate, Boxe, Muay Thai, Kickboxing, Luta Livre, Ultimate Full Contact, Free Fight, Pancrácio, Judo, Jiu Jitsu e MMA*), sendo que 15 têm formação acadêmica na área do desporto, e por 112 atletas seniores das referidas modalidades. Os dados foram obtidos pela aplicação do questionário - *Percepções sobre qualidades do treinador* (Francisco, C.M. & Casanova, J., 2011) e analisados através da estatística descritiva e inferencial pelo programa *SPSS*. Da análise dos resultados, verificou-se haver concordância relativamente à ordem de percepção dos três fatores das competências, correspondentes às vinte qualidades percecionadas no questionário: 1º capacidade técnico-tática e gestão psicológica; 2º liderança; 3º ética profissional. Foram os treinadores com formação acadêmica que mais valorizaram cada uma das referidas competências, seguindo-se dos atletas e por último os treinadores sem formação acadêmica. Na análise das diferentes qualidades referentes às vinte questões, ressalta-se que os treinadores sem formação acadêmica apresentam uma percepção de cariz mais tecnicista, ou seja, técnico-metodológico, enquanto a percepção dos treinadores com formação acadêmica demonstra um pensamento proeminentemente sustentado em conhecimentos científico-pedagógicos, contudo, articulado com um pensamento técnico-didático. A ética profissional, embora como fator de valor médio mais baixo no presente estudo, apresenta no entanto uma das suas qualidades (ser responsável) como a mais valorizada pela totalidade da amostra. Em conclusão, a variável formação acadêmica revelou ser qualificadora da intervenção profissional, elevando a homogeneidade e grau de percepção das diferentes competências e melhorando a concordância percetiva com os atletas, nomeadamente ao nível da liderança, melhorias indispensáveis para o sucesso da intervenção pedagógica.

Palavras-chave: Formação acadêmica; Experiência profissional; Competências; Treinador; Desportos de Combate.

Abstract

This study aims to examine and compare the required competences of the combat sports coach, perceived not only by the coaches themselves, distinguished on the basis of their academic training in sports or physical education, but also by their athletes. In addition, intends to be an analytical reflection of the current national coach's recognition and training model. Thus, the survey targeted coaches and athletes of combat sports, resulting on a sample of 30 experienced coaches (with 10 or more years of professional experience) of different combat sports styles (Full Contact, Taekwondo, Karate, Boxing, Muay Thai, Kickboxing, Freestyle Wrestling, Ultimate Full Contact, Free Fight, Pankration, Judo, Jiu Jitsu and MMA), of which 15 have academic training in sports, and 112 senior athletes. Data were attained through the implementation of the questionnaire – Perceptions about the required competences of sports coaches (Francisco, C.M. & Casanova, J., 2011), and analyzed using descriptive and inferential statistics by SPSS. Data analysis revealed concordance regarding the perception level of the three core competences that were distributed by the twenty questions presented to the sample, namely: 1st technical-tactical capacity and psychological management, 2nd leadership, and 3rd professional ethics; it was shown that the expert coaches with an academic degree in sports were the ones that most valued each of the previously mentioned core competences, followed by the athletes and, at last, the expert coaches without academic training in sports/ physical education. With regard to the studied competences, stands out that the coaches without academic training in sports have a more technical and methodological approach based on their practical knowledge, while the competences perception of coaches with academic training demonstrates an approach prominently sustained in a scientific and pedagogical knowledge, combined with a technical-didactic thought as a result of acquired skills in both academic context and professional experience. The professional ethics, though as average factor lower in this study, has however one of its qualities (be responsible) as the most valued by the entire sample. In conclusion, the academic training in sports/ physical education proved to be qualifying in the professional intervention, not only by increasing the perception level's homogeneity of the different competences, but also by improving the accordance of perceived competences between coaches and athletes, especially concerning leadership; both results being key factors for success of pedagogical intervention in combat sports.

Keywords: Academic training; Professional experience; Competences; Coach; Combat Sports.

Abreviaturas e siglas

Abreviaturas

A. Académica
Acad. Académica
Cap. Capacidade
Desp. Desporto
F. Formação
Form. Formação
L. Liderança
Q Questão
T. Treinadores
Vs *Versus*

Siglas

a.C. Antes de Cristo
COI Comité Olímpico Internacional
CTD Cédula Treinador Desportivo
CTTGP Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica
EF Educação Física
EP Ética Profissional
FA Formação Académica
FPFC Federação Portuguesa de Full Contact
IDP Instituto do Desporto de Portugal
IPDJ Instituto Português do Desporto e Juventude
IPF *International Pankration Federation*
ITF *International Taekwondo Federation*
MMA *Mixed Martial Arts*
PLP *Professional League of Pankration*
PNFT Plano Nacional de Formação de Treinadores
SPSS *Statistical Package for the Social Sciences*
TPTD Título Profissional de Treinador Desportivo
UIPDA *L'Union Internationale de Pancrace et Disciplines Associées*
UPD Utilidade Pública Desportiva
WPAF *World Pankration Athlima Federation*
UWW *United World Wrestling*
WTF *World Taekwondo Federation*
WUFC *World Ultimate Full Contact*

Índice

Agradecimentos	iii
Dedicatória.....	iv
Resumo	v
Palavras-chave:.....	v
Abstract.....	vi
Keywords:.....	vi
Abreviaturas e siglas.....	vii
Introdução	1
PARTE I.....	7
1 Revisão da literatura.....	8
1.1 Breve perspetiva histórica das lutas.....	8
1.1.1 Caracterização dos Desportos de Combate em Full Contact.....	10
1.2 Treinador e competências	14
1.3 Liderança	22
1.4 Capacidade técnico-tática e gestão psicológica	28
1.5 Ética profissional	31
1.6 Relação Treinador – Atleta	33
PARTE II.....	36
2 Metodologia	37
2.1 Caracterização da amostra	37
2.2 Caracterização dos instrumentos de avaliação.....	40
2.3 Procedimentos de recolha dos dados	43
2.4 Procedimentos de tratamento de resultados	43
2.5 Limitações.....	44
PARTE III	45
3 Resultados e Discussão	46
3.1 Tratamento e análise dos resultados	47
3.1.1 Médias referentes à perceção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos atletas.....	48

3.1.2	Médias referentes à autoperceção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto	49
3.1.3	Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto	52
3.1.4	Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percecionadas em função dos treinadores e dos atletas.....	60
3.1.5	Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percecionadas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto e dos Atletas	63
3.1.6	Médias referentes à perceção por questão/qualidades e fatores das competências em função da totalidade da amostra (treinadores e atletas).....	65
3.2	Discussão	67
	Conclusão	79
	Hipóteses.....	81
	Reflexão crítica	82
	Recomendações	83
	Prolongamentos	84
	Bibliografia.....	85
	ANEXOS	91

Índice de Figuras

Figura 1 - Modelo multidimensional de liderança no Desporto (Chelladurai, 1990).....	26
Figura 2 - Modelo de Comportamentos Ansiogénicos do Treinador (Serpa, 1997)	27

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Relação Atletas Treinadores	38
Gráfico 2 - Caracterização dos treinadores quanto ao género	39
Gráfico 3 - Caracterização dos atletas quanto ao género.....	39
Gráfico 4 – Médias de perceção por questão/qualidades em função dos atletas.....	48
Gráfico 5 - Médias de autoperceção por questão/qualidades em função dos treinadores com formação académica em desporto/educação física	50
Gráfico 6 - Médias de autoperceção por questão/qualidades em função dos treinadores sem formação académica em desporto/educação física	51

Gráfico 7 – Médias ética profissional em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.....	55
Gráfico 8 – Médias liderança em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.....	55
Gráfico 9 – Médias cap. técnico-tática e gestão psicológica em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.	56
Gráfico 10 - Comparação de médias das competências entre os dois subgrupos de treinadores	57
Gráfico 11 - Comparação da dispersão das respostas em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.	59
Gráfico 12 - Comparação de médias das competências entre treinadores e atletas	61
Gráfico 13 - Comparação da dispersão das respostas em função dos treinadores e dos atletas.....	62
Gráfico 14 – Comparação de Médias das competências entre treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e os Atletas	64
Gráfico 15 - Médias de percepção por questão/qualidades em função da totalidade da amostra	66
Gráfico 16 - Médias dos fatores das competências em função da totalidade da amostra66	

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Responsabilidades e competências inerentes a cada grau, segundo o modelo PNFT	21
Tabela 2 - Análise descritiva dos itens do questionário	41
Tabela 3 - Estatística da escala	42
Tabela 4 - Análise fatorial	42
Tabela 5 - Médias dos fatores das competências em função de treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e dos Atletas	49
Tabela 6 - Questões/qualidades referentes às médias mais altas em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.....	53
Tabela 7 - Comparação de médias dos fatores das competências em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.....	54
Tabela 8 – Significância entre os subgrupos de treinadores pelos fatores	56
Tabela 9 - Valores entre os dois subgrupos de treinadores	57
Tabela 10 - Valores das competências dos treinadores e dos atletas.....	60
Tabela 11 - Significância entre treinadores e atletas pelos fatores.....	61
Tabela 12 - Competências em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e dos atletas	63
Tabela 13 – Significância entre treinadores com formação acadêmica em desporto e Atletas pelos fatores.....	64

Tabela 14 - Significância entre treinadores sem formação acadêmica em desporto e os Atletas pelos fatores.....	65
Tabela 15 - Fatores das competências por ordem decrescente	68
Tabela 16 – As cinco médias mais altas com as respetivas questões/qualidades.....	69

Introdução

O fenómeno desportivo ocupa um lugar proeminente na sociedade atual, contribuindo para o seu desenvolvimento global, daí a necessidade de incrementar a importância atribuída ao papel do treinador, aos seus conhecimentos e suas competências “... a capacidade de ação no desporto elege como indispensável o seu contributo para a formação do homem...” (Bento, 1998: 127).

A intervenção do treinador no processo de ensino/treino e de competição é essencialmente sustentada nos aspetos cognitivos com processos multifacetados desenvolvidos em diferentes contextos de prática, requerendo assim o domínio de elevados e exigentes conhecimentos e competências. Conforme afirma Araújo (1994), a profissão de treinador exige um conhecimento multidisciplinar, tornando-se evidente e imprescindível o conhecimento inerente à técnica, tática e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize, assim como a capacidade de dominar a intervenção pedagógica, a aplicação de métodos de ensino e estimular interesse e motivação nos alunos ou atletas. Por outro lado, a aptidão para a perfeita execução das habilidades técnico-táticas das respetivas modalidades (saber-fazer) por parte do treinador, representa também um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem ou treino-*performance*, consubstanciando o alto domínio técnico-tático numa demonstração técnica mais relevante, logo mais motivadora e de melhor compreensão e assimilação para o atleta.

Sendo assim, as competências profissionais devem ser alvo de investigação científica, com o objetivo de as compreender e aprimorar o seu desenvolvimento, requisitos necessários para ter êxito numa sociedade de conhecimento. A competência profissional envolve a capacidade que o professor/treinador tem para articular o conhecimento teórico à sua prática profissional (Magalhães *et al.*, 2009). Trata-se assim da capacidade de representar na prática um domínio de princípios teóricos ou seja, aplicar conhecimentos de conceitos teóricos na operacionalização do desporto e atividades físicas em contextos de organização, ensino/treino e competição.

É importante frisar, o treinador é um agente de ensino com bastante responsabilidade na sociedade, ao qual são exigidas tarefas de treino/educação/formação com a finalidade de proporcionar o desenvolvimento humano e desportivo. Em virtude de desempenharem adequadamente e com sucesso o papel de treinadores, estes devem desenvolver capacidades essenciais e competências pessoais, tais como o conhecimento e a aptidão técnico-tática, a liderança, a comunicação, o aconselhamento, a motivação, a organização, a gestão, a implementação, o planeamento, a orientação, a observação e avaliação, a interação, a capacidade de reflexão crítica, a criatividade e a responsabilidade pessoal. De facto, de acordo com Araújo (1994), o treinador tem por dever estar permanentemente atualizado, participando em ações de formação, investigando e fazendo autoestudo, com o propósito de promover a formação integral dos atletas e cumprir o papel de promotor e desenvolver o desporto.

Efetivamente, o treinador deve adquirir e desenvolver uma série de competências ao nível das ciências do desporto, nomeadamente na área da metodologia do treino e da pedagogia, necessárias para exercer a atividade – “...conhecimentos (saberes), aptidões (saberes-fazer) e atitudes (saberes-ser, sociais e relacionais) ” (Plano Nacional de Formação de Treinadores IDP, 2010). Estes aspetos compõem-se essencialmente de: saberes técnico-táticos relacionados com os conhecimentos específicos da modalidade – habilidades e suas condicionantes a nível da biomecânica e controlo motor; condicionamento físico, relacionado com os exercícios e métodos, respeitando os princípios biológicos e científicos do treino; saberes pedagógicos, psicológicos, socioafetivos e culturais, organizacionais, éticos e deontológicos.

Porém, uma das preocupações que se coloca é como reconhecer, adquirir e desenvolver as competências dos treinadores de Desportos de Combate. De acordo com o Plano Nacional de Treinadores (IDP, 2010, atualmente designado por IPDJ), a formação dos treinadores deve desenvolver-se dividida pelas componentes de formação geral, específica e estágio profissional, ficando a organização, condução e avaliação a cargo das respetivas federações desportivas (UPD) e mais recentemente também a cargo de instituições, sem UPD, que venham a ser reconhecidas e a constituir-se como interlocutores do IPDJ para regulamentar novas modalidades. Com efeito, a delegação destes poderes nas diferentes instituições desportivas por parte do estado, tem gerado monopólios por parte dessas, que se servem dos privilégios de que usufruem para

condicionarem a filiação e reconhecimento de muitos profissionais, sobrepondo outros interesses às competências de facto, obrigando as pessoas (praticantes, atletas, treinadores...) a estarem ao seu serviço e das próprias modalidades, quando deveria ser o contrário, comprometendo assim os ideais do Desporto. Situação alarmante que vai ao encontro do raciocínio observado por Pires (2007: 226):

“...nos últimos anos, o processo de desenvolvimento tem evoluído nas maiores contradições. A partir de uma anacrónica desresponsabilização do Estado das suas inalienáveis responsabilidades, num liberalismo perfeitamente selvagem, tem-se vindo a promover a transferência para o movimento desportivo de todo um conjunto de competências que, para além de estarem a promover injustiças sociais, estão a criar um monopólio que questiona os princípios da livre concorrência que devem presidir à organização social da União Europeia”.

Além disso, o atual modelo não dá a devida relevância à formação académica e à avaliação curricular no âmbito desportivo, ou seja, no que respeita à progressão da carreira de treinador, não é considerado em nenhum dos graus o requisito de formação académica, assim como, no que respeita ao reconhecimento de grau de treinador, não são observadas as competências adquiridas em contexto profissional como resultantes da prática prolongada e das experiências relevantes. Na verdade, tratam-se de observações com contributo indubitável no desenvolvimento humano e das distintas modalidades, independentemente dos agentes desportivos estarem vinculados a federações nacionais desportivas (UPD) ou destes serem acreditados por cursos de fim-de-semana outrora realizados nas ditas federações, pois o facto de terem ou não UPD não tem evidenciado ser fator preponderante na elevação do grau de competência dos agentes desportivos ou na notoriedade das suas atividades. Por outro lado, o Desporto desenvolve-se hoje há escala global através duma dinâmica sistémica e contingencial, em que os agentes desportivos nacionais desenvolvem uma elevada diversidade de Artes Marciais/Desporto de Combate em cooperação direta com credíveis instituições internacionais com quadros teóricos diversificados, exigindo assim dominar conhecimentos e competências específicas, inerentes aos diferentes contextos, tecnologias, culturas e dinâmicas. No presente contexto, reforça-se a necessidade de proceder a algumas reformulações normativas na política desportiva, para que as competências sejam de facto reconhecidas e melhoradas através de processos mais racionais e exequíveis que satisfaçam as reais

necessidades observadas de acordo com as mudanças sociais. Problema que legitimam a pertinência de investigação científica continuada que conduza à aquisição de novos conhecimentos, benéficos para que seja possível evoluir em termos de desenvolvimento e organização do desporto de forma equitativa e sustentada.

Objetivando avaliar as competências, recorre-se neste estudo à análise das competências através da autoperceção, consubstanciada numa capacidade de sensibilidade e autoavaliação das próprias competências, classificada como um fator preponderante da competência dos treinadores. Na verdade, Rosado (2000) define perceção de competência como o sentimento que o indivíduo revela em relação às suas capacidades para desempenhar funções profissionais, tendo em conta os conhecimentos adquiridos e as experiências acumuladas no campo de sua especialização. Esta menção vai ao encontro de Nascimento (1999), que argumenta que “o sucesso profissional depende tanto da utilização adequada de conhecimentos e procedimentos quanto do sentimento de domínio (segurança) manifestado em relação aos conhecimentos e habilidades inerentes ao desempenho profissional”. Ergue-se assim a pertinência deste estudo – tentar perceber através da análise da autoperceção dos treinadores, quais as qualidades ou competências que os treinadores experientes nos Desportos de Combate mais valorizam na sua intervenção, mas também como os atletas dos Desportos de Combate as percecionam, podendo as conclusões subsidiar novas perspetivas para a organização e condução do processo de formação dos treinadores de desportos de combate e contribuir para melhorar a relação entre treinadores e atletas, consubstanciando num processo ensino-aprendizagem ou treino-*performance* mais eficaz.

Consequentemente, tendo em conta as opiniões dos seguintes autores:

Jones *et al.* (2003) dizem que a promoção da aprendizagem e a evolução dos treinadores como *expert* deve-se à experiência profissional. Por sua vez, Demers *et al.* (2006) mencionam que a formação académica tem-se revelado ser qualificadora da intervenção profissional, devido ao suporte pedagógico e didático dos cursos de Desporto.

Por outro lado, alguns autores como Smoll e Smith (1984) salientam a relação treinador-atleta como determinante na forma como os atletas são afetados pela sua participação no desporto, Serpa (1996) afirma que tanto os atletas como o treinador necessitam de aprender a conhecerem-se, já que a cooperação entre ambos constituirá a

base psicológica da individualização do treino, assim como Lorimer e Jowett (2009), que afirmam que as percepções mútuas do treinador e do atleta e o seu relacionamento representam um papel crucial na motivação para a prática e proporcionam maior satisfação na atividade. Nesta perspetiva, presume-se que o sucesso da aprendizagem e performance por parte dos atletas depende em grande parte do desempenho do treinador e do relacionamento interpessoal entre treinador e atleta que, por sua vez, depende do grau de conhecimento e competência para exercer a função de treinador. Considerando que a formação superior no desporto pode diferenciar os valores e competências, agruparam-se os treinadores em dois subgrupos: um com curso superior na área de desporto ou educação física – licenciatura, mestrado ou doutoramento; e um subgrupo sem formação académica na área do desporto. Os treinadores em estudo são todos possuidores de experiência profissional no ensino / treino nos Desportos de Combate ou Artes Marciais, detentores no mínimo de dez anos de experiência, que segundo Abraham *et al.* (2006), é o valor indicador da posse de uma experiência relevante, considerado expert na modalidade, ou seja, possuidor de mestria profissional.

Perante os conceitos apresentados, pretende-se com o presente estudo responder aos problemas – Será que a autoperceção sobre as competências profissionais que os treinadores *experts* mais valorizam para exercer a atividade varia em função da formação académica na área do desporto? Como se relacionam a autoperceção dos treinadores sobre as competências com a perceção dos atletas sobre as competências que devem ser do treinador? Levantam-se as seguintes hipóteses como respostas prévias – H1 A autoperceção por parte de treinadores *experts*, sobre as competências de um treinador, é indiferente em função da formação académica na área do desporto; H2 A autoperceção dos treinadores sobre as competências é congruente com a perceção dos atletas. Para responder a estas questões, confirmando ou infirmando a validade das hipóteses, estruturou-se um processo de conhecimento com o objetivo de saber e comparar a perceção sobre as competências do treinador de Desportos de Combate, autopercecionado por treinadores *experts*, em função da formação académica na área do desporto ou educação física, e percecionadas por atletas dos Desportos de Combate. Pretende-se também refletir sobre o atual modelo nacional de reconhecimento e formação de treinadores de Desportos de Combate.

Contudo, a área de estudo científico inerente ao presente projeto – a pedagogia do desporto, com o tema *as competências do treinador de Desportos de Combate*, é uma temática motivante e alvo de reflexão crítica mediante a articulação dos resultados obtidos com as competências adquiridas em contexto profissional por parte do seu autor, o qual detém mais de 40 anos de experiência nas Artes Marciais e Desportos de Combate, sendo um dos pioneiros em Portugal das modalidades de *Taekwondo, Full Contact, Muay Thai, Kickboxing, Hapkido, Submission Grappling, Pancrácio, Free Fight, MMA* e principal precursor e impulsionador do *Full Contact, Ultimate Full Contact e Pancrácio*. Da sua longa atividade conta com cerca de duas mil internacionalizações como atleta, mestre, *coach*, selecionador, árbitro, juiz coordenador, *manager*, promotor, diretor técnico, formador, representante e presidente de instituições desportivas. O autor do estudo é ainda possuidor de formações e altas graduações em diferentes estilos de Artes Marciais e Desportos de Combate, além de ser também, em contexto académico, Licenciado em Desporto e Pós-graduado do Mestrado em Ciências do Desporto, na especialidade de Treino Desportivo.

Em síntese, pretende-se, com as variáveis apresentadas, estruturar um processo de conhecimento, ou seja, elaborar um projeto de investigação na área da pedagogia do desporto com o tema *as competências do treinador dos Desportos de Combate*, que conduza à aquisição de novos conhecimentos, pertinentes para melhorar e desenvolver a intervenção pedagógica no processo ensino-aprendizagem ou treino-*performance* nos Desportos de Combate, assim como, contribuir para a organização do processo de reconhecimento e formação de treinadores de Desportos de Combate, de forma mais coerente e ajustado à realidade.

PARTE I

1 Revisão da literatura

Esta parte do estudo incide sobre um conjunto de conceitos relacionados com as lutas e competências do treinador, fundamentado na autoridade de autores que investigaram sobre a temática das competências e da dicotomia treinador-atleta, por forma a caracterizar e contextualizar o tema em causa e apoiar na resolução da problemática em investigação.

Assim, apresenta-se um enquadramento do tema, onde se começa por uma breve perspetiva histórica das lutas e se caracterizam os Desportos de Combate em *Full Contact*. Segue-se uma abordagem sobre a analogia do treinador e competências, os fatores das competências apresentados em três dimensões - Liderança; Capacidade técnico-tática e gestão psicológica; Ética profissional. Por fim, será abordada a Relação treinador-atleta.

1.1 Breve perspetiva histórica das lutas

As lutas corpo-a-corpo surgiram com o aparecimento da espécie humana, foram uma das primeiras formas que o homem utilizou como meio de subsistência e sobrevivência, para se alimentar e defender. A luta adquiriu um carácter prático, religioso, místico, cultural e desportivo ao longo dos anos, sob diversas formas, de acordo com as ideologias e valores dos grupos sociais que a praticam.

A sua maior expressão, durante muitos anos, foi como forma de combate, utilizada por guerreiros em campo de batalha. Seguidamente, começou também a ser utilizada em duelos de gladiadores e como forma de espetáculo a exemplo do que se fazia no coliseu de Roma Antiga.

Os Gregos antigos valorizaram as formas de combate como desporto, contemplando a Luta e o Pugilato em todos os Jogos antigos ou helenos. A junção destas duas formas de combate deu origem ao Pancrácio, modalidade introduzida nos Jogos Olímpicos na 33ª olimpíada (648 a.C.) (Renault, 1999). Numa cultura em que o desporto era a razão central da vida coletiva, a luta assumia um caráter de competição e de superação, “agôn”, em busca da excelência, “areté”, compreendido como um conjunto de qualidades físicas, espirituais e morais (bravura, coragem, heroísmo guerreiro, honra, glória, vontade de vencer, força, destreza), com o objetivo de atingir a excelência moral e física, formando o homem como cidadão. De acordo com Pires (2007: 14), no mundo grego era impossível separar a palavra “agôn” da tríade jogo, festa e sagrado. Assim, ao cultivarem o gosto pela luta, os gregos desenvolviam o talento e vocação através da competição/combate leal, fazendo deles pedagogos tremendamente eficazes, porque, segundo as palavras do filósofo Friedrich Nietzsche citado pelo mesmo autor,

“a competição «desencadeia o indivíduo» ao mesmo tempo que o reprime e o disciplina, segundo o jogo sagrado das leis eternas. Assim, em defesa da «nobreza de espírito», o sentimento que deve resultar da disputa entre dois rivais valorosos não deve ser o ódio ou a vingança, mas a amizade, na medida em que um antagonista de brio proporciona ao outro a possibilidade de se conhecer e renovar continuamente as suas forças vitais, em busca da excelência”.

Hoje em dia, as lutas são habitualmente classificadas na sociedade como Artes Marciais ou Desportos de Combate. Na perspectiva de Filho e Maccariello (2009), estas terminologias traduzem alguma confusão na sua diferença, porém estes “são conceitos e fenómenos que se desenvolveram em situações culturais e históricas diferentes”. Assim, o termo Arte Marcial ou Arte de Guerra está associado às artes tradicionais de combate usadas em campos de batalha e guerrilha, fazendo com que os defensores desta terminologia optem por uma prática mais tradicional da arte. O termo Desportos de Combate associa-se à competição desportiva, que ganhou ênfase através das lutas olímpicas como o *Boxe e Luta Livre Olímpica/Greco-Romana* e, mais recentemente, com algumas Artes Marciais que se dinamizaram, criando regras estandardizadas mundialmente e estruturas desportivas para a competição, como o *Judo, o Taekwondo WTF* (ambas modalidades olímpicas), o *Full Contact, Pancrácio Tradicional (UIPDA,PLP,WUFC)*, *Sanshou, Muay Thai, Sambo, Jiu-Jitsu, Karate, Taekwondo ITF,*

Shooto,... e os Desportos de Combate modernos como o *Kickboxing*, *Vale Tudo*, *Ultimate Full Contact*, *Pankration Moderno (IFP,WPAF,UWW)*, *Free-Fight*, *MixFight*, *K-1*, *MMA*, entre outros.

1.1.1 Caracterização dos Desportos de Combate em Full Contact

O *Full Contact* e *Ultimate Full Contact* são terminologias que representam as características do Desporto de Combate, relativamente ao nível de contacto físico (força de impacto) e ao número e tipo de habilidades técnico-táticas permitidas (nível de complexidade).

A modalidade desportiva *Full Contact* surgiu nos Estados Unidos da América no início dos anos 70 por iniciativa de vários mestres de Artes Marciais, nomeadamente provenientes do *Taekwondo*, do *Tang Soo Do* e do *Karate*, que resolveram criar uma forma híbrida de combate onde fosse possível a participação de atletas de diferentes estilos de combate. À época, o *Full Contact* caracterizava-se apenas por uma junção das técnicas de punhos utilizadas no *Boxe* (incluindo reverso e rotativos de punho) com as habilidades técnico-táticas de pernas das Artes Marciais, executadas com contacto total. Nos finais dos anos 80, começaram a surgir outras modalidades baseadas no *Full Contact*, entre as quais o *Kickboxing*, no entanto bastante diferenciada do *Full Contact* no que respeita à cultura, tecnologia e dinâmica, criando contudo alguma confusão com a modalidade *Full Contact*, uma vez que o *Kickboxing* adotou os termos *semi-contact*, *light-contact* e *full-contact*, à semelhança de inúmeras modalidades, com o objetivo de caracterizarem o nível de contacto permitido na competição das suas modalidades.

Na verdade, o *Full Contact* é uma modalidade desportiva de combate autónoma, com uma estrutura, filosofia e identidade muito próprias, assente nos princípios e valores das Artes Marciais, legados pelos seus Mestres ao longo dos anos. O *Full Contact* tem vindo a aperfeiçoar-se e a desenvolver-se, através de um movimento associativo com competências específicas na sua promoção. Em Portugal, é a *FPFC Federação*

Portuguesa de Full Contact a instituição nacional promotora da modalidade e reconhecida mundialmente, onde se encontram os seus precursores. Na década dos anos 80, respeitando a essência do *Full Contact*, de reunir mestres e discípulos de diferentes estilos marciais, surgiu o *Ultimate Full Contact*, consubstanciado numa vertente de combate de estrutura mais complexa, permitindo também o uso das habilidades técnico-táticas do *submission grappling*, provenientes da *Luta Livre/Wrestling*, *Jiu Jitsu*, *Sambo*, *Judo* ou de outras formas tradicionais de luta corpo a corpo. A forte evolução da modalidade em Portugal, promovida pela *Federação Portuguesa de Full Contact*, deve-se sobretudo ao seu reconhecimento e parceiros internacionais, que têm assegurado a sistemática participação de atletas portugueses nos principais eventos de *Full Contact* realizados por todo o mundo; à colaboração da *WUFC World Ultimate Full Contact* e da *Associação Full Contact de Viseu*, que desde 1988 promovem em parceria com as diferentes autarquias, o *Campeonato Mundial Ultimate Full Contact WUFC*, evento de elevado prestígio e representação internacional. Devendo-se o progresso da modalidade também ao esforço e empenho dos seus precursores na busca constante de conhecimentos e competências para a promoção, organização e condução de processos de ensino-aprendizagem ou treino-performance que resultem numa apropriação, desenvolvimento e aperfeiçoamento de excelência dos praticantes e da própria modalidade.

Os Desportos de Combate, nomeadamente o *Ultimate Full Contact*, é uma modalidade de características particulares. É composta por habilidades abertas e acíclicas de elevada dinâmica com prevalência de tomadas de decisão, alvo de processos cognitivos de extrema complexidade associados a um elevado esforço volitivo, devido ao polivalente e infindável repertório técnico-tático, aplicado num contexto de elevado grau de imprevisibilidade e tenacidade das lutas. As quais se disputam sob contacto físico constante e pleno de alta intensidade, tanto com o uso de oposição de forças máximas (contração isométrica), usada essencialmente na luta no solo, como com impactos físicos (colisões) provenientes de projeções rápidas e de desferimentos constantes de golpes e contragolpes de potência significativa (força explosiva e reativa) ao longo do combate.

O Desporto de Combate *Full Contact* engloba processos adaptativos ao nível do controlo motor bastante exigentes, desde a perceção, processamento de informação, tomada de decisão, até às respostas que se efetuam através de habilidades motoras de elevada coordenação e precisão. Com efeito, o combate de *Full Contact* desenvolve-se

num contexto de inúmeros recursos possíveis, com sistemáticas ações de elevada velocidade de reação complexa, sob o inesperado e desconhecido, e a necessidade de gestão contínua de períodos refratários psicológicos criados pelas antecipações (latência das respostas). O grau de dificuldade é ainda acrescido pela execução de encadeamentos técnico-táticos (ações ofensivas e defensivas), compostos de contundentes golpes explosivos, tendo por objetivo, não só pontuar como nos Desportos de Combate em *non-contact* ou de *semilight contact*, mas também nocautear o adversário. Ou seja, é uma modalidade onde o repertório técnico-tático, a destreza, a máxima certeza, o mínimo gasto de energia, a velocidade e força ótima de movimento, associado a um elevado nível das capacidades volitivas, é fundamental.

Contudo, é uma modalidade, que embora controversa para algumas pessoas, é no entanto alvo de elevada apreciação estética, de satisfação e de inclusão social, gerando inúmeros benefícios resultantes da sua real prática. Alguns desses benefícios encontram mesmo através da prática sistemática do Desporto de Combate *Full Contact*, uma das formas mais eficazes para o desenvolvimento, como por exemplo, ao nível das capacidades volitivas e socioafetivas, da prontidão psicológica e da conduta ética, moral e deontológica.

Há que desmistificar sobre a ideia de violência que se gera à volta da sua prática. Na verdade, a necessidade de extravasão da violência está intrínseca no ser humano. Conforme diz Pires (2007: 17),

“os gregos antigos sabiam que os Homens, na sua tacanhez (má Éris), tinham necessidade de violência para se sentirem glorificados. Para suprirem essa necessidade, sem os custos trágicos da guerra, inventaram os jogos e tornaram a paz gloriosa, através do prazer lúdico da violência controlada (boa Éris). Era a trégua olímpica”.

Em conformidade, estão os Desporto de Combate *Full Contact*, que pela sua essência e princípios são primordiais na promoção da paz, canalizando a violência para a prática lúdica com fins positivos.

O treino/ensino do Desporto de Combate *Full Contact* consiste num processo que se baseia numa intervenção científico-pedagógica consciente e apreensível, onde se respeitam as fases de desenvolvimento humano, planeado segundo programas de

progressões pedagógicas, que vão do conhecido, fácil e simples para o desconhecido, difícil e complexo (caracterizado por graduações). Desenvolve-se a longo prazo, de acordo com as fases de maturação, compostos inicialmente por exercícios gerais e habilidades motoras de caráter multilateral e simples, desenvolvidos em formas lúdicas (jogos) e, posteriormente de combate informal, com aumento gradual, ao longo do tempo, de exercícios de caráter específico, cada vez mais complexos e com a realização de combate formal, escalonado pelo nível de experiência (classes: C – iniciado, B – amador e A – profissional). É um processo de ensino-aprendizagem, onde se respeitam as diferenças individuais, recorrendo-se sistematicamente a avaliações (exames de graduação, testes técnico-táticos, físicos, e psicológicos). Trata-se de um processo efetuado por etapas, desde uma adaptação inicial à modalidade, passando pelo desenvolvimento, até ao aperfeiçoamento. Ou seja, iniciação-orientação-especialização. A filosofia de ensino é o desenvolvimento integral do ser humano, ao nível dos três domínios da aprendizagem (cognitivo, motor e afetivo), levando a uma assimilação de conhecimentos e modificação de comportamento cada vez mais otimizados. Ao nível do combate formal ou competição, este desenvolve-se no respeito pelos princípios e valores éticos das Artes Marciais e do Desporto, com regras adaptadas aos diferentes escalões etários e níveis de experiência, com o uso de equipamentos de proteção adequados para preservar a integridade física dos atletas.

Os Desportos de Combate são geralmente classificados como um desporto individual (jogado entre dois atletas – prática dual). Contudo, e na verdade, verifica-se também a competição formal na forma coletiva, em que os vários elementos constituintes de uma equipa se defrontam com outra equipa simultaneamente. Isto à semelhança das suas origens, em que as Artes Marciais eram utilizadas em campo de batalha, onde o confronto acontecia entre diversos guerreiros, no mesmo espaço e tempo, versão esta que aumenta ainda mais a complexidade na deliberação das suas estratégias de combate e na diferenciação tática devido ao alto grau de variabilidade contextual.

As altas exigências inerentes à prática do Desporto de Combate *Full Contact*, desenvolvidas por metas cada vez mais difíceis e complexas, escalonadas de acordo com programas de graduação e níveis de competição, aos quais correspondem diferenciados conjuntos de conteúdos e regras selecionadas de acordo com as fases sensíveis de maturação e estado de desenvolvimento, fazem com que haja uma consolidação

progressiva de domínios e conhecimentos e com que se criem qualidades e hábitos como o da combatividade, vontade de vencer, perseverança, motivação intrínseca, criatividade e autossuperação. Acarretando assim níveis cada vez mais elevados de autoconfiança, autocontrolo, coragem, autonomia, humildade, disciplina e respeito, consubstanciado por objetivos orientados para a tarefa, como reflexo do esforço e autoavaliação por parte do atleta, na procura do desenvolvimento e domínio das suas capacidades e habilidades motoras ao nível da sua eficiência, eficácia e estética. O atleta aprende assim a valorizar o esforço em vez do ego, contribuindo para um espírito indomável, perseverante, empreendedor, criativo, prospetivo e zelador de comportamentos, assentes em valores éticos, morais e deontológicos.

1.2 Treinador e competências

A presente analogia entre treinador e competências enquadra-se num contexto desportivo. Segundo a Carta Europeia de Desporto (1992), “entende-se por desporto todas as formas de atividade física que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou a melhoria da condição física, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”.

Para se atingir o sucesso no processo desportivo são necessárias competências, as quais representam conhecimentos, capacidades e atitudes a nível cognitivo, organizativo, socioafetivo e técnico-tático, assim como valores orientadores das ações ou dos comportamentos. As competências determinam a motivação e capacidade para aceitar, compreender e interiorizar informação e usá-la na prática, mediante uma atitude crítica e reflexiva com o objetivo de promover o desenvolvimento desportivo e humano.

Nesta perspetiva, é proposto “...aumentar o nível geral das competências, oferecendo e incentivando um ensino e formação iniciais e contínuos para desenvolver aptidões e competências da maior qualidade, e mesmo de excelência, de modo a manter e a reforçar a capacidade de inovar” (Comissão das Comunidades Europeias, 2007).

Segundo o Plano Nacional de Formação de Treinadores IDP (2010), e de acordo com a literatura em geral, entende-se as competências divididas em saber (competências teóricas), saber-fazer (competências práticas) e saber-ser (competências sociais e comportamentais). No entanto, Sire e Tremblay (1999), citado por Almeida e Rebelo (2004), abordam este conceito como uma valorização excessiva da palavra “saber” e a aquisição através da formação escolar, uma vez que o saber-ser e o saber-fazer estão em minoria. Por outro lado, Le Bortef (1999) e Zarifan (1999), também citados pelos mesmos autores, definem competências como um sistema, uma organização estruturada que associa de forma combinatória diversos elementos, e a tomada de iniciativa e de responsabilidade do indivíduo nas situações profissionais, com os quais este é confrontado. Estes conceitos aparecem associados a uma transformação de atitudes sociais e nas relações entre as diferentes categorias de populações presentes nas organizações, contribuindo para uma lógica de competências como um objetivo para vários intervenientes.

O treinador é um dos atores principais no fenómeno desportivo, onde desempenha um papel de agente de um processo de transformação que acarreta responsabilidades e direitos. É uma vocação dominar habilidades. Ser treinador, é ser simultaneamente um agente interativo de desenvolvimento do contexto social, cultural e político (Araújo, 1994). O treinador assume assim um papel de elevada relevância e insubstituível na sociedade.

Ser treinador requer profundo conhecimento de cultura geral, ser consciente, deter experiência a vários níveis, exige conhecimento e competência profissional, o que envolve a capacidade de articular os conhecimentos teóricos com a sua prática profissional, levando em conta as suas experiências profissionais e pessoais. Essa capacidade tem origem na formação inicial, sendo, posteriormente, ampliada com a formação continuada (Malaco, 2007).

Assim, ser um bom treinador envolve a necessidade de adquirir experiência através de longo tempo dedicado à prática, ensino e experiências relevantes na modalidade, deter formação académica na área do desporto e realizar posteriores ações de formação na área das ciências do desporto, a par da prática continuada na modalidade.

Através deste raciocínio, é possível ao treinador dominar a componente específica da modalidade (habilidades técnico-táticas), a metodologia do treino e a intervenção pedagógica ao nível dos fatores técnico, tático, físico e psicológico, proporcionando desta forma um desenvolvimento integral do atleta, assim como contribuir para a organização do desporto e para o desenvolvimento de um sentido ético no exercício da sua atividade, orientada para um conjunto de valores com elevada relevância social.

Consideram-se como variáveis de presságio, relativas às características do treinador, a formação, a experiência e a personalidade, na qual, segundo a opinião de Martens (1987), são identificadas as seguintes qualidades como as mais importantes: inteligente, assertivo, persuasivo, flexível, motivado intrinsecamente e para o sucesso, controlo interno, alta autoconfiança e otimista.

Na perspetiva de Araújo (1994: 37-38):

“ser treinador exige conhecimentos e requer experiências que ultrapassam as aquisições de uma carreira de atleta. Um excelente atleta nem sempre terá garantia de possuir capacidade para ensinar (...), para ser treinador, para além da lógica do jogo e dos seus elementos, torna-se fundamental dominar a lógica pedagógica do ensino. A função do treinador implica a tomada de decisões, organizadas com base em indicadores e segundo critérios que obedecem a uma certa ordem e em diferentes domínios, como a organização do treino, liderança, estilo e formas de comunicação com os jogadores, dirigentes, árbitros, jornalistas, etc., opções estratégicas e táticas decorrentes da observação e análise do jogo, da gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoções, etc.

Para além dos imprescindíveis conhecimentos técnico-táticos e da possível capacidade de demonstrar corretamente as técnicas, ser treinador exige um conhecimento multidisciplinar e o desenvolvimento de um conjunto de habilidades próprias no âmbito das competências de ensino.

Mesmo quando a qualidade do candidato a treinador revela uma informação e formação acima da média, ele tem de ser capaz de provocar, através da sua ação, o interesse e motivação dos que aprendem e treinam, pois não há progresso nem êxitos possíveis sem a participação motivada dos atletas.

A profissão de treinador tem de ser exercida de modo estimulante para a autonomia futura dos atletas sob a sua responsabilidade, acreditando nas capacidades daqueles que fazem parte do seu grupo de trabalho e devolvendo-lhes competências.

Cada treinador deve atuar de acordo com as suas características e limitações, sem nunca esquecer a responsabilidade que lhe está atribuída quanto à formação social e emocional dos atletas com quem trabalha e à melhoria gradual destes, (...).

Os resultados provenientes da intervenção do treinador têm profundos reflexos sociais pela influência educativa (ou deseducativa!) que exercem nos jovens e adultos, quer sejam praticantes ou adeptos”.

O referido autor menciona de forma clara o que é ser treinador, ressaltando da sua citação, a necessidade do treinador de dominar uma série de competências ao nível de conhecimentos técnico-práticos e científico-pedagógicos para exercer adequadamente as suas funções. Ainda de acordo com o mesmo autor, o treinador deve desempenhar as funções de:

- Líder;
- Professor;
- Organizador/Planificador;
- Motivador;
- Guia/Conselheiro;
- Disciplinador.

E deve ter qualidades imprescindíveis como:

- Saber/Conhecimento;
- Habilidade para ensinar;
- Qualidades próprias;
- Trabalhar em equipa;
- Criar clima de sucesso.

Nesta abordagem, é imprescindível a promoção da formação, de forma a dotar os treinadores de competências específicas relacionadas com a intervenção pedagógica no âmbito do treino desportivo. Na mesma linha, Rosado (1995) salienta as características do instrutor (qualidades), adquiridas através da formação, como elemento fundamental para se atingir os objetivos:

- Aperfeiçoar competências de planeamento, preparação, observação, orientação e avaliação do processo de condução do treino;
- Dominar competências de decisão e intervenção pedagógica que atinjam o desempenho;
- Utilizar sistemas de observação que reflitam e analisem;
- Melhorar destrezas de ensino, instrução, organização e gestão, clima e disciplina que levem aos critérios de sucesso;
- Realizar uma autoscopia em relação ao desempenho do agente desportivo (treinador);
- Interiorizar e discriminar os valores de natureza pessoal, social e deontológica;
- Conhecer estudos desenvolvidos na área da pedagogia do desporto;
- Favorecer o clima e o entusiasmo – motivação, reforço, liderança, comunicação e coesão;
- Atender à conceção de sucesso no desporto;
- Lidar com o erro.

Contudo, o fator tempo é importante para se atingir a mestria pedagógica (Huberman, 1989), fazendo com que o treinador domine a intervenção pedagógica, pois tem por missão refletir e saber como educar ou formar, o que deve ser feito através de um processo consciente e racionalmente organizado e conduzido, englobando atividades do treinador e do atleta.

A intervenção pedagógica desenvolve-se através da didática, conhecimento que se integra na ciência da pedagogia do Desporto, que, segundo Sarmiento (2004), é a área dedicada à integração de conhecimentos científicos e técnicos na intervenção pedagógica em contexto de prática física e desportiva, cujo estudo nos proporciona a “identificação,

registo e administração de comportamentos desejáveis” e que conduz à adoção de estratégias – consistentes e positivas – na distinção dos aspetos interessantes e importantes da formação humana.

Portanto, treinar, ensinar, educar, formar, consiste numa intervenção pedagógica com o objetivo de desenvolver as crianças, jovens, adultos ou idosos. É uma responsabilidade, uma missão, um dever do treinador. É, ao mesmo tempo uma honra que motiva para refletir e procurar uma evolução constante no desempenho como treinador.

A evolução do desempenho do treinador é avaliada pela sua *performance* na capacidade de planificar, implementar, conduzir, orientar, controlar, analisar e avaliar o processo de treino numa dada modalidade. O treinador tem que ter conhecimento claro das características críticas e determinantes dessa modalidade, do seu ensino e aprendizagem, da relação do atleta com as tarefas a executar e seu envolvimento, compreendendo uma modificação (educação, desenvolvimento) do indivíduo, desenvolvendo a sua personalidade, que corresponde a um processo de apropriação da modalidade, pedagógico e conscientemente orientado e regulado pelo treinador e crescentemente autónomo e criativo por parte do atleta.

A tarefa de educar e a formação da personalidade é um processo de bastante responsabilidade, que consiste em organizar e configurar processos de confronto ativo do indivíduo com o meio envolvente, desenvolvendo e consolidando as qualidades da personalidade que, dependem do que o atleta realiza (conteúdo da modalidade), como o realiza (o processo, estratégias ou métodos), da organização, gestão e condições internas e externas do decurso da atividade e da atitude do atleta. O pleno conhecimento da pedagogia, a sua correta inter-relação e a sua aplicação da teoria à prática, de forma consciente, refletida e bem organizada leva ao sucesso do desempenho como treinador.

Por forma a interiorizar e consolidar as competências mencionadas, deve apostar-se na formação académica e em ações de formação de treinadores que se desenvolvam em parceria com as instituições de ensino superior na área do desporto. No entender de Rosado & Mesquita (2007), tais formações têm o propósito de consolidar conhecimentos práticos de cariz técnico, promovendo capacidade de:

- Reflexão sobre questões deontológicas;
- Desenvolvimento de posturas profissionais, sócio crítico;

- Consciencialização de si enquanto pessoa e enquanto profissional;
- Desenvolvimento de competência de investigação e criatividade.

De acordo com o Plano Nacional de Formação de Treinadores (2010), a carreira de treinador encontra-se estruturada por quatro graus (I, II, III e IV), aos quais correspondem uma progressão acumulativa de competências necessárias para exercer a função de treinador, consubstanciando num processo de certificação para obtenção da Cédula de Treinador Desportivo (CTD), atualmente designado por Título Profissional de Treinador Desportivo (TPTD), mediante os seguintes requisitos para cada Grau:

I. Idade mínima de 18 anos; escolaridade obrigatória à data de apresentação da candidatura; prestação de provas específicas da modalidade, quando exigido pela respetiva Federação; demonstrar, por declaração, o interesse de uma instituição (clube, autarquia, federação etc.) em receber o candidato para fins de formação em exercício.

II. Idade mínima de 18 anos; possuir o 12º ano de escolaridade; ser possuidor da CTD de grau I; possuir pelo menos um ano de exercício profissional efetivo da função de Treinador de grau I; ter concretizado o plano anual de formação contínua exigido para a atribuição de cédula de Treinador desportivo (CTD) de grau I, nos termos da lei.

III. Idade mínima de 18 anos; possuir o 12º ano de escolaridade; ser possuidor da CTD de grau II; possuir pelo menos dois anos de exercício profissional efetivo da função de Treinador de grau II; ter concretizado o plano anual de formação contínua exigido para a atribuição de cédula de Treinador desportivo (CTD) de grau II, nos termos da lei.

IV. Idade mínima de 18 anos; possuir o 12º ano de escolaridade; ser possuidor da CTD de grau III; possuir pelo menos três anos de exercício profissional efetivo da função de Treinador de grau III; ter concretizado o plano anual de formação contínua exigido para a atribuição de cédula de Treinador desportivo (CTD) de grau III, nos termos da lei.

Na tabela nº 1 podem observar-se as descrições das funções do treinador (responsabilidades e competências) de acordo com o respetivo grau.

GRAU	FUNÇÕES DO TREINADOR/A
I	<p>Condução direta das atividades técnicas elementares associadas às etapas iniciais da atividade, ou carreira dos/as praticantes, ou níveis elementares de participação competitiva, sob coordenação de um treinador/a de desporto de grau de qualificação superior.</p> <p>Coadjuvação na condução do treino e orientação competitiva de praticantes nas etapas subsequentes de formação desportiva.</p>
II	<p>Condução do treino e orientação competitiva de praticantes nas etapas subsequentes de formação desportiva.</p> <p>Coordenação e supervisão de uma equipa de treinadores de grau I, ou II, sendo responsável pela implementação de planos e ordenamentos estratégicos definidos por profissionais de grau de qualificação superior.</p> <p>Conceção, planeamento, condução e avaliação do processo de treino e de participação competitiva.</p> <p>Coadjuvação de titulares de grau superior de qualificação, no planeamento, condução e avaliação do treino e participação competitiva.</p>
III	<p>Planeamento do exercício e avaliação do desempenho de um coletivo de treinadores detentores de grau de qualificação igual, ou inferior, coordenando, supervisionando, integrando e harmonizando as diferentes tarefas associadas ao treino e à participação competitiva.</p>
IV	<p>Coordenação, direção, planeamento e avaliação, com funções mais destacadas no domínio da inovação e empreendedorismo, direção de equipas técnicas multidisciplinares, direções técnicas regionais e nacionais, coordenação técnica de seleções regionais e nacionais e coordenação de ações tutoriais.</p>

Tabela 1 - Responsabilidades e competências inerentes a cada grau, segundo o modelo PNFT

Fonte: IPDJ www.idesporto.pt, PNFT – O modelo

Em síntese, para ser um melhor treinador, este deve desenvolver conhecimentos e competências técnico-metodológicas e científico-pedagógicas, que embora não esteja adequadamente considerado no atual modelo de formação, as devidas competências resultam indubitavelmente dos anos de prática na modalidade, do seu envolvimento em acontecimentos relevantes, na formação inicial -académica na área do desporto e formação continua. De acordo com Rosado & Mesquita (2007), “os níveis de formação escolar são decisivos para garantir um conjunto de pré-requisitos fundamentais à formação especializada como treinador desportivo, tendendo a condicionar o acesso a diferentes níveis de formação profissional”. No entanto, os anos de prática sistemática associada ao conhecimento científico, aumentam a capacidade de reflexão crítica e de inovar, contribuindo para formular novas teorias a partir da prática e praticá-las. Segundo Nóvoa (1992), a competência caracteriza-se como uma forma dinâmica, influenciada pelo

contexto onde o indivíduo se encontra, não se construindo apenas por acumulação de saberes, mas sim através de um trabalho reflexivo e crítico sobre as práticas pessoais. Assim, conforme diz Utkin (1989), citado por Rosa & Farto (2007), o melhor treinador é aquele que se apoia simultaneamente na própria experiência, na ciência e nos conhecimentos de outras pessoas. Os conceitos apresentados estão em conformidade com os resultados de vários estudos, como por exemplo as investigações “Qualidades do Treinador do Séc. XXI – Na perspectiva dos vários autores” realizada por Saraiva (2013) e “Percepções sobre Qualidades de um bom Treinador” de Pereira e Crespo (2012), em que o facto de ser professor/treinador, o nível académico e a experiência vivida evidenciam-se variáveis preponderantes na percepção sobre as qualidades ou competências que devem ser do treinador.

1.3 Liderança

O estilo de liderança adotado pelo treinador é, sem dúvida, um fator de grande importância para otimizar o rendimento de um atleta ou equipa.

A Liderança consiste no ato de dominar ou exercer poder sobre outro ou outros. O exercício de liderança é apontado, por Pires (2007), como uma capacidade intrínseca que se encontra associada ao conceito de poder, o qual pode ser exercido através da autoridade (delegar competências e obter resultados), do conhecimento (capacidade de diagnóstico e criatividade), da confiança (gerar confiança e visão partilhada), da motivação (coragem e alterar comportamentos) e do acaso (sentido de oportunidade e transformar ameaças em oportunidades). Estas cinco variáveis, podem ser consideradas isoladamente ou em conjunto, constituem a designada estrela do poder para uma liderança eficaz.

A liderança é uma relação de interação entre a personalidade do indivíduo e a situação, que se encontra definida pela generalidade dos autores como um processo de

influenciar outros. A liderança é a ação de um indivíduo para influenciar outros com vista a alcançar objetivos definidos (Martens, 1987).

Segundo Horn (1992), o modo de influenciar os atletas engloba várias dimensões do comportamento do treinador, como o processo de tomada de decisão, o tipo e frequência com que o estímulo é fornecido aos atletas, o seu desempenho, as técnicas de motivação que usa e a forma de relacionamento com os seus atletas.

No entender de Chelladurai & Saleh (1980), a perceção do comportamento de liderança do treinador é classificado através de uma Escala de Liderança, apresentada em cinco dimensões:

- Comportamento de treino e de ensino (ou treino-instrução) – Comportamento do treinador percecionado como visando a melhoria da *performance* dos atletas através da ênfase de treinos muito duros e cansativos. Muito individualizado.

- Comportamento democrático – Comportamento do treinador percecionado como aquele que favorece uma maior participação dos atletas nas decisões relativas aos objetivos do grupo, aos métodos de trabalho e às táticas e estratégias de grupo.

- Comportamento autocrático – Comportamento do treinador percecionado como aquele que preconiza a independência na tomada de decisão e vinca a sua autoridade pessoal.

- Comportamento de suporte-social – Comportamento do treinador percecionado como aquele que se caracteriza pelo interesse acerca dos atletas e do seu bem-estar, que procura um bom ambiente de grupo e tenta um bom relacionamento pessoal com os atletas.

- Comportamento de reforço – Comportamento do treinador percecionado como aquele que inclui o fortalecimento psicológico do atleta, reconhecendo e recompensando os bons desempenhos.

A escala apresentada tem-se revelado fidedigna na obtenção de novos conhecimentos no âmbito da liderança, a exemplo da investigação científica efetuada por Casanova (2003) onde caracteriza e compara a relação de liderança entre treinador-atleta nos contextos do desporto escolar e federado no quadro das atividades gímnicas, avaliando a perceção dos atletas e autoperceção dos treinadores sobre os distintos estilos

de liderança separados pelas cinco dimensões, os estilos autocrático e democrático de acordo com a decisão do treinador e os estilos de reforço, suporte social e treino instrução de acordo com o tipo de interação cultivada entre treinador e atletas.

Ressalte-se que os comportamentos de liderança devem ser desenvolvidos no cumprimento de alguns requisitos essenciais para o seu sucesso. De acordo com Cid (2006), devem considerar-se três aspetos importantes para o uso adequado dos estilos de liderança:

- Os diferentes estilos de liderança não constituem fatores isolados (inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente – coexistem em maior ou menor grau de intervenção).

- O objetivo na formação dos praticantes deverá ser: aumentar gradualmente a respetiva competência e empenho, logo deverão ser usados os estilos de liderança que consumam menos tempo e proporcionem um aumento da responsabilidade e desenvolvimento da personalidade.

- A passagem de estilo para estilo não é descontínua, existe reversibilidade.

O ato de liderar significa “influenciar outros”, conforme já descrito anteriormente, e confirma-se no conceito emitido também por Teixeira (2005), no qual “liderança é o processo de influenciar outros de modo a conseguir que eles façam o que o líder quer que seja feito ou ainda, a capacidade para influenciar um grupo a atuar no sentido da prossecução dos objetivos do grupo”. Contudo, salienta-se que a palavra líder significa alguém que conduz, não tanto pela autoridade que deriva implicitamente do seu estatuto de treinador, mas conforme mencionado por Silva (2009):

- Pela sua capacidade de persuasão;
- Pelo enquadramento pedagógico da sua ação;
- Pela sua dinâmica pessoal;
- Pelo estabelecimento das relações interindividuais assente na igualdade e justa repartição das responsabilidades;
- Pela criação de um clima de confiança, credibilidade e aceitação;
- Pelos exemplos que transmite aos praticantes;

- Pelas convicções que exprime.

Neste sentido, liderança pode ser definida numa perspetiva global como “um processo de influenciar a atitude e o comportamento dos praticantes ou de uma equipa, segundo uma dinâmica resultante do quadro de relações, que deve ter em conta as características individuais, a natureza específica das situações competitivas, dos objetivos dos praticantes ou da equipa e do próprio treinador” (Lima, 1984). Neste raciocínio, como resultado da dinâmica que venha a ser desenvolvida em função das diferenças situacionais, individuais e dos objetivos, será conveniente adaptar os diferentes estilos de liderança, conforme sugere Weinberg e Gould (2001: 215), “técnicos e outros líderes podem alterar os seus estilos e comportamentos para se adaptarem às demandas de uma situação”. Contudo, há que ter em conta alguns aspetos psicopedagógicos da liderança e comunicação, como o de usar com flexibilidade e critério os diferentes estilos de liderança.

No entender de Martens (1987), adaptado por Alves (1998), um líder eficaz deve ter os seguintes traços de personalidade: inteligente, assertivo, persuasivo, flexível, motivado intrinsecamente, motivado para o sucesso, bom controlo interno, alta autoconfiança e otimista. Alves (1998) destaca ainda um líder de excelência como o detentor das seguintes qualidades: assertividade; empatia; autocontrolo; confiança nos outros; persistência; flexibilidade; habilidades de comunicação (expressão, escuta, argumentação, negociação, encorajamento e apoio); estima os outros e ajuda-os a desenvolverem-se; são empenhados e responsáveis, procuram identificar os problemas nos seus estados iniciais.

Ao invés de saber como os líderes eficazes são, vários autores, como Stoner e Freeman (1985), começaram a investigar o que eles fazem, ou seja, o seu comportamento face aos seus subordinados e às diferentes circunstâncias situacionais. A efetividade das características do líder (fator pessoal) depende dos atletas e das limitações e exigências impostas pela situação e o meio envolvente (fatores circunstanciais), o que está em conformidade com o modelo multidimensional de liderança no desporto apresentado por Chelladurai (1990), (figura nº1), em que o modelo de liderança é entendido como um processo de interação, onde os fatores circunstanciais e pessoais (antecedentes) levam a três tipos de comportamento do líder (exigido, preferido e atual). As consequências, ótimo

desempenho ou satisfação, dependem da consistência e congruência entre os três tipos de comportamentos do líder:

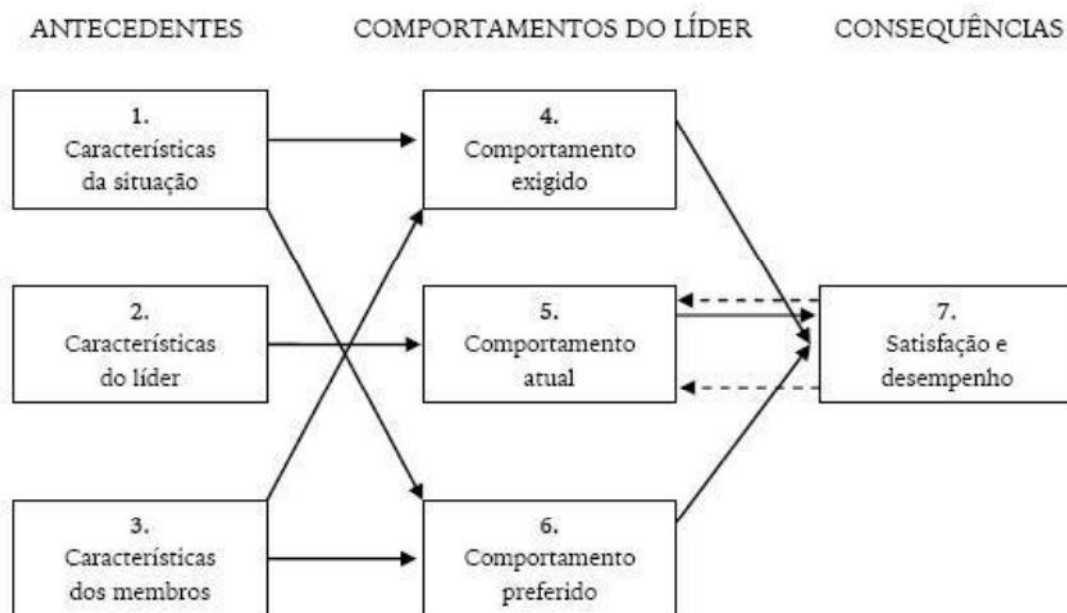


Figura 1 - Modelo multidimensional de liderança no Desporto (adaptado de Chelladurai, 1990, p.330)

- Comportamento exigido: Tipos de comportamentos do líder requeridos conforme cada situação. O comportamento é ditado pelos valores e normas estabelecidas pelo grupo ou pela estrutura organizacional;
- Comportamento preferido: Tipos de comportamentos do líder preferidos pelos membros do grupo, que dependem de diferentes variáveis como a idade, o género, tempo de experiência no desporto e personalidade;
- Comportamento atual: São os comportamentos reais que o líder exhibe, tais como a capacidade de estruturar ou de atenção, e é influenciado diretamente pelas características do líder como personalidade, capacidade e experiência. O comportamento atual é indiretamente afetado tanto pelas preferências do grupo como pelas exigências da situação.

Os líderes podem ser escolhidos ou surgir espontaneamente no grupo, sendo os últimos possuidores de habilidades de liderança especiais e de grande capacidade no

desporto em questão, tornando-os mais efetivos pelo respeito e apoio que obtêm dos membros do grupo.

As interpretações dos atletas sobre o comportamento do treinador são demonstradas no modelo de comportamentos ansiogénicos do treinador, apresentado por Serpa (1997), (figura nº2), onde se verifica a interpretação do comportamento do treinador por parte dos atletas, ao nível das referências acerca da competição, da comparação com as expetativas e da avaliação das punições e estímulos do treinador. Se esses aspetos são interpretados como favoráveis ou concordantes há uma adaptação e, por sua vez, se a sua interpretação for desfavorável ou discordante gera-se um conflito e perturbação a nível cognitivo afetivo, provocando tensão no atleta.

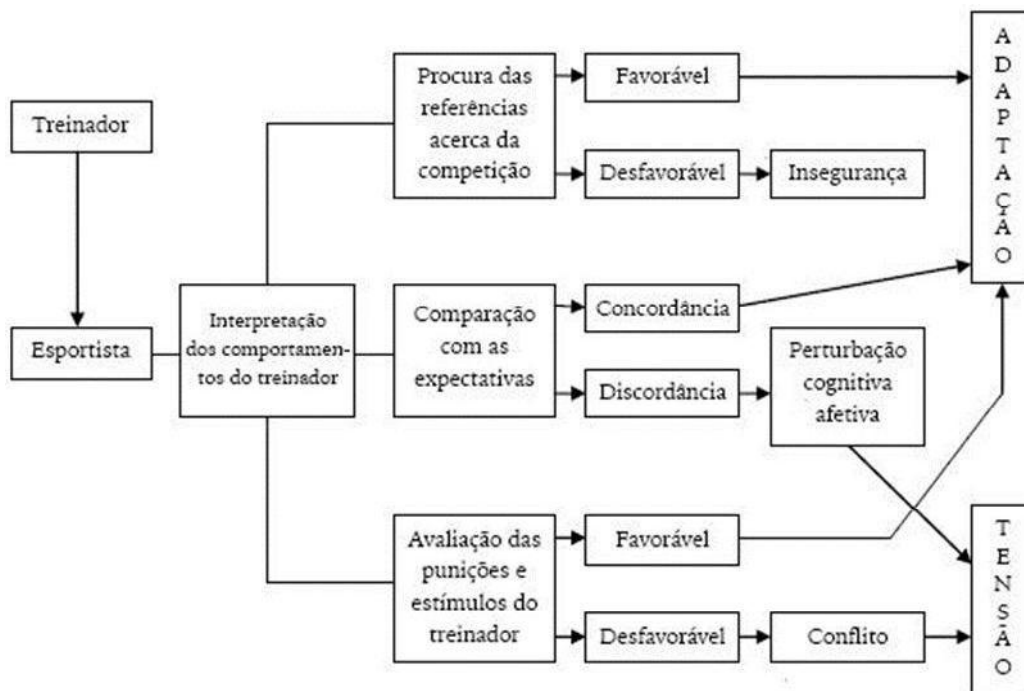


Figura 2 - Modelo de Comportamentos Ansiogénicos do Treinador (adaptado de Serpa, 1997, p.27)

1.4 Capacidade técnico-tática e gestão psicológica

O treinador é uma figura central no fenómeno desportivo, que tem de tomar decisões nos momentos mais críticos. Decidir corretamente pode significar o sucesso, fazê-lo mal conduz quase sempre ao fracasso (Araújo, 1994). O treinador deverá conhecer a modalidade em todas as suas facetas, sabendo que será chamado, a cada momento, a tomar decisões sobre questões técnicas, táticas, logísticas... e a assumir as respetivas consequências. Tal multiplicidade de requisitos torna imprescindível um sólido capital de competência técnica, de personalidade e de inteligência estratégica (Garganta, 2004).

“... não basta treinar muito; é preciso, cada vez mais, não só treinar muito, mas fundamentalmente treinar melhor...” (Mesquita 1998, citado por Esteves, 2009: 19).

O treinador deve dominar as habilidades técnico-táticas da modalidade no que respeita à sua estrutura e funcionalidade, devendo ser conhecedor do contexto em que são utilizadas. Deve também ter consciência das suas condicionantes ao nível da biomecânica, bioenergética, bioinformação, socioafetividade e prontidão psicológica.

É igualmente importante que o treinador tenha conhecimento e desenvolva metodologias para ensinar, como fazer, o quê, porquê e quando fazer, em contextos variáveis e diferenciados, por forma a criar maior adaptabilidade e estabilidade a nível cognitivo. O objetivo é formar atletas inteligentes, capazes de perceber e antecipar as intenções do oponente, desenvolver elevada capacidade de decisão para neutralizar os ataques do oponente e aumentar a eficiência e eficácia no ataque.

“a contemporaneidade científica, no que respeita à aplicação de métodos de ensino, tem vindo a debruçar-se sobre a necessidade de aumentar o maior enfoque cognitivo na aprendizagem de habilidades desportivas. Este tipo de teoria baseia-se na complexificação da tarefa e valorização da variabilidade como elemento fundamental da aprendizagem” (Clemente, 2011).

A técnica e tática são fatores indissociáveis, a técnica desportiva, segundo Rothing (1983), e citado por Castelo *et al.* (1996), é uma sequência específica de ações motoras que têm como objetivo solucionar as tarefas exigidas por determinadas situações

desportivas. Weineck (2001) descreve a técnica como um processo que permite a resolução de determinado problema da forma mais racional e económica possível. Castelo (1996) afirma que o gesto técnico é praticamente inseparável da tática desportiva, exprimindo-se na noção de ação (gesto) técnico-tática.

O comportamento tático pode ser definido conforme os conceitos dos seguintes autores:

“processo intelectual de solução dos problemas competitivos, sendo uma componente indissociável da atividade, devendo ser rápido e deliberado, visando o maior grau de eficiência possível. Esta, por sua vez, pressupõe uma atividade cognitiva” (Mahlo, 1966);

“comportamentos que servem para a utilização ótima, em competição dos pressupostos condicionais, motores e psicológicos, que têm em conta o modo de jogar dos adversários, das regras de jogo, etc” (Konzag, 1983);

“método de ação próprio do sujeito em situação de jogo através do qual este utiliza ao máximo os constrangimentos, a incerteza e a imprevisibilidade do jogo” (Gréhaigne, 1992).

Dos conceitos apresentados, deduz-se que o fator tático está relacionado com a capacidade de perceção, processamento de informação, tomada de decisão e ação.

Existem diferentes variáveis psicológicas associadas ao sucesso no desporto, que deverão ser do conhecimento e competência do treinador, para que este possa gerir os atletas e as situações, como o stress, a ansiedade, a motivação, as atitudes e comportamentos, a interação e a coesão no grupo, a adaptação de estilos de liderança, a criação do espírito de equipa, o aconselhamento, a definição de objetivos concretizáveis, lidar com os resultados, lidar com o erro, entre outros.

Segundo Mesquita (2005), o treino é um processo de ensino-aprendizagem composto por um conjunto de situações técnico-pedagógicas, que proporcionam ao atleta um conjunto de conhecimentos, levando-o a autossuperar diferenciadas tarefas. Trata-se de um processo de interação entre o treinador, o atleta e os conteúdos específicos da modalidade, que devem estar sempre adequados ao estado de desenvolvimento

individual, a nível psicológico e anátomo-fisiológico, aumentando sempre os níveis de autoestima, confiança, responsabilidade e autonomia.

O treinador deve adquirir competências de ensino, planificação, estratégias e métodos de treino que, a par do desenvolvimento técnico-tático e físico, desenvolvam também o fator psicológico por forma a aumentar os níveis de autoconfiança dos atletas, controlar o estado de ativação, desenvolver capacidades de atenção, concentração e diminuir os estados de ansiedade. Segundo Guzmán *et al.* (1995), um nível elevado de ansiedade produz efeitos negativos no rendimento do desportista, como a inibição das suas habilidades motrizes finas e a diminuição da capacidade de tomada de decisão. Assim, é fundamental considerar o fator psicológico do treino, aplicando as teorias e técnicas da psicologia na intervenção pedagógica do treino.

“o Treino Psicológico no Desporto pode ser definido como a aplicação de uma série de teorias e técnicas procedentes da Psicologia, dirigidas à aquisição ou melhora das habilidades psicológicas necessárias para fazer frente às distintas situações desportivas, de forma que permita melhorar ou manter o rendimento desportivo, assim como ajudar no crescimento e bem-estar pessoal dos desportistas” (Balaguer, 1994 citado por Fleury, s/d: 1).

Assim, o ensino pressupõe um processo psicopedagógico cumprindo uma série de princípios para concretizar os seus objetivos.

“... ensino é o processo de instruir alguém a respeito daquilo que não sabe ou que sabe inadequadamente. O ensino visa a modificação do comportamento. É como que a parte operacional da educação (...) ensino é o processo que visa a efetivação de outro processo, que é o de aprendizagem ou da modificação do comportamento (...) visa orientar a efetivação da aprendizagem nos setores cognitivo, afetivo e psicomotor, de maneira ordenada e eficiente (...) o ensino visa a eficiência em direção a metas previamente determinadas, procurando orientar o indivíduo para a incorporação, no seu património comportamental, de novas maneiras de ser, isto com menor esforço, em menos tempo e por maior espaço de tempo. Ensino é o processo que visa modificar o comportamento do indivíduo por intermédio da aprendizagem, com o propósito de efetivar as intenções do conceito de educação, bem como de habilitar cada um a orientar a sua própria

aprendizagem, a ter iniciativa, a cultivar confiança em si, a esforçar-se, a desenvolver a criatividade e a entrosar-se com os seus semelhantes, a fim de poder participar da sociedade como pessoa consciente, eficiente e responsável....” (Nerici, 1985).

Da perspectiva exposta está explícito o ensino como um processo complexo de intervenção pedagógica que visa a apropriação de conhecimentos e competências, consubstanciando numa transformação de comportamentos e desenvolvimento de autonomia e personalidade, contribuindo para o desenvolvimento humano e social.

1.5 Ética profissional

A ética é a disciplina aplicada da filosofia, estuda os valores e problemas do comportamento humano. Não é possível o desporto ou o jogo sem regras, a essência dos mesmos são as regras, pois são construtivas. A ética é o que deve valer, dentro do valer estão a beleza, a perfeição e a estética – arte no desempenho.

“...a ética é a única substância capaz de conduzir o desporto a diferenciar-se do combate agressivo em que tantas vezes degenera freneticamente, justamente porque convida os seres humanos a interrogarem-se acerca do que vale mais, do que é melhor que se faça na vida, ou seja a necessidade de ajustar o comportamento a valores positivos e a normas que sempre são a expressão daqueles, para que se não renuncie à distinção entre o bem e o mal e, assim, por consequência, se evite o rumo conducente a uma indiferença forjada do caos moral em todas as atividades humana” (Araújo, 1990: 43).

Outrora, na antiga Grécia, o desporto através do jogo desenvolvia a dimensão agonística da vida à luz de “agôn”, da competição e da superação em busca da virtude, glória e excelência da “areté”, tendo por causa os valores sociais e morais (Pires, 2007).

Mais recentemente, através dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, organizados em 1896 em Atenas por iniciativa de Pierre Cobertin, assistiu-se a um rejuvenescimento desses valores do desporto na sociedade, sinónimos de respeito pelos princípios morais e éticos da dignidade humana.

Atualmente, devido ao mediatismo do desporto espetáculo, o respeito pelos valores orientadores das ações e comportamentos está em causa. Contudo, é necessário lutar por essa qualidade, mantendo o desporto como um meio de transmissão e formação de valores humanos, combatendo os interesses mediáticos e pessoais.

O desporto é um processo de valores, de ética e de desenvolvimento, determinado por variáveis que estão para além do próprio “espetáculo desportivo” (Sarmiento, 2005).

O interesse ético consiste em fundamentar racionalmente a ação que escolhemos na plenitude de sentido do nosso querer (Savater, 1995).

O cunho do desporto é a sua relevância humana e social o que, inevitavelmente, nos remete para a necessidade de equacionar a sua substância ética e moral (Bento, 2004).

A ética é necessária para a plenitude do desporto, tornando-o uma atividade completa, legitimando-o como um fenómeno social digno e de excelência. De acordo com Matos (2006), “o progresso material não pode ser o único critério de valor. O núcleo essencial do ímpeto ético assentará na construção de um desporto que reconheça o humano, se reconheça no humano e o torne parte de uma vida boa”. Está em causa o carácter da pessoa, a razão de ser e o próprio desporto, afinal os jogos foram a primeira atividade essencial à formação do ser humano.

A ética no desporto representa um conjunto de princípios e valores morais orientadores dos comportamentos, que educam o ser humano, contribuindo não só para um jogo leal, mas também para a evolução do carácter ou personalidade humana e sentido de responsabilidade, com repercussões bastante positivas ao nível do desenvolvimento da sociedade. Conforme afirma Roberto Carneiro (1990: 8):

“o desporto pela sua natureza ensina muito de importante para toda a vida: a prossecução de objetivos; a tenacidade e perseverança; o espirito de sacrifício e a resistência à adversidade; o respeito dos outros e de si próprio; o valor da saúde; a capacidade de entreatajuda e o trabalho em equipa; a solidariedade; o

propósito de se melhorar constantemente; a competição leal; rejeição da batota; a disciplina e o método; o saber ganhar e o saber perder; e tantos outros elementos que poderia continuar a referir e a citar”.

No fenómeno desportivo, cabe ao treinador como agente de socialização, o dever de ensinar e promover os princípios e valores do espírito desportivo, que segundo Gonçalves (1998), de todas as figuras que intervêm na prática desportiva, é o treinador que adquire relevo particular no que se refere à formação, desenvolvimento e promoção do espírito desportivo.

1.6 Relação Treinador – Atleta

O treinador é autor de um processo de personalização do atleta, acarretando assim elevada responsabilidade na formação dos jovens. Conforme descrito por Matveiev (1991):

“o treinador tem uma tarefa de grande responsabilidade: supervisionar e dirigir o desenvolvimento da personalidade dos atletas. Cabe-lhe a responsabilidade direta, perante a sociedade, pela direção educativa global das sessões e pela ação pedagogicamente justificada do processo do treino em conformidade com a orientação geral da educação.”

A qualidade da relação entre treinador e atleta é fator fundamental no processo ensino-aprendizagem ou treino-*performance*, indo ao encontro de Smoll e Smith (1984), que referem que a relação treinador-atleta é um fator determinante na forma como os atletas são afetados pela sua participação no desporto.

A semelhança na perceção, pelo treinador e atleta, sobre as qualidades ou competências, facilita na organização e condução do processo de treino e na concretização dos objetivos pretendidos. Serpa (1996) afirma que tanto os atletas como o treinador

necessitam aprender a conhecer-se, já que a cooperação entre ambos constituirá a base psicológica da individualização do treino.

A maior concordância na percepção sobre as qualidades que devem ser do treinador contribui para um melhor relacionamento entre o treinador e o atleta, aumentando o nível de entendimento entre os dois, o que possibilita melhor adaptação dos estilos de liderança, melhor estruturação das situações do treino, melhor definição dos objetivos a atingir e melhor ambiente de treino.

Assim, o maior nível de coesão e interação treinador-atleta proveniente do autoconhecimento mútuo, reflete-se positivamente no desempenho de ambos, fator preponderante não só para a motivação do atleta e do treinador, como também para a fidelização e permanência na prática da modalidade por parte dos jovens atletas. De acordo com Lorimer e Jowett (2009), as percepções mútuas do treinador e do atleta e o seu relacionamento representam um papel crucial na motivação para a prática e proporcionam maior satisfação na atividade desportiva.

O comportamento do treinador, no que concerne à sua intervenção, é fundamental. Conforme descrito por Bryne (1999) e citado por Adelino, Vieira & Coelho:

“em si o desporto não é bom nem mau. Os efeitos positivos e negativos associados ao desporto não resultam da participação em si, mas da natureza da experiência vivida. Frequentemente chegamos à conclusão que um elemento importante na determinação da natureza daquela experiência é a qualidade da liderança dos adultos que a dirigem”.

Como exemplo da influência que o comportamento do treinador tem no atleta, observamos os diferentes estilos adotados pelo treinador, descritos pelos seguintes autores, com resultados opostos: segundo Smith (1998), estratégias de reforço positivo influenciam mais eficazmente os comportamentos pretendidos e conseqüentemente maior gosto e envolvimento pelo desempenho desportivo; por sua vez, e de acordo com Weiss & Chaumeton (1992), se o estilo de liderança adotado pelo treinador for predominantemente crítico, este irá ser interiorizado pelos atletas como informação negativa acerca do seu valor pessoal, levando a uma perda de motivação para a aprendizagem, diminuição das suas capacidades e do gosto pelo próprio desporto.

No presente raciocínio ressalta que, o encorajamento, a qualidade de instrução, o reforço positivo e o ser menos crítico por parte do treinador, contribuem para o aumento da autoestima, da motivação e atração pela modalidade por parte dos atletas.

A intervenção do treinador comporta tomadas de decisão que interferem na qualidade de interação para atingir determinados objetivos, que devem estar ao alcance dos atletas e serem da sua expectativa. O comportamento do treinador pode criar ambientes de treino com objetivos orientados para o Ego ou para a Tarefa, ou seja, adotar um modelo de intervenção baseado na teoria da realização de objetivos proposta por Mahers & Nicholles (1980), a qual tem por pressuposto que todo o indivíduo está, à partida, motivado por mostrar competência e habilidade nos seus domínios de realização.

Na perspectiva de objetivos orientados para o Ego, o atleta interpreta as suas experiências, procurando demonstrar as suas competências baseado num critério normativo de comparação social (vencer vs perder) dependente duma valorização social com recompensas extrínsecas. Este critério leva a uma vivência mais intensa do insucesso (não vencer...), aumentando os níveis de ansiedade e diminuindo a autoconfiança, levando ao abandono precoce da modalidade.

Na perspectiva de objetivos orientados para a Tarefa, o desempenho do atleta baseia-se na demonstração de competências através da aprendizagem e aperfeiçoamento, avaliados por ele próprio, tendo por critério a sua evolução na execução. Nesta perspectiva, o atleta move-se através de uma motivação intrínseca, vendo o insucesso como um sinal para aumentar o esforço e a evolução como a sua principal recompensa. Atuando nesta perspectiva o atleta desenvolve as capacidades de perceção sobre as competências, autossuperação, perseverança, esforço e dedicação na tarefa.

PARTE II

2 Metodologia

Nesta segunda parte, apresenta-se a metodologia de investigação, inerente ao estudo em questão, num processo de seleção das estratégias e técnicas que permitiram de forma fiável, organizada e orientada, integrando as variáveis e toda a dinâmica do estudo atingir os objetivos pretendidos.

Assim, para operacionalizar a investigação, constituiu-se uma amostra representativa dos treinadores e atletas a nível nacional, de distintos estilos de Desportos de Combate conforme critérios de inclusão, à qual se aplicou um instrumento de avaliação segundo uma concetualização estratégica para o procedimento da recolha dos dados e tratamento dos resultados, de acordo com as caracterizações que seguidamente se apresentam.

Por último, salientam-se algumas das limitações que acompanharam o desenvolvimento do estudo, sobretudo ao nível da amostra segundo aspetos normativos.

2.1 Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por trinta (n=30) Treinadores *experts* (com 10 ou mais anos de experiência profissional) de Desportos de Combate (*Taekwondo, Karate, Full-Contact, Boxe, Muay Thai, Kickboxing, Wrestling/Luta Livre, Ultimate Full Contact, Free Fight, Pankration/Panocrácio, Judo, Jiu Jitsu e MMA/Vale Tudo*) e provenientes de vários pontos do país, dos quais 27 são do género masculino e 3 do género feminino, com idades compreendidas entre os 27 e os 61 anos, resultando numa média de idades de 43,17 \pm 9,65anos.

Para efeitos estatísticos, os 30 Treinadores foram divididos em dois subgrupos, de modo a satisfazer os objetivos específicos da pesquisa. Um subgrupo sem formação académica na área do desporto (n=15) e um subgrupo com formação académica na área do desporto (n=15). Da amostra, também fizeram parte 112 atletas seniores das referidas modalidades com idades compreendidas entre os 18 e 60 anos, 20 do sexo feminino e 92 do sexo masculino, com uma média total de idades de 24,26 e desvio padrão de 7,59.

Critérios de inclusão:

- Ser treinador/mestre com o mínimo de 10 anos de experiência profissional no ensino/treino nos Desportos de Combate ou Artes Marciais;
- Ser atleta sénior (≥ 18 anos) praticante dos Desportos de Combate ou Artes Marciais.

Apresenta-se a seguir o gráfico nº1, no qual se observa a relação em percentagem entre o número de atletas e treinadores da amostra.

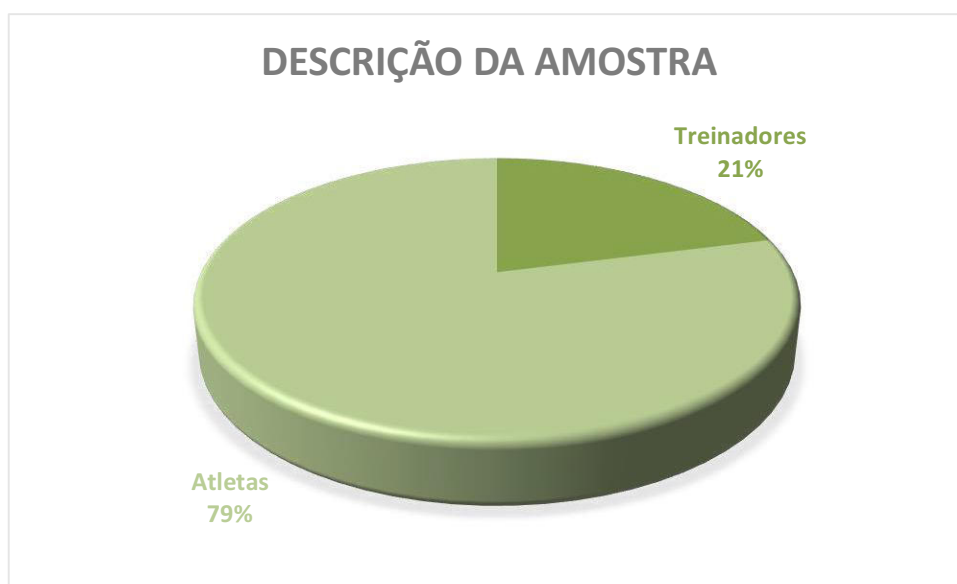


Gráfico 1 - Relação Atletas Treinadores

No gráfico nº 2 regista-se a caracterização da amostra dos treinadores quanto ao género.



Gráfico 2 - Caracterização dos treinadores quanto ao género

Como se verifica, existe uma percentagem significativamente maior de treinadores do género masculino, o género feminino faz-se representar apenas com 10% dos treinadores. Tal diferença deve-se ao facto de no universo ou população dos treinadores dos desportos combate existirem muito menos treinadores do género feminino.

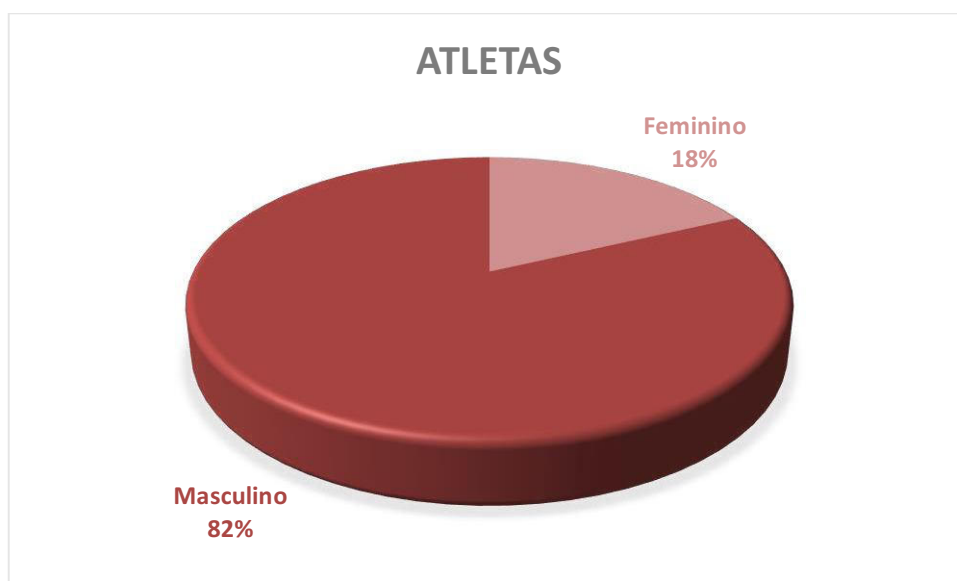


Gráfico 3 - Caracterização dos atletas quanto ao género

O gráfico nº 3 caracteriza os atletas quanto ao género, observando-se uma maior participação por parte do género masculino com um registo de 82%, enquanto o género feminino registou 18% da amostra dos atletas. Tal facto deve-se à existência de um maior número de praticantes do género masculino nos Desportos de Combate.

2.2 Caracterização dos instrumentos de avaliação

Para a recolha de dados foi utilizado o questionário Percepções sobre qualidades de um bom treinador (Anexo I) elaborado por Francisco, C.M. & Casanova, J. (2011). O questionário é constituído por duas partes, a primeira referente a dados sociodemográficos, onde se focam as características dos inquiridos, e a segunda parte é composta por 20 itens objetivos de escolha múltipla, referentes às qualidades que um treinador deve ter. A escala utilizada foi a de Likert, onde o inquirido pôde optar por um dos cinco graus correspondente à sua percepção: 1 – discordo totalmente; 2 – discordo; 3 – indiferente; 4 – concordo; 5 – concordo totalmente.

O questionário foi sujeito a um processo de validação estatística, conforme estudos efetuados anteriormente por colegas do Mestrado em Ciências do Desporto, Pereira e Crespo (2012) e Saraiva (2013).

Questão	\bar{X}	S	Correlação
Ser responsável	4.84	0.454	0.474**
Ser pontual	4.77	0.460	0.552**
Tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais	4.86	0.410	0.436**
Ter capacidade de resolução de problemas	4.68	0.524	0.666**
Ter respeito	4.81	0.460	0.516**
Ter conhecimentos técnicos	4.71	0.544	0.617**
Ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição	4.76	0.512	0.584**
Revelar conhecimento dos atletas	4.51	0.692	0.704**
Ser dedicado	4.72	0.531	0.618**
Ter conhecimentos táticos	4.67	0.552	0.667**
Atuar de acordo com princípios éticos	4.57	0.609	0.732**
Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube	4.71	0.551	0.621**
Saber influenciar positivamente os atletas	4.74	0.500	0.643**
Ser aplicado	4.73	0.493	0.661**
Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição	4.62	0.604	0.740**
Transmitir confiança a atletas e pais	4.67	0.578	0.628**
Ser compreensivo	4.63	0.576	0.642**
Primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente	4.62	0.585	0.719**
Ser organizado	4.71	0.563	0.623**
Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador	4.80	0.490	0.630**

**Correlation is significant at the 0.01

Tabela 2 - Análise descritiva dos itens do questionário

Fonte: Qualidades do treinador do séc. XXI, Saraiva 2013

Dos estudos efetuados verificou-se o valor médio encostado à direita da escala, com valores de desvio padrão considerados normais (tabela n.º 2). Os coeficientes de correlação entre os 20 itens e o total da escala apresentaram valores significativos, considerando $p= 0.01$ (tabela n.º 2). A consistência interna apresentou o valor de Alfa .855 (tabela n.º 3), que de acordo com vários autores (Hill e Hill, 2002; Maroco, 2003; Pestana e Gageiro, 2003 citados por Saraiva 2013) é valor indigitado como excelente.

Alpha de Cronbach	\bar{X}	Variância	Nº Itens
0.855	4.706	1.751	20

Tabela 3 - Estatística da escala

Fonte: Qualidades do treinador do séc. XXI, Saraiva 2013

Numa análise fatorial resultaram 3 fatores que explicam 51,8% da variância: liderança com 37,74% de variância; capacidade técnico-tática e gestão psicológica com 7,12% de variância; ética profissional com 6,94% de variância (tabela n.º 4).

Questão	Ética Profissional	Liderança	Capacidade Técnico/Tática e Gestão Psicológica
1 Ser responsável	.640		
2 Ser pontual	.770		
3 Tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais	.621		
5 Ter respeito	.572		
4 Ter capacidade de resolução de problemas		.432	
8 Revelar conhecimento dos atletas		.565	
9 Ser dedicado		.490	
11 Atuar de acordo com princípios éticos		.577	
14 Ser aplicado		.495	
15 Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição		.667	
16 Transmitir confiança a atletas e pais		.741	
17 Ser compreensivo		.664	
18 Primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente		.676	
19 Ser organizado		.464	
6 Ter conhecimentos técnicos			.668
7 Ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição			.786
10 Ter conhecimentos táticos			.680
12 Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube			.636
13 Saber influenciar positivamente os atletas			.700
20 Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador			.559
	Ética Profissional	Liderança	Capacidade Técnico/Tática e Gestão Psicológica
Valor Próprio	7.55	1.43	1.39
% Variância Explicada	37.74%	7.12%	6.94%
Alpha de Cronbach	.86	.83	.71

Tabela 4 - Análise fatorial

Fonte: Qualidades do treinador do séc. XXI, Saraiva 2013

2.3 Procedimentos de recolha dos dados

A obtenção dos dados foi garantida pela aplicação do questionário - Perceções sobre qualidades de um bom treinador (Francisco, C.M. & Casanova, J., 2011). Este foi enviado por e-mail para treinadores nacionais que cumprissem o critério de inclusão para este estudo. Após o preenchimento, os questionários foram reenviados ao investigador. O preenchimento do questionário foi opcional, obtendo 30 dos 50 enviados.

O mesmo questionário foi também preenchido por atletas da modalidade em locais onde se realizaram eventos ou nos respetivos clubes e entregues em mão. Toda a informação fornecida pelos inquiridos é estritamente confidencial, sendo os dados recolhidos, utilizados unicamente para fins estatísticos, respeitando todos os princípios éticos e normas internacionais.

2.4 Procedimentos de tratamento de resultados

Para tratamento dos dados recorreu-se, por aconselhamento de especialistas nesta temática, à análise estatística descritiva e inferencial (medidas de tendência central, dispersão e diferenças entre grupos), através dos programas: *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* e *Microsoft EXCEL*, utilizando os testes paramétricos T Test e ANOVA.

Os dados numéricos foram analisados e interpretados, através da criação de instrumentos adequados: tabelas, representações gráficas e indicadores numéricos. Foram identificadas e comparadas as diferenças entre as médias obtidas nas variáveis: qualidades e fatores das competências que devem ser do treinador; em função da autoperceção dos treinadores em geral; da autoperceção dos diferentes subgrupos de treinadores com e sem

formação académica na área do desporto; da perceção dos atletas; e do total da amostra (treinadores e atletas).

2.5 Limitações

Na realização do presente estudo, o autor deparou-se com algumas limitações, nomeadamente ao nível da amostra, uma vez que em Portugal existe um grande número de treinadores/mestres *experts* nas distintas modalidades dos Desportos de Combate/Artes Marciais com e sem formação académica na área do desporto, contudo desenquadrados da atual normativa, que regula o reconhecimento e formação de treinadores, visto esta não contemplar os anos envolvidos em determinadas modalidades não vinculadas a federações desportivas de utilidade pública, apesar de serem agentes desportivos de reconhecida idoneidade e detentores de relevantes currículos desenvolvidos em prol do Desporto de Combate a nível nacional e internacional.

PARTE III

3 Resultados e Discussão

Nesta secção apresentam-se os dados obtidos, procedendo-se ao seu registo, tratamento, análise, interpretação e confrontação de resultados, processando-os por partes e expondo-os de forma ordenada quanto à sua medição, descrição e comparação entre variáveis, elucidados através de tabelas e gráficos, segundo a seguinte organização:

Tratamento e análise dos resultados:

- Médias referentes à percepção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos atletas;
- Médias referentes à autopercepção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto;
- Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto;
- Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percecionadas em função dos treinadores e dos atletas;
- Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percecionadas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto e dos atletas;
- Médias referentes à percepção por questão/qualidades e fatores das competências em função da totalidade da amostra (treinadores e atletas).

Por último, é efetuada a discussão e conclusão dos resultados que irá fundamentar a conclusão final do estudo, onde se responderá aos problemas e se verificará a veracidade das hipóteses formuladas.

3.1 Tratamento e análise dos resultados

Do presente estudo, apresentam-se, em primeira análise, as médias dos resultados obtidos pela percepção dos atletas e autopercepção dos treinadores por cada questão do questionário/qualidades, correspondendo estas questões a uma medida fatorial das competências do treinador, contemplando três fatores distintos: ética profissional, liderança e capacidade técnico-tática e gestão psicológica. Serão comparados os valores obtidos nestes três fatores em função das variáveis independentes: treinadores experts de Desportos de Combate com formação académica na área do desporto ou educação física, treinadores experts sem formação académica na área do desporto ou educação física e os atletas de desportos de combate.

Os dados obtidos foram inseridos e analisados estatisticamente no programa SPSS e EXCEL, onde se calcularam as frequências, medidas de avaliação de tendência central e de dispersão da distribuição, e comparação de médias através dos testes paramétricos T Test e ANOVA.

3.1.1 Médias referentes à percepção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos atletas

Em relação aos resultados dos atletas (n=112), obtiveram-se as seguintes médias em cada questão (Gráfico n.º 4):

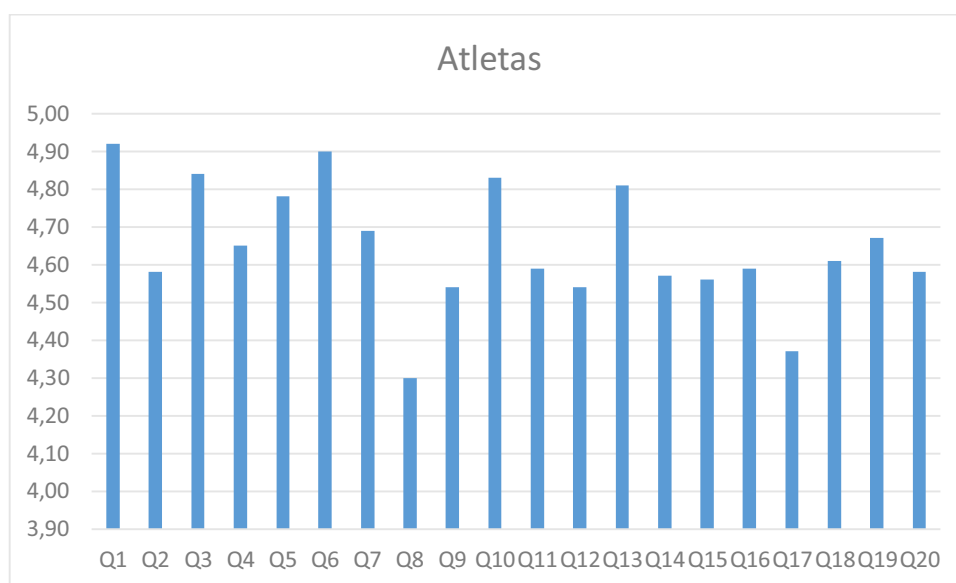


Gráfico 4 – Médias de percepção por questão/qualidades em função dos atletas

Podem ser observadas as seguintes questões correspondentes aos cinco valores médios mais percecionados: em 1º lugar, com a média de 4,92 a Q1 (ser responsável); em 2º lugar, com a média de 4,90 a Q6 (ter conhecimentos técnicos); em 3º lugar, a Q3 (tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais) com 4,84; em 4º lugar a Q10 (ter conhecimentos táticos) com 4,83 e em 5º lugar a Q13 (saber influenciar positivamente os atletas) com 4,81,... A questão menos valorizada foi a Q8 (revelar conhecimento dos atletas) com 4,30. As médias das questões agrupadas correspondentes a cada fator indicam a Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica como a dimensão mais valorizada com 4,779, seguindo-se da Liderança com 4,726 e por último a Ética Profissional com 4,546 (tabela n.º 5).

	Ética profissional	Liderança	Cap. técnico-tática e gestão psicológica
T com FA Desp EF	4,707	4,790	4,983
T sem FA Desp EF	4,427	4,677	4,683
Atletas	4,546	4,726	4,779

Tabela 5 - Médias dos fatores das competências em função de treinadores com e sem formação académica em desporto e dos Atletas

3.1.2 Médias referentes à autoperceção por questão/qualidades e fatores das competências em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto

Em relação aos treinadores, registaram-se por cada questão/qualidades, no gráfico n.º 5 os valores referentes às médias em função do subgrupo com formação académica na área do desporto ou educação física e, no gráfico n.º 6 os valores referentes às médias em função do subgrupo de treinadores sem formação académica na área do desporto ou educação física.

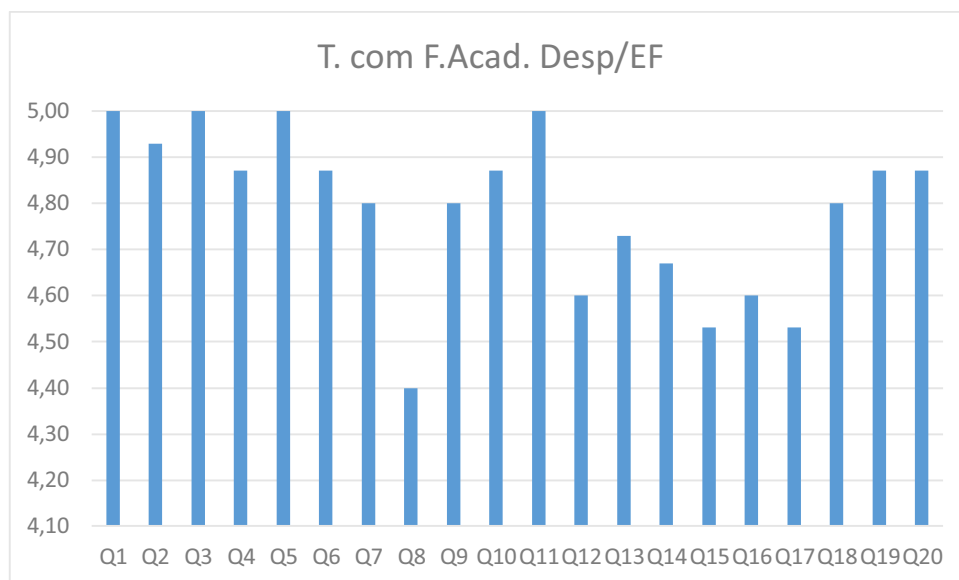


Gráfico 5 - Médias de autopercepção por questão/qualidades em função dos treinadores com formação acadêmica em desporto/educação física

Nos treinadores com formação acadêmica em desporto ou educação física, verificaram-se as seguintes questões/qualidades referentes aos cinco valores médios mais valorizados: em 1º lugar com a média de 5,00, a Q1 (ser responsável), a Q3 (tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais), a Q11 (atuar de acordo com princípios éticos) e a Q5 (ter respeito); em 2º lugar com a média de 4,93 a Q2 (ser pontual); em 3º lugar com 4,87 a Q4 (ter capacidade de resolução de problemas), a Q6 (ter conhecimentos técnicos), a Q10 (ter conhecimentos táticos), a Q19 (ser organizado) e a Q20 (oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador); em 4º lugar com 4,80 a Q7 (ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição), a Q9 (ser dedicado), a Q18 (primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente) e em 5º lugar com 4,73 a Q13 (saber influenciar positivamente os atletas),... apresentando a Q8 (revelar conhecimento dos atletas) o menor valor com 4,40.

Quanto aos fatores das competências correspondentes, verifica-se a Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica como a dimensão mais valorizada com a média 4,983, seguindo-se da Liderança com 4,790 e por último a Ética Profissional com 4,707 (tabela n.º 5).

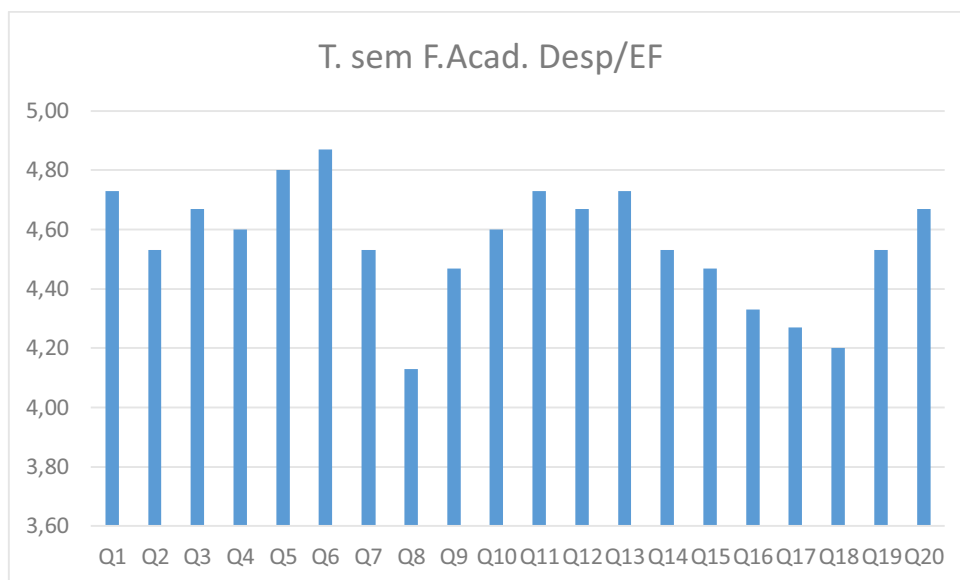


Gráfico 6 - Médias de autopercepção por questão/qualidades em função dos treinadores sem formação académica em desporto/educação física

Quanto aos treinadores sem formação académica na área do desporto ou educação física, verificou-se ser a Q6 (ter conhecimentos técnicos) a qualidade mais valorizada com a média 4,87, seguindo-se em 2º lugar com a média de 4,80 a Q5 (ter respeito); em 3º lugar com a média de 4,73 a Q1 (ser responsável), a Q11 (atuar de acordo com os princípios éticos) e a Q13 (saber influenciar positivamente os atletas); em 4º lugar com a média de 4,67 a Q3 (tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais), a Q12 (saber gerir os conflito no seio da equipa/clube) e a Q20 (oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador); em 5º lugar com 4,60 a Q4 (ter capacidade de resolução de problemas) e a Q10 (ter conhecimentos táticos),... a questão menos valorizada voltou a ser a Q8 (revelar conhecimento dos atletas) com 4,13.

Quanto aos fatores das competências correspondentes, verifica-se a Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica como a dimensão mais valorizada com a média 4,683, seguindo-se da Liderança com 4,677 e por último a Ética Profissional com 4,427 (tabela n.º 5).

Todos os grupos, no total das 20 questões, apresentaram como a qualidade de menor valor a referente à Q8 (revelar conhecimento dos atletas), onde os treinadores com

formação académica apresentaram a média de 4,40, os treinadores sem formação académica apresentaram a média de 4,13 e os atletas a média de 4,30.

3.1.3 Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto

Comparando as competências autopercebidas em função das variáveis treinadores **com** formação académica em desporto ou educação física e os treinadores **sem** formação académica na área do desporto ou educação física, salientam-se as seguintes questões/qualidades referentes aos cinco valores médios mais percecionados pelos dois subgrupos e os correspondentes fatores das competências (tabela n.º 6):

Treinadores COM formação académica na área do desporto ou educação física				Treinadores SEM formação académica na área do desporto ou educação física					
Questões/Qualidades		Fatores de competências			Questões/Qualidades		Fatores de competências		
		CTTGP	L	EP			CTTGP	L	EP
Q1 ser responsável				X	Q6 ter conhecimentos técnicos		X		
Q3 tratar de igual forma todos os atletas				X					
1 Q4 ter capacidade de resolução de problemas	5,00			X		4,87			
Q5 ter respeito				X					
Q11 atuar de acordo com princípios éticos			X						
2 Q2 ser pontual	4,93			X	Q5 ter respeito	4,80			X
Q4 ter capacidade de resolução de problemas			X		Q1 ser responsável				X
Q6 ter conhecimentos técnicos		X			Q11 atuar de acordo com os princípios éticos			X	
3 Q10 ter conhecimentos táticos	4,87	X			Q13 saber influenciar positivamente os atletas	4,73	X		
Q19 ser organizado			X						
Q20 oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador		X							
Q7 ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição		X			Q3 tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais				X
4 Q9 ser dedicado	4,80		X		Q12 saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube	4,67	X		
Q18 primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente			X		Q20 oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador			X	
Q13 saber influenciar positivamente os atletas		X			Q4 ter capacidade de resolução de problemas				X
5 Q10 ter conhecimentos táticos	4,73				Q10 ter conhecimentos táticos	4,73		X	

CTTGP - Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica; L – Liderança; EP – Ética Profissional

Tabela 6 - Questões/qualidades referentes às médias mais altas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto

Analisando a tabela, observa-se que o valor da média mais alta (4,87) percecionada pelos treinadores sem formação académica na área do desporto ou educação física, referente à qualidade ter conhecimentos técnicos, corresponde ao valor da média classificada no 3º lugar (4,87) percecionada por parte dos treinadores com formação académica na área do desporto ou educação física. Saliente-se também o facto de, nesse

valor, os treinadores sem formação acadêmica apresentarem apenas uma qualidade percebida, enquanto os treinadores com formação acadêmica apresentam dez qualidades entre esse valor de 4,87 e o seu valor máximo percebido de 5,00.

Na tabela n.º 7 observa-se a comparação das médias obtidas nos distintos fatores das competências correspondentes às vinte questões/qualidades percebidas em função dos treinadores *expert* com formação e sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física.

Fatores das competências			
Treinadores COM formação acadêmica na área do desporto ou educação física		Treinadores SEM formação acadêmica na área do desporto ou educação física	
1	Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica	4,983	Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica 4,683
2	Liderança	4,790	Liderança 4,677
3	Ética Profissional	4,707	Ética Profissional 4,427

Tabela 7 - Comparação de médias dos fatores das competências em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto

Dos valores apresentados nos dois subgrupos dos treinadores, observa-se a mesma ordem de percepção: 1º Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica; 2º Liderança; 3º Ética Profissional. Salienta-se que, o valor mais alto obtido nos três fatores das competências por parte dos treinadores sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física (4,683 Capacidades Técnico-Tática e Gestão Psicológica) é inferior ao valor mais baixo obtido nos três fatores por parte dos treinadores com formação acadêmica em desporto ou educação física (4,707 Ética Profissional).

Assim, através da análise do gráfico n.º 7 verifica-se que, os treinadores com formação acadêmica na área do desporto valorizam mais o fator ética profissional do que os treinadores sem formação acadêmica na área do desporto.

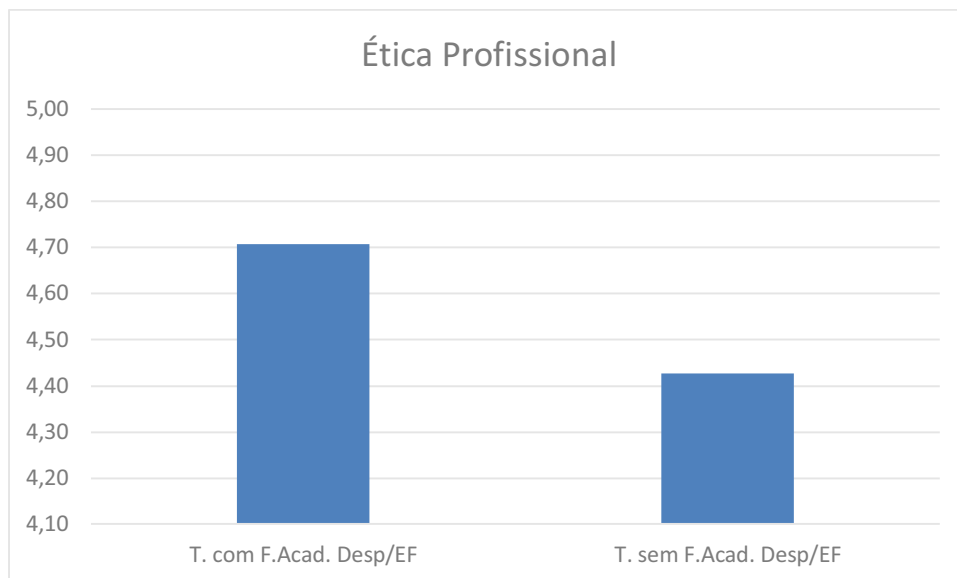


Gráfico 7 – Médias ética profissional em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto

Em relação ao fator liderança, verifica-se através do gráfico n.º 8 que são os treinadores com formação académica na área do desporto quem mais a valoriza.

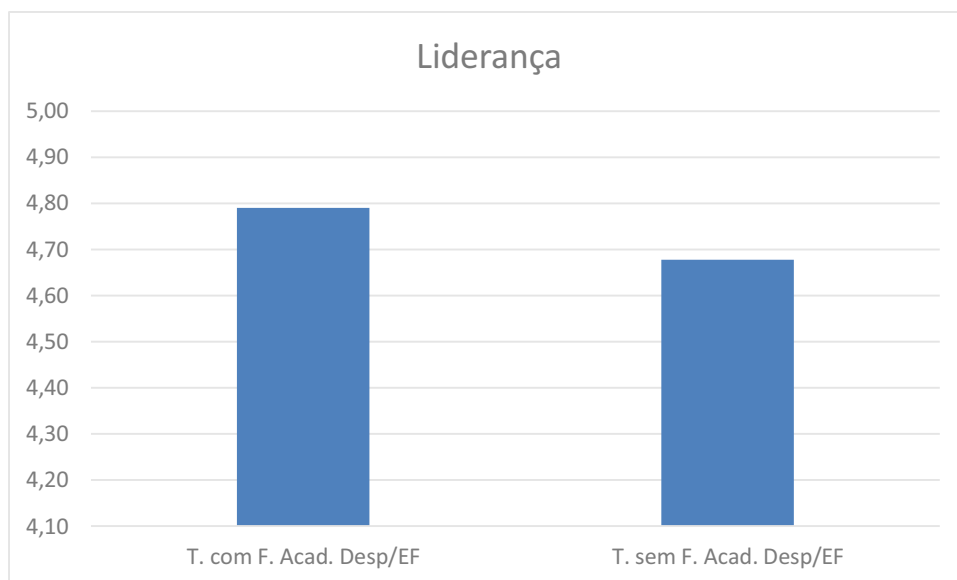


Gráfico 8 – Médias liderança em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto

O mesmo se verifica em relação ao fator capacidade técnico-tática e gestão psicológica, também é mais valorizada pelos treinadores com formação académica na área do desporto como se pode verificar no gráfico n.º 9.

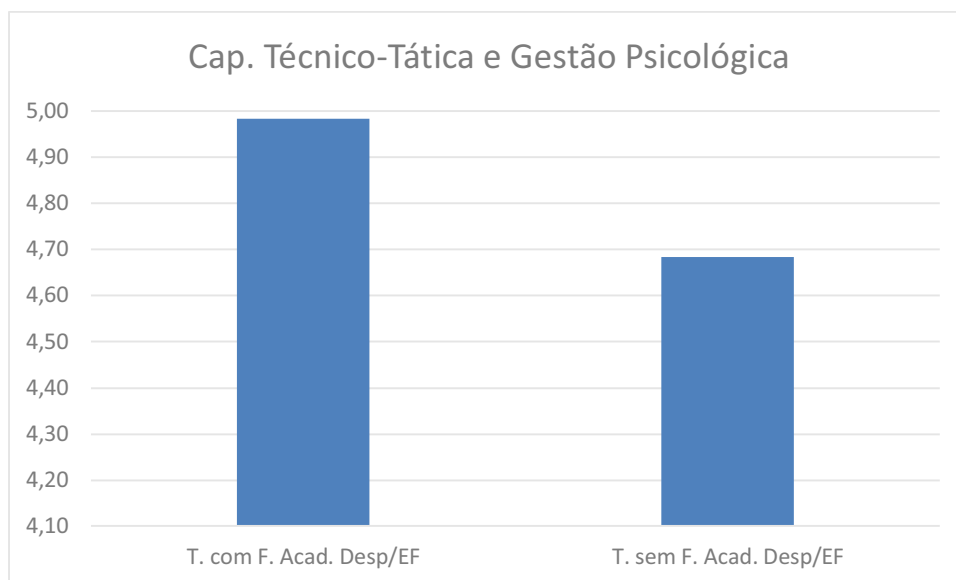


Gráfico 9 – Médias cap. técnico-tática e gestão psicológica em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto.

Em relação à significância, considerando o nível adotado de $p \leq 0,05$, verifica-se na tabela n.º 8 haver a existência de diferença estatisticamente significativa entre os dois subgrupos dos treinadores, em relação ao fator capacidade técnico-tática e gestão psicológica. Infere-se, através dos valores de F, que é no fator capacidade técnico-tática e gestão psicológica que a autoperceção dos subgrupos de treinadores mais se diferencia, e no fator liderança que mais se aproximam.

Fatores das competências	F	Sig.
Ética profissional	2,488	0,126
Liderança	0,506	0,483
Cap. técnico-tática e gestão psicológica	4,591	0,041

Tabela 8 – Significância entre os subgrupos de treinadores pelos fatores

Para explicitar o que já foi dito, comparando as médias dos dois subgrupos de treinadores, pelos três fatores das competências em análise através do gráfico n.º 10 e da tabela n.º 9, verificamos que os treinadores com formação académica na área do desporto

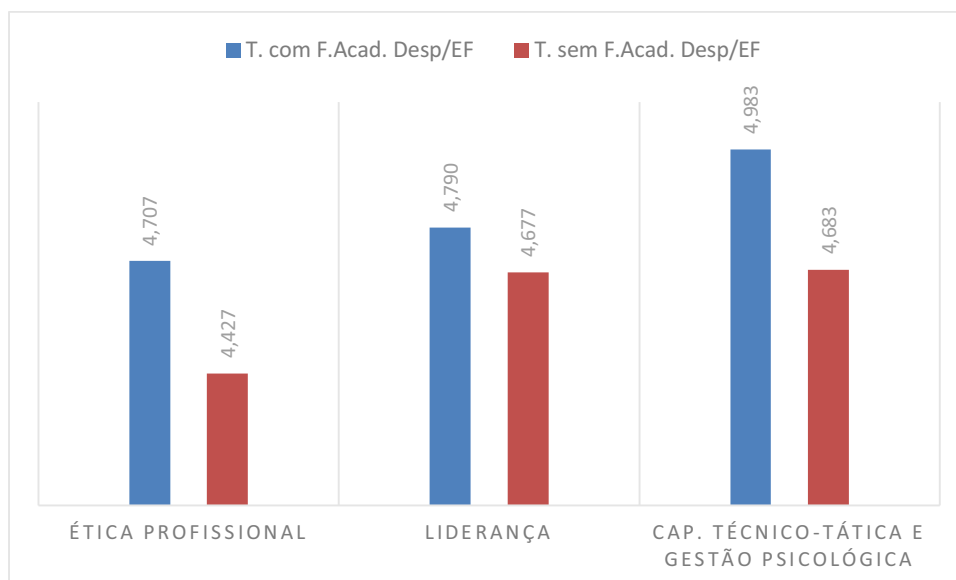


Gráfico 10 - Comparação de médias das competências entre os dois subgrupos de treinadores

valorizam mais as três dimensões das competências, sendo a capacidade técnico-tática e gestão psicológica o fator mais valorizado, seguindo-se pelo fator da liderança e por último o fator da ética profissional.

Fatores das competências	Treinadores	N	Média	Desvio padrão
Ética profissional	Com F.Acad. Desporto/EF	15	4,707	0,252
	Sem F.Acad. Desporto/EF	15	4,427	0,640
Liderança	Com F.Acad. Desporto/EF	15	4,790	0,323
	Sem F.Acad. Desporto/EF	15	4,677	0,521
Cap. técnico-tática e gestão psicológica	Com F.Acad. Desporto/EF	15	4,983	0,065
	Sem F.Acad. Desporto/EF	15	4,683	0,538

Tabela 9 - Valores entre os dois subgrupos de treinadores

Através da representação gráfica n.º 11 (diagrama de extremos e quartis), é feita uma análise descritiva comparativa de distribuições de dados quanto à maior ou menor concentração, simetria e valores fora da distribuição normal entre os dois subgrupos de treinadores. Como se pode observar baseado na distribuição dos quartis, mediana e

extremos mínimo e máximo, ressalta que a variável fatores das competências, dependente das variáveis treinadores com formação acadêmica em desporto e treinadores sem formação acadêmica em desporto, apresenta os seguintes resultados:

- Os valores referentes ao fator ética profissional, em função dos treinadores com formação, têm uma dispersão bastante menor do que em função dos treinadores sem formação, logo, com uma tendência mais centralizada, existindo em ambos um enviesamento na parte central e inferior dos valores. Enquanto os treinadores com formação apresentam na parte central um enviesamento para a parte superior, os treinadores sem formação apresentam um enviesamento para a parte inferior. Nos 25% dos valores inferiores existe um enviesamento para o mínimo em ambos os grupos, contudo, muito mais dispersos, ou seja, menos concentrados nos valores referentes aos treinadores sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física;
- Os valores referentes ao fator liderança mostram, em função dos treinadores com formação acadêmica, maior concentração, apresentando a totalidade dos valores na parte central da distribuição com ligeiro enviesamento para a parte inferior e dois valores fora da distribuição principal (*outliers*). Por sua vez, os valores do fator liderança, em função dos treinadores sem formação, apresentam uma distribuição de 75% dos valores localizados na parte central, com os restantes 25% localizados na parte inferior com ligeiro enviesamento nessa direção, apresentando um valor fora da distribuição normal;
- Os valores referentes ao fator capacidade técnico-tática e gestão psicológica, em função dos treinadores com formação, apresentam uma concentração de valores bastante forte centralizados sobre a mediana de distribuição, isto é, sem dispersão, havendo porém um caso fora da distribuição normal. Já o mesmo fator, em função dos treinadores sem formação, revela uma distribuição com 75% dos casos na parte central da distribuição acima da mediana e algum enviesamento de 25% dos valores na parte inferior da distribuição.

Sintetizando, a distribuição dos valores referentes à percepção das competências é mais dispersa, ou seja, menos concentrada nos treinadores sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física, ressaltando também um maior enviesamento dos dados na parte inferior do que na parte superior; também na parte central dos valores

existe algum enviesamento na direção do valor mínimo, tratando-se de uma distribuição assimétrica negativa, à exceção da capacidade técnico-tática e gestão psicológica em função dos treinadores com formação académica na área do desporto ou educação física.

Pode assim concluir-se que os treinadores com formação académica na área do desporto apresentam quantitativamente valores mais altos e qualitativamente menor enviesamento ou variabilidade nas respostas, revelando assim maior valorização nas medidas de dimensão referentes aos fatores das competências e maior concordância ou homogeneidade e consistência na perceção das competências.

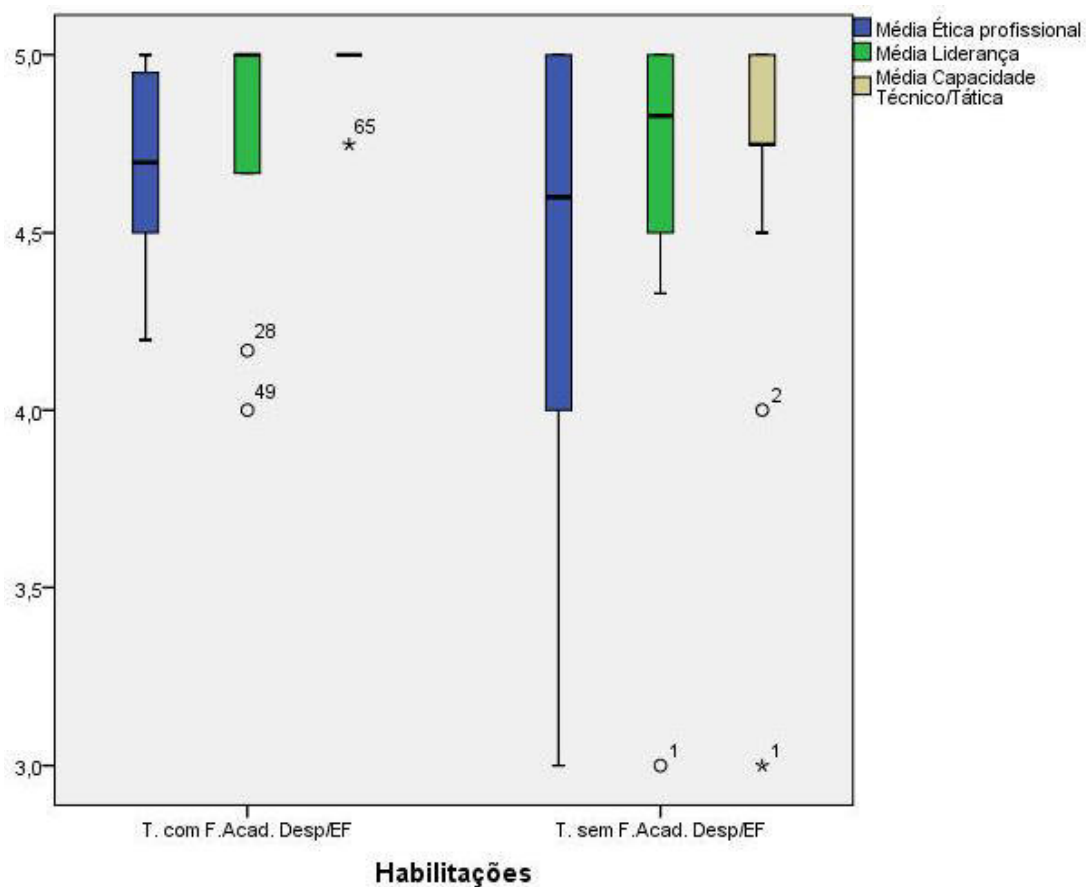


Gráfico 11 - Comparação da dispersão das respostas em função dos treinadores com e sem formação académica em desporto.

3.1.4 Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percebidas em função dos treinadores e dos atletas

Analisando e comparando os valores obtidos na avaliação das competências pelos treinadores na sua totalidade e pelos atletas (tabela n.º 10):

		Ética profissional	Liderança	Cap. técnico-tática e gestão psicológica
Treinador	Média	4,567	4,734	4,833
	N	30	30	30
	Desvio padrão	0,499	0,430	0,406
Atleta	Média	4,546	4,726	4,779
	N	112	112	112
	Desvio padrão	0,380	0,295	0,316
Total	Média	4,55	4,728	4,791
	N	142	142	142
	Desvio padrão	0,406	0,327	0,336

Tabela 10 - Valores das competências dos treinadores e dos atletas

Verifica-se que os treinadores registam valores superiores de autoperceção sobre as competências que devem ser do treinador nos três fatores, e de acordo com o observado no gráfico n.º 12.

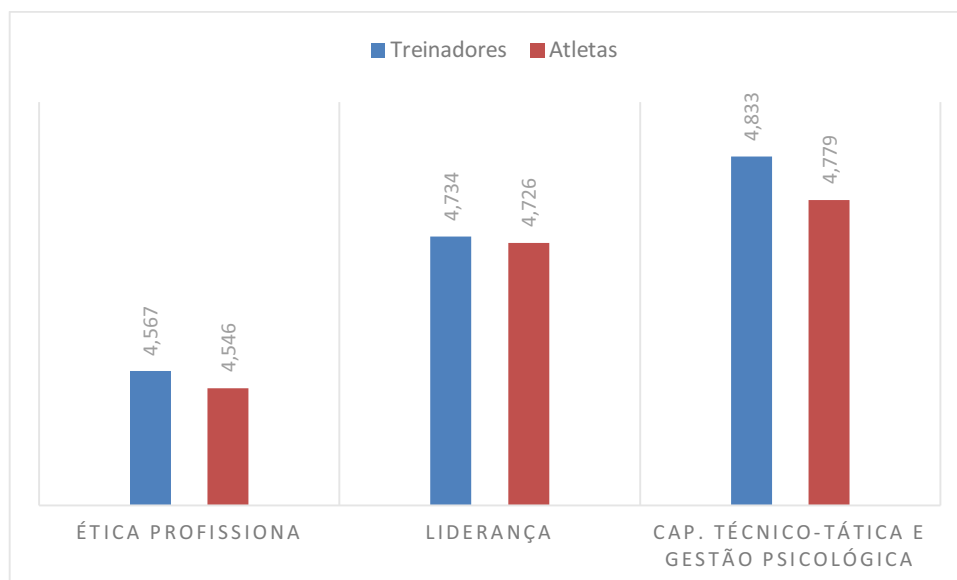


Gráfico 12 - Comparação de médias das competências entre treinadores e atletas

Observando a tabela n.º 11, verifica-se a maior diferença percetiva ao nível do fator da Capacidade Técnico-tática e Gestão Psicológica, contudo sem diferença estatisticamente significativa. A maior concordância entre os dois grupos é verificada ao nível da perceção sobre a Liderança, conforme comprovado pelo valor de F.

Fatores das competências	F	Sig.
Ética profissional	0,064	0,801
Liderança	0,013	0,908
Cap. Técnico-tática e gestão psicológica	0,615	0,434

Tabela 11 - Significância entre treinadores e atletas pelos fatores

Quanto à distribuição dos casos, verifica-se, através do gráfico n.º 13, haver uma dispersão maior ao nível da ética profissional, seguindo-se da liderança e por último da capacidade técnico-tática e gestão psicológica, na qual os casos se centralizam, havendo, porém, em função dos atletas, alguns casos fora da distribuição normal.

Ao nível dos três fatores das competências, verifica-se um enviesamento para a parte inferior, tanto nos valores centrais, como nos valores inferiores, significando que os dados estão mais dispersos, ou seja, menos concentrados na parte inferior do que na parte superior.

Em conclusão, verifica-se que os treinadores apresentam um resultado mais desejado tanto no aspeto quantitativo (valores mais altos) como no aspeto qualitativo (menor enviesamento ou variabilidade nas respostas), visto revelar maior valorização nos três fatores das competências, assim como uma maior concordância ou homogeneidade e consistência na perceção.

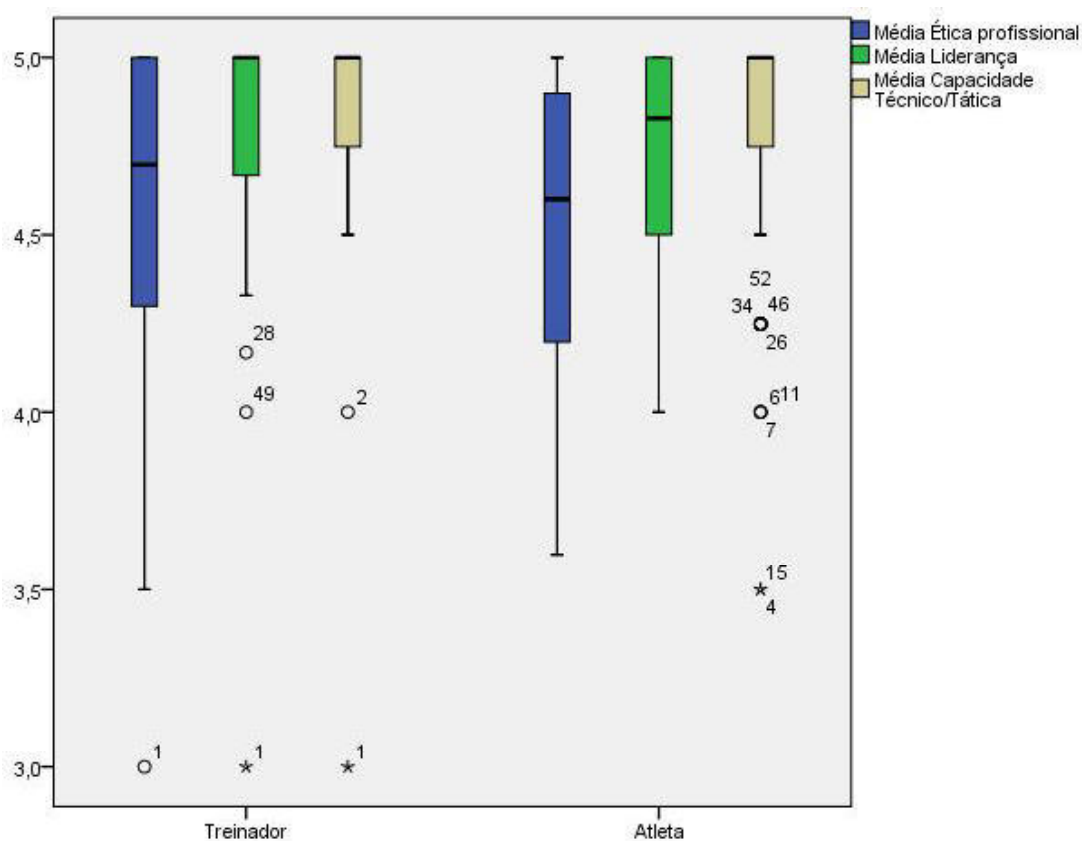


Gráfico 13 - Comparação da dispersão das respostas em função dos treinadores e dos atletas.

3.1.5 Comparação entre as variáveis – Competências autopercecionadas e percebidas em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e dos Atletas

Na análise dos fatores das competências percebidas em função das variáveis treinadores com formação acadêmica na área do desporto e treinadores sem formação acadêmica e dos atletas (tabela n.º 12):

		Ética profissional	Liderança	Cap. técnico-tática e gestão psicológica
T. com F.Acad. Desp/EF	Média	4,707	4,790	4,983
	N	15	15	15
	Desvio padrão	0,252	0,323	0,065
T. sem F.Acad. Desp/EF	Média	4,427	4,677	4,683
	N	15	15	15
	Desvio padrão	0,640	0,521	0,538
Atletas	Média	4,546	4,726	4,779
	N	112	112	112
	Desvio padrão	0,380	0,295	0,316
Total	Média	4,55	4,728	4,791
	N	142	142	142
	Desvio padrão	0,406	0,327	0,336

Tabela 12 - Competências em função dos treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e dos atletas

Observa-se que a auto percepção dos treinadores com formação acadêmica em desporto ou educação física apresenta valores superiores nos três fatores das competências, tanto em relação aos treinadores sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física como em relação aos atletas, sendo porém essa diferença maior em relação aos treinadores sem formação acadêmica em desporto ou educação física (gráfico n.º 14).

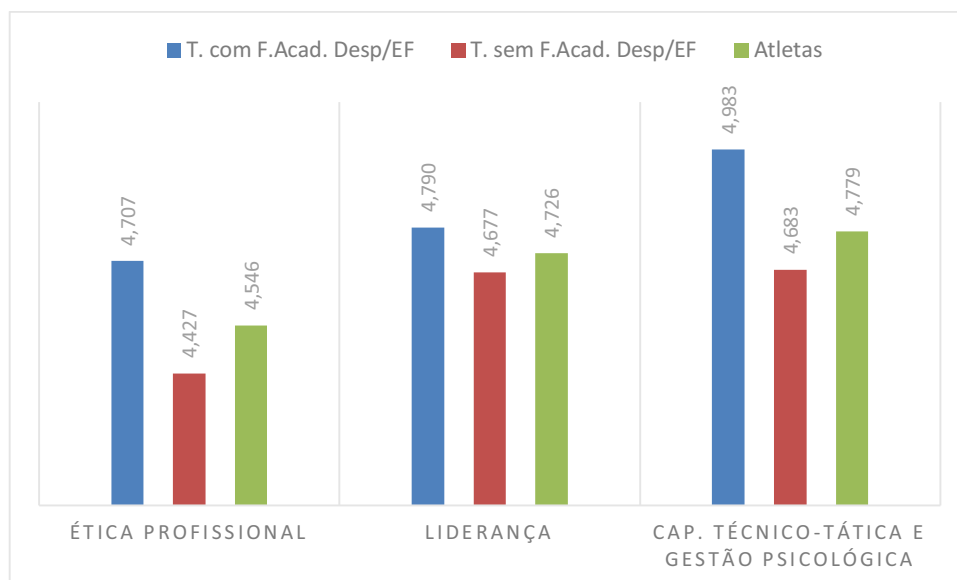


Gráfico 14 – Comparação de Médias das competências entre treinadores com e sem formação acadêmica em desporto e os Atletas

Comparando os valores percebidos das competências em função das variáveis treinadores com formação acadêmica na área do desporto ou educação física e os atletas, verificam-se diferenças estatisticamente significativas ao nível dos fatores ética profissional e capacidade técnico-tática e gestão psicológica (tabela n.º 13), sendo a maior diferença ao nível do fator da capacidade técnico-tática e gestão psicológica.

Fatores das competências	F	Sig.	t	df
Ética profissional	6,13	0,02	1,59	125
Liderança	0,01	0,92	0,78	125
Capacidade técnico-tática e gestão psicológica	14,40	0,00	2,49	125

Tabela 13 – Significância entre treinadores com formação acadêmica em desporto e Atletas pelos fatores

Em relação à correlação das competências percebidas em função das variáveis treinadores sem formação acadêmica na área do desporto ou educação física e os atletas, verifica-se haver diferença estatisticamente significativa ao nível do fator ética profissional (tabela n.º 14).

Fatores das competências	F	Sig.	t	df
Ética profissional	12,68	0,00	-1,04	125
Liderança	2,78	0,10	-0,54	125
Capacidade técnico-tática e gestão psicológica	2,47	0,12	-1	125

Tabela 14 - Significância entre treinadores sem formação académica em desporto e os Atletas pelos fatores

Através dos valores de F registados nas tabelas n.º 13 e n.º 14, verifica-se a maior diferença percecionada entre treinadores e atletas ao nível da capacidade técnico-tática e gestão psicológica em função dos treinadores com formação e os atletas, seguindo-se do fator ética profissional em função dos treinadores sem formação e os atletas e, por último, a liderança, também em função dos treinadores sem formação e os atletas.

A maior aproximação percetiva regista-se ao nível da liderança em função dos treinadores com formação e os atletas, sendo este o fator das competências preponderante para a relação treinador – atleta.

3.1.6 Médias referentes à perceção por questão/qualidades e fatores das competências em função da totalidade da amostra (treinadores e atletas)

Em última análise, avaliando e comparando a perceção global de todos os inquiridos (treinadores e atletas), verifica-se ao nível das questões (gráfico n.º 15) que a questão mais valorizada foi a Q1 (ser responsável), com a média de 4,91, seguindo-se por ordem decrescente da Q6 (ter conhecimentos técnicos), com 4,89, da Q3 (tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais) com 4,84, da Q10 (ter conhecimentos táticos) com 4,81, da Q13 (saber influenciar positivamente os atletas) e da Q5 (ter respeito), ambas com 4,80,... sendo a Q8 (revelar conhecimento dos atletas) a questão menos pontuada com a média de 4,30.



Gráfico 15 - Médias de percepção por questão/qualidades em função da totalidade da amostra

Nos correspondentes fatores das competências, observa-se no gráfico n.º 16 ser a capacidade técnico-tática e gestão psicológica o fator mais valorizado com a média de 4,79, seguindo-se da liderança com 4,73 e por último da ética profissional com 4,55.

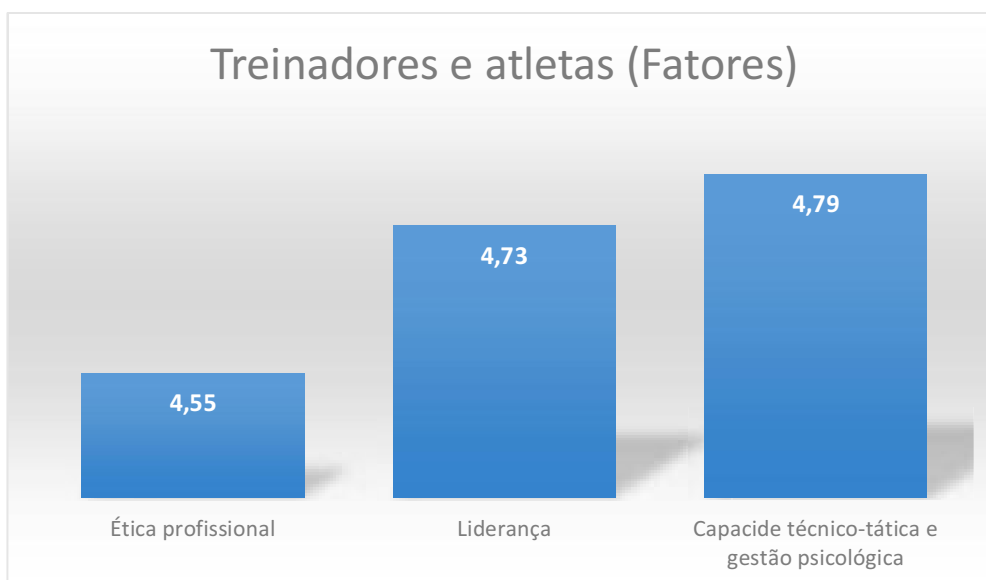


Gráfico 16 - Médias dos fatores das competências em função da totalidade da amostra

3.2 Discussão

Os resultados obtidos evidenciam que a ordem de percepção sobre as competências de um treinador é semelhante por parte dos dois subgrupos de treinadores (com e sem formação académica na área do desporto) e dos atletas: 1º capacidade técnico-tática e gestão psicológica; 2º liderança; 3º ética profissional. No entanto, apesar de todos os treinadores terem 10 ou mais anos de experiência (*experts*), foram os treinadores com formação académica na área do desporto que mais valorizaram todas as competências que devem ser do treinador, apresentando quantitativamente médias mais elevadas, com diferenças estatisticamente significativas ao nível da capacidade técnico-tática e gestão psicológica em relação aos outros dois grupos e, ao nível da ética profissional, só em relação aos atletas, sendo a maior diferença no fator capacidade técnico-tática e gestão psicológica. Os resultados vão ao encontro doutros estudos realizados com a aplicação do mesmo questionário, como a investigação “Qualidades do Treinador do Séc. XXI” realizada por Saraiva (2013) no âmbito do Mestrado em Ciências do Desporto, em que os treinadores, a variável formação académica e a experiência evidenciaram níveis mais altos de percepção sobre todos os fatores das competências; também o estudo “Percepções sobre Qualidades de um bom Treinador”, da autoria de Pereira e Crespo (2012), refere que, à medida que as habilitações literárias são mais elevadas, os indivíduos dão mais importância aos fatores das competências, assim como, as variáveis experiência, o ser treinador ou professor, mostraram ser elevadoras da importância atribuída às competências que devem ser do treinador.

Numa perspetiva qualitativa, houve mais concordância ou homogeneidade na percepção das qualidades que devem ser do treinador de desportos de combate também no subgrupo dos treinadores com formação académica na área do desporto. Os dados obtidos podem significar haver uma maior competência por parte dos treinadores com formação académica na área do desporto para desempenharem as funções de treinador, uma vez que, de acordo com a explicação dos autores Batista (2008) e Nascimento (1999), que ditam que o desempenho profissional resulta, não só do nível de competência adquirido, mas também da autoavaliação que cada um faz das suas próprias competências. Sendo

assim, os resultados registados no presente estudo são concordantes com Demers *et al.* (2006) ao mencionar que a formação académica tem-se revelado ser qualificadora da intervenção profissional, devido ao suporte pedagógico e didático dos cursos de Desporto.

Com efeito, nos valores apresentados pelos dois subgrupos de treinadores (tabela n.º 15), ressalta que a média mais alta obtida nos três fatores das competências por parte dos treinadores sem formação académica na área do desporto ou educação física (4,68 Capacidades Técnico-Tática e Gestão Psicológica) é inferior à média mais baixa obtida nos três fatores por parte dos treinadores com formação académica em desporto ou educação física (4,71 Ética Profissional).

Fatores das competências					
Treinadores COM formação académica na área do desporto ou educação física		Treinadores SEM formação académica na área do desporto ou educação física		Atletas	
1	Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica	4,983	Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica	4,683	Capacidade Técnico-Tática e Gestão Psicológica 4,779
2	Liderança	4,790	Liderança	4,677	Liderança 4,726
3	Ética Profissional	4,707	Ética Profissional	4,427	Ética Profissional 4,546

Tabela 15 - Fatores das competências por ordem decrescente

Relativamente às questões/qualidades (tabela n.º 16), o valor da média mais alta (4,87) percecionada pelos treinadores sem formação académica na área do desporto, referente à qualidade ter conhecimentos técnicos, corresponde ao valor da média classificada no 3º lugar (4,87) percecionada por parte dos treinadores com formação académica na área do desporto ou educação física. Saliente-se também o facto de, nesse valor, os treinadores sem formação académica apresentarem apenas uma qualidade percecionada (ter conhecimentos técnicos), enquanto os treinadores com formação académica apresentam dez qualidades entre esse valor de 4,87 e o seu valor máximo percecionado de 5,00:

- ser responsável;
- tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais;
- ter respeito;
- atuar de acordo com princípios éticos;
- ser pontual;

- ter capacidade de resolução de problemas;
- ter conhecimentos técnicos;
- ter conhecimentos táticos;
- ser organizado;
- oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador.

		Questões/Qualidades		
	Treinadores COM formação académica na área do desporto ou educação física	Treinadores SEM formação académica na área do desporto ou educação física		Atletas
1	Q1 ser responsável Q3 tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais Q5 ter respeito Q11 atuar de acordo com princípios éticos 5,00	Q6 ter conhecimentos técnicos 4,87		Q1 ser responsável 4,92
2	Q2 ser pontual 4,93	Q5 ter respeito 4,80		Q6 ter conhecimentos técnicos 4,90
3	Q4 ter capacidade de resolução de problemas Q6 ter conhecimentos técnicos Q10 ter conhecimentos táticos Q19 ser organizado Q20 oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador 4,87	Q1 ser responsável Q11 atuar de acordo com os princípios éticos Q13 saber influenciar positivamente os atletas 4,73		Q3 tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais 4,84
4	Q7 ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição Q9 ser dedicado Q18 primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente 4,80	Q3 tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais Q12 saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube Q20 oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador 4,67		Q10 ter conhecimentos táticos 4,83
5	Q13 saber influenciar positivamente os atletas 4,73	Q4 ter capacidade de resolução de problemas Q10 ter conhecimentos táticos 4,73		Q13 saber influenciar positivamente os atletas 4,81

Tabela 16 – As cinco médias mais altas com as respetivas questões/qualidades

Das qualidades mais percebidas ressalta que os treinadores sem formação acadêmica apresentam uma autopercepção de cariz mais tecnicista, ou seja, técnico-metodológico, devendo-se aos conhecimentos adquiridos pela prática, o que é revelado pelo facto de privilegiarem destacadamente apenas a qualidade “ter conhecimentos técnicos”. De facto, segundo Rosado & Mesquita (2007) “a formação de treinadores desportivos, pouco presente como formação de nível superior, têm-se estruturado em torno daquilo a que chamaremos uma visão tecnocrática estrita. Os modelos de formação têm seguido uma orientação transmissiva e tecnicista, exigindo-se que os treinadores assimilem conhecimentos, nomeadamente, “conhecimentos práticos” e que, no âmbito desta abordagem tecnicista, o façam reproduzindo comportamentos fundamentalmente de cariz técnico-metodológico”.

Por sua vez, a autopercepção dos treinadores com formação acadêmica demonstra um pensamento mais assente em conhecimentos científico-pedagógicos, embora articulado com um pensamento técnico-didático, como resultado da aquisição de conhecimentos e competências em contexto académico, enriquecido pela experiência profissional, o que é comprovado pela diversidade de qualidades distintas que privilegiaram acima do valor médio, onde os treinadores sem formação valorizaram apenas a qualidade “ter conhecimentos técnicos”. Está assim, subjacente na autopercepção dos treinadores com formação acadêmica na área do desporto, o domínio de diferentes fatores das competências para desempenhar as funções de treinador de forma eficiente e eficaz, ou seja, valorizaram não uma, mas sim, um conjunto de qualidades distintas que devem preexistir em sincronia, qualidades explícitas da pedagogia do desporto para a intervenção pedagógica do treino, que se desenvolve segundo princípios pedagógicos, biológicos e metodológicos. Princípios que no treino, têm por objetivo fundamental direccionar, orientar e controlar a atividade prática, de forma a conferir uma maior eficácia na sua aplicação. Efetivamente, o treino é um processo pedagógico complexo que visa desenvolver as capacidades técnicas, táticas, físicas e psicológicas do praticante no quadro específico das situações competitivas através da prática sistemática e planificada do exercício (Castelo *et al.*, 1996). Por isso, além dos imprescindíveis conhecimentos técnicos adquiridos pela prática, ser treinador exige um conhecimento multidisciplinar e o desenvolvimento de um conjunto de habilidades próprias no âmbito das competências de ensino. De acordo com Rosado & Mesquita (2007) a competência académica contribui

na formação em matéria relacional e deontológica, no desenvolvimento de posturas profissionais reflexivas e críticas, na aquisição de uma consciencialização de si enquanto pessoa e enquanto profissional, na possibilidade de desenvolver competências de investigação e criatividade.

Ainda, através da observação e comparação da dispersão da distribuição das respostas ou variabilidade da perceção dentro de cada subgrupo, verificou-se que o subgrupo dos treinadores com formação académica na área do desporto ou educação física foram mais consistentes ou concordantes na avaliação das qualidades, apresentando menos enviesamento nas respostas/qualidades referentes aos três fatores das competências. Este aspeto mostra ser reflexo da assimilação e consolidação dos conhecimentos adquiridos nas diferentes unidades curriculares no decorrer dos percursos académicos, contribuindo para um conhecimento mais coerente e consistente.

Comparando os resultados de cada um dos subgrupos de treinadores com a perceção obtida por parte dos atletas, verificou-se a maior diferença percecionada ao nível da capacidade técnico-tática e gestão psicológica em função dos treinadores com formação e os atletas, seguindo-se do fator ética profissional em função dos treinadores sem formação e os atletas e, por último, a liderança também em função dos treinadores sem formação e os atletas. A maior aproximação percetiva regista-se ao nível da liderança em função dos treinadores com formação e os atletas, indo ao encontro de outros estudos, não no âmbito dos desportos de combate pela sua escassez ou inexistência, mas desenvolvido no contexto das atividades gímnicas, como o estudo realizado por Casanova (2003) que, numa caracterização e comparação entre a relação de liderança treinador-atleta em desporto escolar/federado, verificou também elevada aproximação da perceção dos atletas com a autoperceção dos treinadores, fator preponderante na relação treinador-atleta. Infere-se, através destes valores, haver maior diferenciação percetiva entre os treinadores sem formação e os atletas, uma vez que se observou maior diferença em dois fatores das competências, enquanto a maior diferença percetiva entre os treinadores com formação e os atletas se registou apenas ao nível de um só fator. Salienta-se ainda o facto de poder ser utilizado, como quadro de referência das qualidades que devem ser do treinador dos Desportos de Combate, o paradigma vigente do próprio estudo, em que a perceção de todos os grupos indica a capacidade técnico-tática e gestão psicológica como o fator de competências mais privilegiado para o desempenho dos treinadores, levando a

deduzir que este fator é o mais indicado para o desempenho. Assim, é relevante a maior aproximação perceptiva neste fator em relação à percepção dos treinadores com formação académica na área do desporto, os quais, efetivamente, apresentam um maior grau de valorização perceptiva na capacidade técnico-tática e gestão psicológica, estando os atletas mais próximos dos treinadores com formação.

A elevada aproximação perceptiva em relação à liderança entre treinadores com formação e atletas, harmoniza o entendimento e melhora o conhecimento entre eles, proporcionando um melhor relacionamento, logo com maior facilidade de adaptação adequada dos estilos de liderança, fator fundamental para operacionalizar e gerir o processo de ensino-aprendizagem ou treino-*performance* com melhores desempenhos e concretizações de objetivos. De acordo com Smoll e Smith (1984), a relação treinador-atleta surge como fator determinante na forma como os atletas são afetados pela sua participação no desporto. Também Serpa (1996) afirma que tanto os atletas como o treinador necessitam aprender a conhecer-se, já que a cooperação entre ambos constituirá a base psicológica da individualização do treino.

Na verdade, o nível de entendimento entre treinador e atleta possibilita melhor adaptação dos estilos de liderança, melhor estruturação das situações do treino, melhor definição de objetivos a atingir e melhor clima de treino. Aumentam ainda os níveis de motivação, o que facilita a aprendizagem e contribui para a fidelização do atleta à modalidade pelas razões que Lorimer e Jowett (2009) afirmam, nomeadamente que as percepções mútuas do treinador e do atleta e o seu relacionamento representam um papel crucial na motivação para a prática e proporcionam maior satisfação na atividade.

O facto de os atletas apresentarem valores médios nos três fatores das competências entre os valores percecionados pelos dois subgrupos de treinadores, ou seja, acima dos treinadores sem formação e abaixo dos treinadores com formação, demonstra que a sua percepção dirige-se ao encontro autoperceptivo por parte dos treinadores com formação, o que poderá ser efeito das diferentes relações treinador-atleta, pois estes praticam as modalidades sob orientação dos diferentes treinadores pelos quais são influenciados de forma distinta. Há, assim, atletas que vão assimilar e interiorizar certas competências ao nível dos treinadores com formação académica na área do desporto. Esta aproximação perceptiva, como resultado da interação treinador-atleta, poderá ser ainda

vista como sinónimo de maior competência profissional por parte dos treinadores com formação académica na área do desporto, pois revela a capacidade que estes treinadores têm para articular o conhecimento teórico à sua prática profissional (Magalhães *et al.*, 2009), como resultado da influência positiva que exerceram nos atletas.

Relativamente à avaliação e comparação da autoperceção dos treinadores no seu conjunto com a perceção dos atletas, além de, como referido anteriormente, ter-se observado a mesma ordem de valorização dos diferentes fatores de competências, registaram-se médias superiores, no entanto sem diferenças significativas nos três fatores em função dos treinadores. Estes resultados estão em conformidade com outros estudos efetuados com a aplicação do mesmo questionário, como as investigações “Qualidades do Treinador do Séc. XXI” realizada por Saraiva (2013) e “Perceções sobre Qualidades de um bom Treinador” de Pereira e Crespo (2012), em que os treinadores evidenciaram níveis mais altos de perceção sobre todos os fatores das competências em relação aos atletas.

No que respeita à dispersão da distribuição das respostas/qualidades ou sua variabilidade, embora muito semelhante, foram contudo os atletas que apresentaram menor consistência ou homogeneidade, com maior enviesamento das respostas, mostrando menos concordância na perceção ao nível dos diferentes fatores das competências. Este desnivelamento percetivo entre atletas e treinadores, de certa forma, é natural, de acordo com Araújo (1994), “ser treinador exige conhecimentos e requer experiências que ultrapassam as aquisições de uma carreira de atleta. Um excelente atleta nem sempre terá garantia de possuir capacidade para ensinar (...), para ser treinador, para além da lógica do jogo e dos seus elementos, torna-se fundamental dominar a lógica pedagógica do ensino”.

Contudo, verificou-se uma grande aproximação de perceção ao nível do fator liderança, o que se mostra bastante positivo, visto ser o fator predominante no relacionamento entre treinador e o atleta. A perceção aproximada da liderança cria um clima de confiança, credibilidade e aceitação, permitindo adaptar, com flexibilidade e critério, os diferentes estilos de liderança, ou mesmo estabelecer acordos e torná-la efetiva através do processo de comunicação, considerando as diferenças e as necessidades individuais dos praticantes. Assim, proporciona-se o aumento das respetivas

competências, a responsabilidade e o desenvolvimento da personalidade, através de um processo, que, de acordo com Lima (1984), consiste em influenciar a atitude e o comportamento dos praticantes, segundo uma dinâmica resultante do quadro de relações, que deve ter em conta as características individuais, a natureza específica das situações competitivas, dos objetivos dos praticantes e do próprio treinador.

Numa avaliação global da percepção de todos os inquiridos (treinadores e atletas), verificou-se ao nível das qualidades referentes às vinte questões do questionário, destacarem-se como as cinco mais valorizadas: 1º ser responsável; 2º ter conhecimentos técnicos; 3º tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais; 4º ter conhecimentos táticos; 5º saber influenciar positivamente os atletas e ter respeito. Evidencia-se, de acordo com as ciências do desporto, um conjunto de qualidades primordiais no desempenho do treinador, onde está subjacente a consciência, a reflexão, o conhecimento da matéria (habilidades motoras e suas condicionantes a nível da biomecânica e dos mecanismos energéticos, informacionais e afetivos), a inclusão social, o princípio da individualização e da sobrecarga, conhecimento contextual, capacidade de percepção, tomada de decisão e criação de clima de aula/treino – motivação, satisfação, perseverança, cortesia, estima e disciplina, ... Estes são elementos indispensáveis para ensinar os atletas a criar e a desenvolver pensamentos, atitudes e emoções positivas, ensinar as técnicas desportivas (transmissão do saber fazer, hábitos motores e aperfeiçoamento físico) e criar ambientes estimulantes (clima de confiança), ... Porém, a qualidade “ser responsável” aparece no estudo como a mais percecionada, indo ao encontro da sua valia, conforme descrito no conceito de Le Bortef (1999) e Zarifan (1999), citado por Almeida e Rebelo (2004), que definem competências como um sistema, uma organização estruturada que associa de forma combinatória diversos elementos, e a tomada de iniciativa e de responsabilidade do indivíduo nas situações profissionais, com os quais este é confrontado. Estes conceitos aparecem associados a uma transformação de atitudes sociais, e nas relações entre as diferentes categorias de populações presentes nas organizações, contribuindo para uma lógica de competências como um objetivo para vários intervenientes. Ressalte-se o facto de o treinador ser um dos atores principais no fenómeno desportivo, desempenhando um papel de agente de um processo de transformação que acarreta responsabilidades e direitos, logo a qualidade “ser responsável” é bastante oportuna.

Nos correspondentes fatores das competências observou-se que as qualidades de um bom treinador de desportos de combate passam, em primeiro lugar, por ter conhecimento técnico-tático da modalidade e saber gerir a nível psicológico os seus atletas, o que é bastante aceitável, pois, se não houver conhecimentos técnicos e táticos da modalidade, o treinador não terá conteúdos aceitáveis para transmitir e poder efetuar corretamente um processo de ensino/aprendizagem do treino. Os conteúdos são elemento fundamental da didática, para além dos métodos, do próprio treinador e do atleta, dos objetivos/competências e do próprio contexto. Segundo Nascimento (1998) e Feitosa (2002), as capacidades e habilidades assumem um papel preponderante numa ocupação profissional de carácter eminentemente prático, como é o caso do profissional de Desporto e Educação Física, este desenvolve uma atividade que, de acordo com Carvalho (1984), se trata de um processo pedagógico complexo conduzido sistematicamente, onde entram vários elementos em perfeita interação, para que se atinja a otimização da capacidade de rendimento desportivo, objetivo final do treino. É importante que todos os treinadores tenham conhecimento e dominem os elementos desse processo, para conseguir uma boa condução do treino desde a iniciação à alta competição. “... não basta treinar muito; é preciso, cada vez mais, não só treinar muito, mas fundamentalmente treinar melhor...” (Mesquita 1998). A gestão psicológica dos atletas aparece associada neste fator. Na verdade, segundo Pires (2007), “o ato de gestão pressupõe o conhecimento de um conjunto de competências do âmbito da gestão. Contudo, o domínio dessas competências só ganha verdadeiro significado quando ajustado ao ambiente e à tecnologia que estiverem em causa”, que, no caso, é o conhecimento técnico-tático, o indivíduo e o contexto de desenvolvimento. Assim, associado ao conhecimento técnico-tático, é fundamental ter capacidade para gerir a nível psicológico, conforme afirma Araújo (1997), que considera o treinador como um gestor humano com necessidade de ações decisivas ou tomadas de decisão acertadas em tudo o que diga respeito ao rendimento e à qualidade de intervenção dos componentes que a integram, decorrendo num contexto em constante mutação com adaptações permanentes, procurando antecipar o futuro, ou seja, ter uma visão prospetiva. De acordo com o preconizado pelo COI, citado por Pires (2007), “o desenvolvimento das competências contribui para uma atividade desportiva mais desenvolvida, organizada e gerida com o objetivo de “celebrar a

humanidade”... Mas também sentimos a necessidade de prospectar o desporto do futuro enquanto instrumento de desenvolvimento humano”.

Por outro lado, a técnica e a tática, não desassociando do fator físico e psicológico, são fatores preponderantes na modalidade de Desportos de Combate em *Ultimate Full Contact*, que conforme a caracterização descrita anteriormente pelo autor do presente estudo, “é uma modalidade de características particulares. É composta por habilidades abertas e acíclicas de elevada dinâmica com prevalência de tomadas de decisão, alvo de processos cognitivos de extrema complexidade associados a um elevado esforço volitivo, devido ao polivalente e infindável repertório técnico-tático, aplicado num contexto de elevado grau de imprevisibilidade e tenacidade das lutas. As quais se disputam sob contacto físico constante e pleno de alta intensidade, tanto com o uso de oposição de forças máximas (contração isométrica), usada essencialmente na luta no solo, como com impactos físicos (colisões) provenientes de projeções rápidas e de desferimentos constantes de golpes e contragolpes de potência significativa (força explosiva e reativa) ao longo do combate.

O Desporto de Combate Full Contact, engloba processos adaptativos ao nível do controlo motor bastante exigentes, desde a perceção, processamento de informação, tomada de decisão, até às respostas que se efetuam através de habilidades motoras de elevada coordenação e precisão. Com efeito, o combate de Full Contact desenvolve-se num contexto de inúmeros recursos possíveis, com sistemáticas ações de elevada velocidade de reação complexa, sob o inesperado e desconhecido, e a necessidade de gestão contínua de períodos refratários psicológicos criados pelas antecipações (latência das respostas). O grau de dificuldade é ainda acrescido pela execução de encadeamentos técnico-táticos (ações ofensivas e defensivas), compostos de contundentes golpes explosivos, tendo por objetivo, não só pontuar como nos Desportos de Combate em non-contact ou de semi/light contact, mas também nocautear o adversário. Ou seja, é uma modalidade onde o repertório técnico-tático, a destreza, a máxima certeza, o mínimo gasto de energia, a velocidade e força ótima de movimento, associados a um elevado nível das capacidades volitivas, é fundamental”.

Contudo, a liderança e ética profissional também apareceram valorizados nas competências percecionadas, o que revela uma autoavaliação desejada, uma vez que,

seguindo-se das capacidades técnico-táticas e gestão psicológica, indispensáveis para quem ensina, surge a necessidade da capacidade de liderança, para saber adaptar-se às situações, comunicar, transmitir os conhecimentos e motivar os atletas/alunos para o treino e aprendizagem.

“em si o desporto não é bom nem mau. Os efeitos positivos e negativos associados ao desporto não resultam da participação em si, mas da natureza da experiência vivida. Frequentemente chegamos à conclusão que um elemento importante na determinação da natureza daquela experiência é a qualidade da liderança dos adultos que a dirigem” (Bryne 1999, citado por Adelino, Vieira & Coelho 1999).

A ética profissional, embora como fator de valor médio mais baixo no presente estudo, apresenta, no entanto, uma das suas qualidades (ser responsável) como a mais valorizada pelo conjunto da totalidade da amostra. De facto, de acordo com a literatura, a tarefa de educar é um processo de bastante responsabilidade, desenvolvendo e consolidando as qualidades da personalidade. O pleno conhecimento da pedagogia, a sua correta inter-relação e a sua aplicação da teoria à prática, de forma consciente, refletida e bem organizada leva ao sucesso do desempenho como treinador (Sarmiento, 2004). O treinador é um dos atores principais no fenómeno desportivo, onde intervém num processo de transformação que acarreta responsabilidades (formação social e emocional dos atletas e sua melhoria). Ser treinador é ser um agente interativo de desenvolvimento social, cultural e político (Araújo, 1994).

Os desportos de combate em *Full Contact*, pela sua essência, capacidades de transformação e desenvolvimento que promove nos seus praticantes, acarretam responsabilidades acrescidas aos treinadores. Para que os seus conhecimentos não sejam usados em proveito de situações ilícitas, abusivas ou fomentadoras de violência e conflitos, os treinadores devem desenvolver competências de responsabilidade, de carácter e de consciência moral, zeladora de valores éticos, sociais e deontológicos, contribuindo para que o fenómeno desportivo cumpra na sua plenitude o seu relevante papel no desenvolvimento humano e da sociedade. Pois, “o desporto tem a grande capacidade de produzir rufias e malfeitores, bem como bons cidadãos e santos” (Evans 1994, citado por Horne, Tomlinson & Whannel, 1999: 154).

No fenómeno desportivo, devido ao poder de influência que os treinadores têm nos seus atletas, estes devem, de acordo com Anshel (1991) citado por Serpa (1995), assumir-se como os principais reguladores do comportamento dos seus praticantes, não só ensinando e promovendo os valores do espírito desportivo ou princípios das artes marciais, como de o praticarem em todas as situações (Gonçalves, 1990).

Conclusão

Um conjunto de qualidades no âmbito das competências, ao nível da ética profissional, liderança, capacidade técnico-tática e gestão psicológica, é imprescindível para exercer adequadamente a função de treinador de Desportos de Combate. Estas são condições fundamentais para promover uma formação integral dos atletas ao nível dos domínios de aprendizagem motora, cognitiva e socioafetiva, que concretize objetivos de otimizar ou maximizar, atingindo a excelência, contribuindo no desenvolvimento humano, social e desportivo.

Na verdade, para desempenhar as funções de treinador, independentemente de ser *expert* nos Desportos de Combate, deve-se, de acordo com a Comissão das Comunidades Europeias (2007), “...aumentar o nível geral das competências, oferecendo e incentivando um ensino e formação iniciais e contínuos para desenvolver aptidões e competências da maior qualidade, e mesmo de excelência, de modo a manter e a reforçar a capacidade de inovar”. A formação deve ser promovida na sua total conceção, através de uma intervenção que vise uma modificação nos domínios dos saberes, do saber-fazer e do saber-ser do indivíduo em formação, como definido por Perrenoud (1995). Em conformidade, os treinadores poderão ser mais competentes, apresentando maiores níveis de capacidade de reflexão crítica e de inovar, desenvolvida num processo dinâmico a par dos conhecimentos adquiridos em diferentes contextos.

De facto, os resultados obtidos no presente estudo evidenciam que a formação académica na área do desporto deve ser valorizada, no que respeita à necessária transmissão e assimilação de competências específicas das ciências do desporto. Pois, revelou ser qualificadora da capacidade de autoavaliação das qualidades do treinador, o que expressa maiores níveis de segurança e competência na intervenção profissional. Porém, observou-se que os treinadores, sendo todos *experts*, apresentaram níveis elevados de autoavaliação técnico-tática como resultado do fator tempo dedicado à prática da modalidade, apesar da sua maioria não possuir formação de treinador nas federações desportivas (UPD). Deste modo, conforme provado no estudo, a experiência profissional definiu-se também como relevante fator na elevação da competência,

devido assim o currículo prático-desportivo ser devidamente ponderado no que respeita à avaliação e reconhecimento de treinador de Desportos de Combate.

Os fatores das competências foram classificados em concordância de todos os inquiridos com a seguinte ordem: 1º capacidade técnico-tática e gestão psicológica; 2º liderança; 3º ética profissional. No entanto, foram os treinadores com formação académica na área do desporto que mais valorizaram cada uma das referidas competências, apresentando também maior homogeneidade percetiva, o que significa maior segurança na autoavaliação das próprias competências, podendo ser o reflexo dos regulares conhecimentos e competências adquiridas através das áreas curriculares dos percursos académicos.

A capacidade técnico-tática e gestão psicológica revelou-se fator privilegiado para a intervenção pedagógica nos Desportos de Combate. De acordo com as suas características, a exemplo do *Ultimate Full Contact*, esta é a capacidade preponderante para dominar processos cognitivos de extrema complexidade devido ao vasto e variado reportório técnico-tático, aplicado a um elevado grau de imprevisibilidade, variabilidade e tenacidade das lutas, associado a um alto esforço volitivo e condicional. Por outro lado, o saber-fazer, nomeadamente ao nível da aptidão por parte do treinador para executar as técnicas específicas da modalidade, é um fator decisivo no ensino da técnica e da tática, permitindo melhores níveis de motivação, compreensão e apropriação por parte dos atletas.

Apesar do fator ética profissional ter sido o menos valorizado, apresentou contudo uma das suas qualidades, “ser responsável”, como a mais percecionada neste estudo, o que é bastante congruente com o papel de treinador no fenómeno desportivo, o qual desempenha um processo de transformação e de relações sociais contribuindo para uma coerência de competências. Note-se que os Desportos de Combate, pela sua essência e capacidade de transformação, acarretam níveis elevados de responsabilidade para que a sua aprendizagem não seja usada de forma imprópria para a sociedade. Além disso, o seu ensino tem por base a transmissão de princípios morais e valores éticos das Artes Marciais.

Tendo por referência as hipóteses formuladas inicialmente e os resultados, conclui-se:

Hipóteses

H1 – A autopercepção por parte de treinadores *experts*, sobre as competências de um treinador, é indiferente em função da formação académica na área do desporto. Não se confirma, embora os dois subgrupos de treinadores valorizem pela mesma ordem de importância os três fatores das competências referentes às vinte qualidades em estudo, registaram-se diferenças estatisticamente significativas. Os treinadores com formação académica na área do desporto têm uma percepção mais elevada e homogênea das competências que devem ser do treinador. Evidenciaram um pensamento assente em conhecimentos científico-pedagógicos, no entanto articulado com um pensamento técnico-didático, podendo resultar da aquisição de conhecimentos e competências em contexto académico e enriquecido pela experiência profissional. Apresentaram, subjacente à autopercepção, um conjunto de qualidades distintas que devem preexistir em sincronia para desempenhar as funções de treinador de forma eficiente e eficaz. Por sua vez, os treinadores sem formação académica apresentaram uma autopercepção de cariz mais tecnicista, ou seja, técnico-prática, devendo-se aos conhecimentos adquiridos pela prática, o que é revelado pelo facto de privilegiarem destacadamente apenas a qualidade “ter conhecimentos técnicos”.

H2 – A autopercepção dos treinadores sobre as competências é congruente com a percepção dos atletas. Comparando a globalidade dos treinadores com os atletas, a hipótese confirma-se, ambos os grupos valorizaram pela mesma ordem os três fatores das competências sem diferenças estatisticamente significativas. No entanto, os treinadores apresentaram níveis mais elevados e homogêneos de percepção sobre todas as competências, mas com valores muito próximos dos atletas, principalmente ao nível da liderança, fator preponderante na relação treinador-atleta, fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem ou treino-*performance*. A maior aproximação registou-se em função dos treinadores com formação académica na área do desporto, o que evidencia a relevância da formação superior em desporto na dicotomia treinador-atleta.

Reflexão crítica

Refletindo sobre a questão de como “Ser treinador de Desporto”, e analisando a definição de Desporto prescrita na Carta Europeia de Desporto (1992), que “entende por desporto todas as formas de atividade física que, através de uma participação organizada ou não, têm por objetivo a expressão ou a melhoria da condição física, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis”, deduz-se que o Desporto é uma atividade complexa que requer conhecimentos para se atingir os objetivos. Logo, há necessidade de se realizar formação de Treinadores de Desporto para se elevar a competência de quem organiza e conduz o processo de treino. Contudo, segundo a definição, entende-se que o desporto é para todos, podendo ser praticado de várias formas, com diferentes objetivos e de carácter federativo ou não, ou seja, ser treinador de desporto não deve ser sinónimo de vínculo federativo. Em conformidade, a responsabilidade da formação de treinador deve ser independente das federações, devendo ser única e exclusivamente da responsabilidade do próprio estado. Assim, para ser treinador de desporto, a formação não deverá ser através de cursos realizados nas federações, mas sim através das instituições de ensino superior. Tal normativa por parte do estado, ao delegar a responsabilidade da formação nas federações, resulta na obrigatoriedade de estar vinculado a uma determinada federação para ser treinador de desporto, gerando privilégios monopolistas, colocando os treinadores e os atletas ao serviço das federações e do próprio desporto, fazendo com que o desporto seja um fim em si mesmo e não um meio. Além disso, esta anomalia elevada pela falta de credibilidade técnica, científica e democrática por parte de algumas instituições federativas, facilita o surgimento de injustiças dentro do movimento associativo geradas pela sobreposição de outros interesses ao reconhecimento das competências/treinadores, conduzindo mesmo à exclusão. De facto, colocam-se em causa os ideais do desporto e o respeito pela diversidade dos Desportos de Combate, estrangulando a sua evolução em termos de crescimento e desenvolvimento equitativo e sustentado. Por outro lado, o atual modelo não dá a devida relevância à formação académica em Desporto ou Educação Física. Ou seja, no que respeita à progressão da carreira de treinador, não é considerado em nenhum

dos graus o requisito de formação acadêmica, variável que se revelou preponderante na autopercepção das competências no presente estudo.

Porém, é importante desenvolver competências particulares através de processos dinâmicos de trabalho que colaborem para um desenvolvimento racional e sustentado dos Desportos de Combate, assente nas suas origens e essência, com os seus valores, princípios e exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas. É igualmente importante saber e dominar os conhecimentos específicos dos Desportos de Combate, relacionados com as distintas tecnologias, dinâmicas, culturas e contextos. A “magia” intrínseca ao Desporto de Combate, que atrai e motiva os jovens para a sua prática, assenta precisamente na sua essência e carisma, onde as capacidades, habilidades e qualidades são desenvolvidas ao máximo, com repercussões bastante relevantes e positivas para a vida.

Recomendações

Como recomendação, independentemente da capacidade técnico-tática e gestão psicológica ter sido a competência mais valorizada, deve apostar-se também na formação da liderança e da ética profissional, como forma de consciencialização para o equilíbrio qualitativo do treinador ao nível de competências. Deve também refletir-se sobre a racionalização das decisões em matéria de política desportiva nacional no que respeita ao reconhecimento e formação dos treinadores. A formação, ao nível das ciências do desporto, é indispensável para o desempenho das funções de treinador e deve ser exclusivamente da responsabilidade do estado em parceria com as instituições de ensino superior. O fator tempo e as experiências relevantes nas modalidades devem ser respeitados no processo de reconhecimento aos graus de treinador. A formação académica na área do desporto deve constar como requisito obrigatório a partir de determinado grau de treinador.

Prolongamentos

Por fim, como prolongamento deste processo de conhecimento, salienta-se a pertinência de um estudo qualitativo que articule a autopercepção das competências obtidas com o desempenho dos treinadores, com o objetivo de analisar os saberes-autoavaliar-saberes e a inter-relação das competências inventariadas nos saberes, saberes-fazer e saberes-ser na aplicação prática. Também será relevante analisar e comparar a autopercepção e percepção dos treinadores e atletas sobre os estilos de liderança na relação treinador-atleta no contexto dos Desportos de Combate.

Bibliografia

Abraham A, Collins D, Martindale R. (2006). The coaching schematic: validation through expert coach consensus. *J Sport Sci*; 24(6):549-64.

Adelino, J.; Vieira, J. & Coelho, O. (1999). *Treino de Jovens: O que todos precisam saber*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva (Ed.), Secretaria de Estado do Desporto.

Almeida, P.; Rebelo, G. (2004). *A Era da Competência: Um novo paradigma para a Gestão de Recursos Humanos e o Direito do Trabalho*, Editora RH, Lisboa.

Araújo, J. M. (1994). *Ser Treinador*. Caminho, Lisboa.

Araújo, J. (1997). A atitude profissional do treinador. *Revista Treino desportivo* (pp. 3 – 10). Secretaria de Estado do Desporto.

Araújo, L. (1990). Ética, Sociedade Contemporânea e Desporto in J. Bento & A. Marques (Eds.) *Desporto, Ética, Sociedade – Atas do Fórum Desporto Ética Sociedade* (pp. 40-45). Porto: FCDEF-UP.

Batista, F.; Graça, A.; Matos, Z. (2008). Termos e características associadas à competência. Estudo comparativo de profissionais do desporto que exercem a sua atividade profissional em diferentes contextos de prática desportiva. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, Porto, v. 8, n. 3, p. 377-395.

Bento, J. (1998). *Desporto e Humanidade: O campo do possível*, Edição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bento, J. (2004). Ética e desporto: tradições e contradições. In: *DESPORTO: discurso e substância*. Porto: Campo das Letras. p.91-101. (Saberes do desporto, 2).

Carneiro, R. (1990). Discurso de Sua Excelência o Ministro da Educação in *Camara Municipal de Oeiras (Eds.) Atas do Seminário Internacional sobre o Espírito Desportivo* (pp. 7-9). Oeiras: Camara Municipal de Oeiras.

Carta europeia do desporto, 1992.

Carvalho, A. (1984). Organização e condução do processo de treino. Horizonte, vol. I. nº4. Pp. 111-114.

Casanova, J. (2003). Relação Treinador-Atleta – Estudo de características e comparação entre a relação de liderança treinador/atleta em desporto escolar/federado no contexto das Atividades Gimnicas. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa – FMH.

Castelo, J; Barreto, H; Alves, F; Santos, P; Carvalho, J; Vieira, J. (1996). Metodologia do Treino Desportivo, Edições FMH, Lisboa.

Chelladurai, P., & Saleh, S. D. (1980). Dimensions of leader behavior in sports: development of a leadership scale. Journal of Sport Psychology, 2, 34-45.

Chelladurai, P. (1990). Leadership in Sports: a review. International Journal of Sport Psychology, v. 21, p. 238-354.

Cid, L. (2006). Liderança no desporto. Tentativa de simplificar um processo complexo Revista Digital - Buenos Aires - Ano 11 - N° 103.

Clemente, F; Mendes, R. (2011). Aprender o jogo jogando: uma justificação transdisciplinar, Educação/Formação, exedra nº 5.

Comissão das Comunidades Europeias (2007). Melhorar as competências para o século XXI: Uma agenda para a cooperação europeia em matéria escolar, 726 final. 2 JO C 282 de 24.11.2007, p.12.

Demers, G.; Woodburn A,J.; Savard, C. (2006). The Development of an Undergraduate Competency-Based Coach Education Program. Sport Psychol; 20(2):162-73.

Feitosa, W. (2002). As competências específicas do Profissional de Educação Física: Um estudo Delphi Unpublished Master in Physical Education Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

Fleury, S. (s/d). Instrumentos de Avaliação Psicológica no Esporte, PH&T - Performance Humana &Tecnologia: 1-12.

Filho, R. A. F.; Maccariello, C. (2009). A preparação psicológica no esporte de alto nível. Sua importância no desempenho competitivo de lutadores de Mixed Martial Arts (MMA). Revista Digital efdeportes.com, 129: 1-23.

Garganta, J., Oliveira J., Murad, M. (2004). Desporto de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo (pp. 227-233, 235-238). Porto: Campo das Letras – Editores.

Gonçalves, C. A. (1990). O Espírito Desportivo como Fator de Educação in Camara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Lds.) Atas do Seminário Internacional sobre o Espírito Desportivo (pp. 13-26). Oeiras: Camara Municipal de Oeiras.

Gonçalves, C. A. (1998). O Espírito Desportivo e o Processo de Formação do Jovem Praticante in Camara Municipal de Oeiras & Livros Horizonte (Lds.) Desporto de Alta Competição Que Fair Play? (pp. 173-180). Lisboa: Horizonte.

Gréhaigne, J. E; Guillon, R. (1992). L'utilisation des jeux d'opposition a l'école. Revue de l'Education Physique, v.32, n. 2, p. 51-67.

Guzmán, J. I.; Asmar, N.; Ferreras J. R.; González, C. (1995). Ansiedad pré-competitiva y conductas de autocontrol en jugadores de futbol. Revista de Psicología del Deporte, v. 7-8: 7-17.

Horn, T.S. (1992). Advances in Sport Psychology. Illinois: Human Kinetics.

Horne, J.; Tomlinson, A. & Whannel, G. (1999). Understanding Sport An introduction to the sociological & cultural analysis of sport. London and New York: E & FN Spon, an imprint of Routledge.

Huberman, M. (1989). La Maîtrise Pédagogique à Différents Moments de la Carrière de l'Enseignant Secondaire, European Journal of Teacher Education, vol. 12, n° 1, pp. 35-41.

Jones, R.; Armour, K.; Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case-study of a top-level professional soccer coach. Sport Educ Soc; 8(2):213-29.

Konzag, I. (1983). A Formação Técnico-Tática nos Desportos Coletivos II Seminário Internacional de Desportos Coletivos – Espinho 1986.

Lorimer, R.; Jowett, S. (2009). Empathic accuracy, met perspective, and satisfaction in the coach-athlete relationship. *Journal of Applied Sport Psychology*, Chapel Hill, v.21, p.204-12.

Magalhães, É.; Arantes, C.A. (2009). A competência profissional e o professor de Educação Física. *Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 128*.

Maher, M.; Nicholles, J. (1980). Culture and Achievement Motivation: A second loock, in N. Warren (Ed.), *studies in cross-cultural psychology*, vol 3, pp. 221-267. New York: Academic Press.

Mahlo, F. (1966). *O acto tático*, Compendium, Lisboa.

Malaco, L, H. (2006). Formação de educadores: educação, currículo e competência profissional, *Revista Unifio*, ano V, n. 9, Jul./Dez. p. 57-60.

Martens, R. (1987). *Coaches Guide to Sport Psychology*. Champaign, Illinois, Human Kinetics.

Matos, Z. (2006). A utilidade da abordagem ética do desporto. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v.20, p.149-51.

Matveiev, L. (1991). *Fundamentos do Treino Desportivo*. Cultura Física. Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I. (1998). *A Instrução e estruturação das tarefas no treino de voleibol – Dissertação de doutoramento FADE, Universidade do Porto*.

Mesquita, I. (2005). *A pedagogia do Desporto. Planeamento*. 3ª Edição pp 37-39.

Nascimento, J. (1999). Escala de Auto percepção de competência profissional em Educação Física e Desportos. *Revista Paulista Educação Física*, 13(1), 5-21.

Nerici, I. (1985). *Educação e ensino*. Brasil.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

Pereira, D.; Cespo, F.; (2012). *Trabalho Mestrado Intervenção Pedagógica: Percepções sobre qualidades de um bom treinador*, Docentes: Professor Doutor Carlos Francisco, Mestre Jorge Casanova. ESCD – IPG.

Perrenoud, Ph. (1995). La fabrication de l'excellence scolaire: du curriculum aux pratiques d'evaluation. Geneve : Droz.

Pires, G. (2007). Agôn – Gestão do Desporto, O jogo de Zeus. Porto Editora.

Programa Nacional de Formação de Treinadores (2010), Edição: Instituto do Desporto de Portugal.

Renault, R. (1999). Pankration Originel, Periandre, França. Rosa, F. A.; Farto, R. E. (2007). Treinamento Desportivo: do ortodoxo ao contemporâneo. São Paulo, Phorte Editora.

Rosado, A. (1995). Breve reflexão sobre a Pedagogia do Desporto, in Estudos de Pedagogia do Desporto, nº3, Edições FMH-UTL, Lisboa

Rosado, A. (2000). Um perfil de competências do treinador desportivo. In: Sarmiento, P.; Rosado, A.; Rodrigues, J. Formação de treinadores desportivos. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior.

Rosado, A.; Mesquita, I. (2007). A formação para ser treinador. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

Saraiva, A (2013). Qualidades do treinador do Séc.XXI – Na perspetiva dos Vários Atores - Dissertação de Mestrado de Ciências do Desporto, Orientadores: Francisco, C.; Casanova; J. ESECD – IPG.

Sarmiento, P. (2004) Pedagogia do Desporto e Observação. FMH Edições, Cruz Quebrada.

Sarmiento, P. (2005). A função pedagógica do treinador - Uma abordagem comportamental. Treino Desportivo, pp. 46-51.

Savater, F. (1995). O conteúdo da felicidade: uma alegação reflexiva contra superstições e ressentimentos. Lisboa: Relógio d' Água.

Serpa, S. (1995). A Relação pessoal na díade treinador-atleta. Desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogénicos do treinador. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana (UTL) (trabalho não publicado).

Serpa, S. A. (1996). Relação treinador-atleta. In: Manual de Psicologia do Desporto. Lisboa: Editora S.H.O; p. 411-423.

Serpa, S. (1997). Treinador e liderança no desporto. In: Guillen, F. (ed.) La psicología del deporte em Espana al Final del Milênio. Las Palmas: Universidade de Las Palmas de Gran Canária.

Silva, J. (2009). O Treinador desportivo – Perfil e competências. Sintrasport

Smith, R. (1998). A Possitive approach to sport performance enhancement: Principles of reinforcemet and performance feedback, in Williams, J. (Eds.). Applied Sport Psychology – Personal growth to peak performance, (pp. 41-62). Mayfield Publishing Company, Moutain View, CA.

Smoll, F.; Smith, R. (1984). Leadership research in youth sports. In J. M. Silva, & R. S. Weinberg (Eds.), Psychological foundations of sport psychology (pp. 371-386). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Stoner, J.; Freeman, E. (1985). Administração. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.

Teixeira, S. (2005). Gestão das Organizações. Mc Graw Hill, Madrid.

Weinberg, R.S.; Gould, D. (2001). Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício. Porto Alegre: Artmed.

Weineck, J. (2001). Salud, ejercicio y deporte. 1º Edição. Editorial Paidotribo.

Weiss, M.; Chaumeton, N. (1992). Motivational Orientations in Sport, in T. Horn (Ed.). Advances in Sport Psychology, pp. 61-99, Champaign: Human Kinetics.

Federação Portuguesa de Full Contact (www.fpsfullcontact.com)

PDJ Instituto Português do Desporto e Juventude (PNFT – O modelo www.idesporto.pt)

WUFC World Ultimate Full Contact (www.ultimatefullcontact.com)

ANEXOS



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Questionário

Percepções sobre qualidades de um bom treinador

(Francisco, C.M. & Casanova, J., 2011)

Este inquérito tem como objectivo recolher informações acerca da percepção dos diferentes actores desportivos sobre as qualidades de um bom treinador.

Tenha em consideração que não existem respostas certas ou erradas e que a confidencialidade e anonimato, das suas respostas, estão assegurados.

Data de Nascimento	Género
-----	Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/>

Habilitações	
Área do desporto ou educação física	Outras áreas
Licenciatura <input type="checkbox"/>	Licenciatura <input type="checkbox"/>
Mestrado <input type="checkbox"/>	Mestrado <input type="checkbox"/>
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Doutoramento <input type="checkbox"/>
Outro _____	Outro _____

Responde no papel de Treinador

Treinador <input type="checkbox"/> Grau _____ Atleta <input type="checkbox"/>	Experiência profissional < 10 Anos <input type="checkbox"/> ≥ 10 Anos <input type="checkbox"/>	Modalidade _____
--	--	---------------------



Instituto Politécnico da Guarda

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

Gostaríamos de saber o seu grau de concordância relativamente às afirmações abaixo transcritas. Por favor, assinale com uma **cruz (X)** a opção que melhor corresponde ao seu caso pessoal. Para cada afirmação escolha a opção com que mais se identificar: **1. Discordo totalmente; 2. Discordo; 3. indiferente; 4. Concordo; 5. Concordo totalmente.**

Para mim um treinador deve...

Ser responsável	① ② ③ ④ ⑤
Ser pontual	① ② ③ ④ ⑤
Tratar de igual forma todos os atletas respeitando as diferenças individuais.	① ② ③ ④ ⑤
Ter capacidade de resolução de problemas	① ② ③ ④ ⑤
Ter respeito	① ② ③ ④ ⑤
Ter conhecimentos técnicos	① ② ③ ④ ⑤
Ter capacidade de motivar os atletas para o treino e competição	① ② ③ ④ ⑤
Revelar conhecimento dos atletas	① ② ③ ④ ⑤
Ser dedicado	① ② ③ ④ ⑤
Ter conhecimentos táticos	① ② ③ ④ ⑤
Actuar de acordo com princípios éticos	① ② ③ ④ ⑤
Saber gerir os conflitos no seio da equipa/clube	① ② ③ ④ ⑤
Saber influenciar positivamente os atletas	① ② ③ ④ ⑤
Ser aplicado	① ② ③ ④ ⑤
Saber fazer a gestão psicológica do treino e da competição	① ② ③ ④ ⑤
Transmitir confiança a atletas e pais	① ② ③ ④ ⑤
Ser compreensivo	① ② ③ ④ ⑤
Primar pela qualidade do trabalho apresentado – inovador e surpreendente	① ② ③ ④ ⑤
Ser organizado	① ② ③ ④ ⑤
Oportuno nas repreensões e chamadas de atenção aos atletas – disciplinador	① ② ③ ④ ⑤

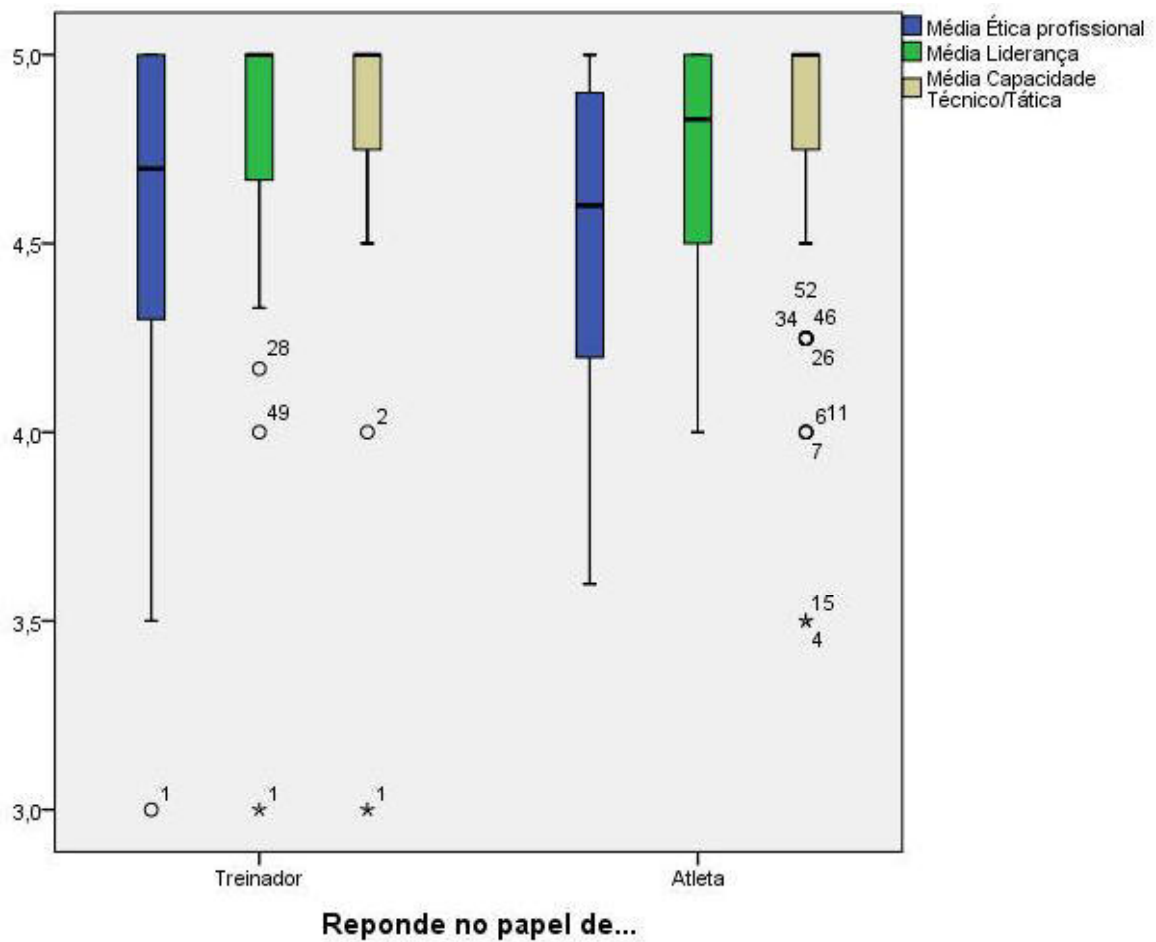
Obrigado pela sua colaboração

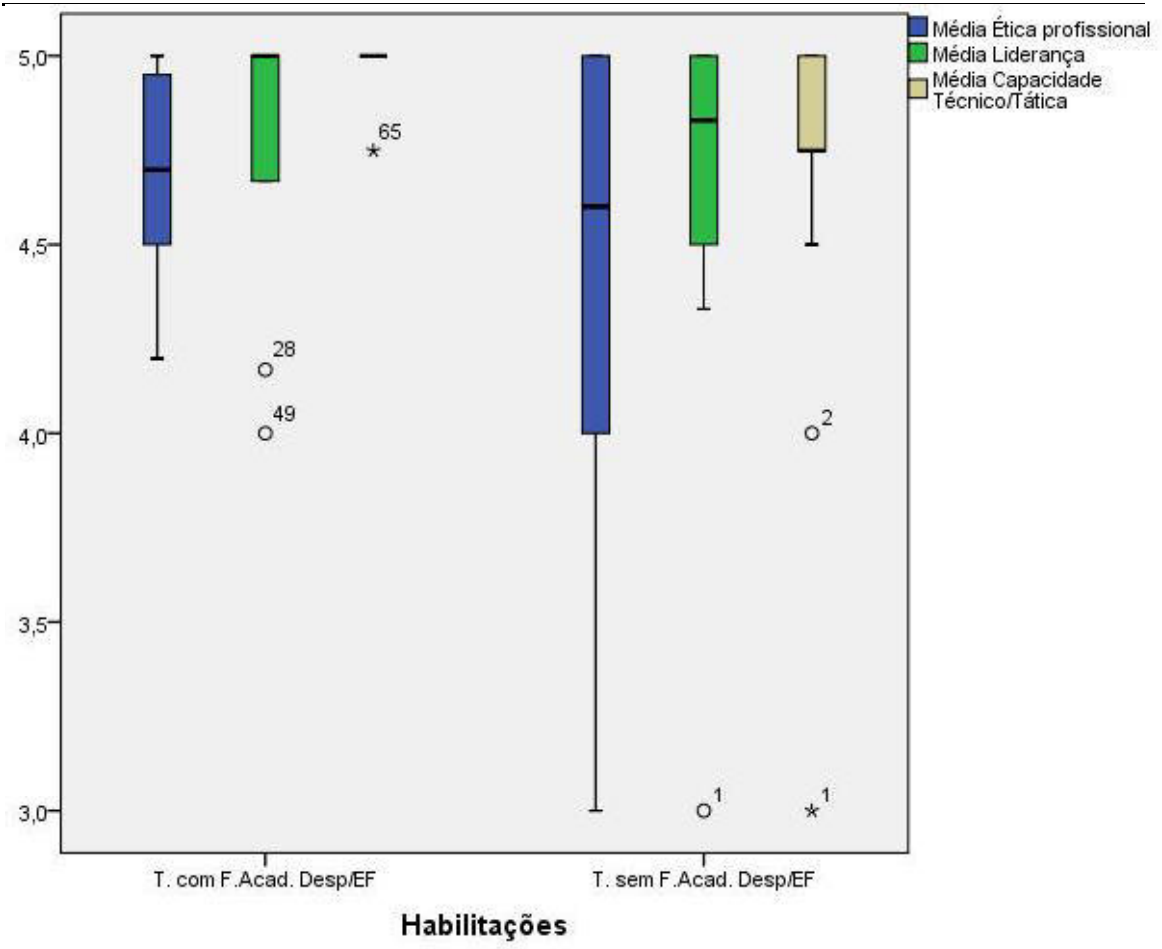
Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Masculino	119	83,8	83,8	83,8
Valid Feminino	23	16,2	16,2	100,0
Total	142	100,0	100,0	

Responde no papel de...

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Treinador	30	21,1	21,1	21,1
Valid Atleta	112	78,9	78,9	100,0
Total	142	100,0	100,0	





Média Ética profissional Média Liderança Média Capacidade Técnico/Tática * Habilitações

Report

Habilitações		Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática
T. com F.Acad. Desp/EF	Mean	4,7067	4,7900	4,9833
	N	15	15	15
	Std. Deviation	,25204	,32326	,06455
	% of Total Sum	51,5%	50,6%	51,6%
T. sem F.Acad. Desp/EF	Mean	4,4267	4,6773	4,6833
	N	15	15	15
	Std. Deviation	,63972	,52125	,53841
	% of Total Sum	48,5%	49,4%	48,4%
Total	Mean	4,5667	4,7337	4,8333
	N	30	30	30
	Std. Deviation	,49850	,43000	,40648
	% of Total Sum	100,0%	100,0%	100,0%

ANOVA Table

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Média Ética profissional * Habilitações	Between Groups (Combined)	,588	1	,588	2,488	,126
	Within Groups	6,619	28	,236		
	Total	7,207	29			
Média Liderança * Habilitações	Between Groups (Combined)	,095	1	,095	,506	,483
	Within Groups	5,267	28	,188		
	Total	5,362	29			
Média Capacidade Técnico/Tática * Habilitações	Between Groups (Combined)	,675	1	,675	4,591	,041
	Within Groups	4,117	28	,147		
	Total	4,792	29			

Measures of Association

	Eta	Eta Squared
Média Ética profissional * Habilitações	,286	,082
Média Liderança * Habilitações	,133	,018
Média Capacidade Técnico/Tática * Habilitações	,375	,141

**Média Ética profissional Média Liderança Média Capacidade
Técnico/Tática * Responde no papel de...**

Report

Responde no papel de...	Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática	
Treinador	Mean	4,5667	4,7337	4,8333
	N	30	30	30
	Std. Deviation	,49850	,43000	,40648
	% of Total Sum	21,2%	21,2%	21,3%
Atleta	Mean	4,5455	4,7259	4,7790
	N	112	112	112
	Std. Deviation	,37964	,29515	,31613
	% of Total Sum	78,8%	78,8%	78,7%
Total	Mean	4,5500	4,7275	4,7905
	N	142	142	142
	Std. Deviation	,40577	,32653	,33638
	% of Total Sum	100,0%	100,0%	100,0%

ANOVA Table

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Média Ética profissional * Reponde no papel de...	Between Groups (Combined)	,011	1	,011	,064	,801
	Within Groups	23,204	140	,166		
	Total	23,215	141			
Média Liderança * Reponde no papel de...	Between Groups (Combined)	,001	1	,001	,013	,908
	Within Groups	15,032	140	,107		
	Total	15,033	141			
Média Capacidade Técnico/Tática * Reponde no papel de...	Between Groups (Combined)	,070	1	,070	,615	,434
	Within Groups	15,885	140	,113		
	Total	15,955	141			

Measures of Association

	Eta	Eta Squared
Média Ética profissional * Reponde no papel de...	,021	,000
Média Liderança * Reponde no papel de...	,010	,000
Média Capacidade Técnico/Tática * Reponde no papel de...	,066	,004

T-TEST

	Habilitações	Statistic	Bootstrap ^a				
			Bias	Std. Error	95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
Média Ética profissional		N	15				
		Mean	4,7067	,0027	,0622	4,5875	4,8357
	T. com F.Acad.	Std. Deviation	,25204	-	,03740	,16642	,30966
	Desp/EF	Std. Error	,06508	,01211			
		Mean					
		N	15				
		Mean	4,4267	-,0028	,1719	4,0589	4,7272
	T. sem F.Acad.	Std. Deviation	,63972	-	,11528	,36783	,80953
	Desp/EF	Std. Error	,16517	,03278			
		Mean					
Média Liderança		N	15				
		Mean	4,7900	,0045	,0804	4,6234	4,9340
	T. com F.Acad.	Std. Deviation	,32326	-	,07893	,13663	,42510
	Desp/EF	Std. Error	,08347	,02729			
		Mean					
		N	15				
		Mean	4,6773	-,0016	,1356	4,3585	4,8889
	T. sem F.Acad.	Std. Deviation	,52125	-	,19610	,17884	,81544
	Desp/EF	Std. Error	,13459	,05287			
		Mean					
Média Capacidade Técnico/Tática		N	15				
		Mean	4,9833	-,0006	,0167	4,9423	5,0000
	T. com F.Acad.	Std. Deviation	,06455	-	,03857	,00000	,10931
	Desp/EF	Std. Error	,01667	,01435			
		Mean					
	N	15					
	Mean	4,6833	-,0020	,1435	4,3410	4,9038	
Desp/EF	Std. Error						

Std.	,53841	-	,20002	,12660	,81710
Deviation		,05523			
Std. Error	,13902				
Mean					

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 1000 bootstrap samples

Group Statistics

	Reponde no papel de...	Statistic	Bootstrap ^a			
			Bias	Std. Error	95% Confidence Interval	
					Lower	Upper
Média Ética profissional	N	30				
	Mean	4,5667	-,0021	,0938	4,3553	4,7357
	Treinador Std. Deviation	,49850	-,01558	,09155	,30604	,66100
	Std. Error	,09101				
	Mean					
	N	112				
	Mean	4,5455	,0013	,0355	4,4732	4,6126
	Atleta Std. Deviation	,37964	-,00273	,01965	,34061	,41568
Média Liderança	Std. Error	,03587				
	Mean					
	N	30				
	Mean	4,7337	-,0007	,0787	4,5662	4,8764
	Treinador Std. Deviation	,43000	-,02477	,12081	,20867	,63925
	Std. Error	,07851				
	Mean					
	N	112				
Mean	4,7259	,0012	,0275	4,6726	4,7801	
Média Capacidade Técnico/Tática	Atleta Std. Deviation	,29515	-,00204	,01608	,26108	,32457
	Std. Error	,02789				
	Mean					
	N	30				
	Mean	4,8333	-,0020	,0764	4,6548	4,9516
	Treinador Std. Deviation	,40648	-,03470	,15202	,10541	,65409
	Std. Error	,07421				
	Mean					
N	112					
Atleta Mean	4,7790	,0008	,0299	4,7167	4,8378	

Std. Deviation	,31613	-,00434	,03670	,24566	,38823
Std. Error	,02987				
Mean					

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 1000 bootstrap samples

One-Way ANOVA

Habilitações

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Média Ética profissional	Between Groups	,588	1	,588	2,488	,126
	Within Groups	6,619	28	,236		
	Total	7,207	29			
Média Liderança	Between Groups	,095	1	,095	,506	,483
	Within Groups	5,267	28	,188		
	Total	5,362	29			
Média Capacidade Técnico/Tática	Between Groups	,675	1	,675	4,591	,041
	Within Groups	4,117	28	,147		
	Total	4,792	29			

Responde no papel de...

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Média Ética profissional	Between Groups	,011	1	,011	,064	,801
	Within Groups	23,204	140	,166		
	Total	23,215	141			
Média Liderança	Between Groups	,001	1	,001	,013	,908
	Within Groups	15,032	140	,107		
	Total	15,033	141			
Média Capacidade Técnico/Tática	Between Groups	,070	1	,070	,615	,434
	Within Groups	15,885	140	,113		
	Total	15,955	141			

Significance level 0,05

Treinadores com FA EF Desp

Report

TcomFA EF D		Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática
	Mean	4,7067	4,7900	4,9833
1,00	N	15	15	15
	Std. Deviation	,25204	,32326	,06455
	Mean	4,7067	4,7900	4,9833
Total	N	15	15	15
	Std. Deviation	,25204	,32326	,06455

Atletas

Report

Atletas		Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática
	Mean	4,5455	4,7259	4,7790
2,00	N	112	112	112
	Std. Deviation	,37964	,29515	,31613
	Mean	4,5455	4,7259	4,7790
Total	N	112	112	112
	Std. Deviation	,37964	,29515	,31613

Treinadores sem FA EF Desp

Report

TsemFAEFDesp		Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática
	Mean	4,4267	4,6773	4,6833
2	N	15	15	15
	Std. Deviation	,63972	,52125	,53841
	Mean	4,4267	4,6773	4,6833
Total	N	15	15	15
	Std. Deviation	,63972	,52125	,53841

T-Test

Group Statistics

	Categoria	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Média Ética profissional	T. com F.Acad.	15	4,7067	,25204	,06508
	Desp/EF				
Média Liderança	Atletas	112	4,5455	,37964	,03587
	T. com F.Acad.	15	4,7900	,32326	,08347
Média Capacidade Técnico/Tática	Desp/EF				
	Atletas	112	4,7259	,29515	,02789
	T. com F.Acad.	15	4,9833	,06455	,01667
	Desp/EF				
	Atletas	112	4,7790	,31613	,02987

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Média Ética profissional	Equal variances assumed	6,125	,015	1,594	125	,113	,16113	,10106	-,03887	,36114
	Equal variances not assumed			2,168	23,527	,040	,16113	,07431	,00760	,31466
Média Liderança	Equal variances assumed	,010	,922	,781	125	,436	,06411	,08205	-,09829	,22650

	Equal variances not assumed			,728	17,274	,476	,06411	,08800	-	,24955
	Equal variances assumed								,12134	
Média	Equal variances assumed	14,395	,000	2,488	125	,014	,20432	,08212	,04179	,36685
Capacidade Técnico/Tática	Equal variances not assumed			5,973	107,935	,000	,20432	,03421	,13651	,27212

Group Statistics

	Categoria	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Média Ética profissional	T. sem F.Acad.	15	4,4267	,63972	,16517
	Desp/EF				
Média Liderança	Atletas	112	4,5455	,37964	,03587
	T. sem F.Acad.	15	4,6773	,52125	,13459
Média Capacidade Técnico/Tática	Desp/EF				
	Atletas	112	4,7259	,29515	,02789
Média Capacidade Técnico/Tática	T. sem F.Acad.	15	4,6833	,53841	,13902
	Desp/EF				
	Atletas	112	4,7790	,31613	,02987

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances	t-test for Equality of Means								
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
									Lower	Upper
Média Ética profissional	Equal variances assumed	12,682	,001	-1,037	125	,302	-,11887	,11463	-,34573	,10800

Média Liderança	Equal variances not assumed			-,703	15,348	,492	-,11887	,16902	-	,24069
	Equal variances assumed	2,781	,098	-,538	125	,592	-,04856	,09027	-	,13009
	Equal variances not assumed			-,353	15,225	,729	-,04856	,13745	-	,24403
Média Capacidade Técnico/Tática	Equal variances not assumed			-	125	,319	-,09568	,09572	-	,09376
	Equal variances assumed	2,468	,119	1,000					-	,28513
	Equal variances not assumed			-,673	15,319	,511	-,09568	,14219	-	,20684

Report

Categoria		Média Ética profissional	Média Liderança	Média Capacidade Técnico/Tática
T. com F.Acad. Desp/EF	Mean	4,7067	4,7900	4,9833
	N	15	15	15
	Std. Deviation	,25204	,32326	,06455
T. sem F.Acad. Desp/EF	Mean	4,4267	4,6773	4,6833
	N	15	15	15
	Std. Deviation	,63972	,52125	,53841
Atletas	Mean	4,5455	4,7259	4,7790
	N	112	112	112
	Std. Deviation	,37964	,29515	,31613
Total	Mean	4,5500	4,7275	4,7905
	N	142	142	142
	Std. Deviation	,40577	,32653	,33638

Report

Mean

Categoria	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12	Q13	Q14	Q15	Q16	Q17	Q18	Q19	Q20
T. com F.Acad. Desp/EF	5,00	4,93	5,00	4,87	5,00	4,87	4,80	4,40	4,80	4,87	5,00	4,60	4,73	4,67	4,53	4,60	4,53	4,80	4,87	4,87
T. sem F.Acad. Desp/EF	4,73	4,53	4,67	4,60	4,80	4,87	4,53	4,13	4,47	4,60	4,73	4,67	4,73	4,53	4,47	4,33	4,27	4,20	4,53	4,67
Atletas	4,92	4,58	4,84	4,65	4,78	4,90	4,69	4,30	4,54	4,83	4,59	4,54	4,81	4,57	4,56	4,59	4,37	4,61	4,67	4,58
Total	4,91	4,61	4,84	4,67	4,80	4,89	4,68	4,30	4,56	4,81	4,65	4,56	4,80	4,58	4,55	4,56	4,37	4,58	4,68	4,62

Group Statistics

	Sexo Atletas	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Idade	Masculino	92	24,89	8,205	,855
	Feminino	20	21,35	1,785	,399

Idade * Sexo Atletas

Idade

Sexo	Mean	N	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Masculino	24,89	92	8,205	18	60
Feminino	21,35	20	1,785	18	25
Total	24,26	112	7,589	18	60

Treinadores

Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	27	90,0	90,0
	Feminino	3	10,0	100,0
Total	30	100,0	100,0	